

O aspecto vocal no rádio jornalismo*

Mariana Forbes Bessa

2004

Índice

1	Aparecimento e Evolução da Rádio.	6
2	A voz e o estilo radiofónico	10
3	O rádio jornalismo e a voz	16
4	O animador e o seu surgimento no contexto radiofónico	20
5	Metodologia	22
5.1	Problemática	22
5.2	Hipóteses	22
5.3	Procedimentos metodológicos	23
6	As escolhas dos directores de informação	33
6.1	Análise dos resultados das entrevistas aos directores de informação	33
7	A perspectiva dos profissionais da voz	39
7.1	Análise dos resultados das entrevistas aos animadores	39
8	Do uso à construção da voz	48
8.1	Análise dos resultados das entrevistas aos professores de técnica vocal	48
9	Conclusões das entrevistas	53
10	Análise dos dados	55

*Tese de licenciatura apresentada no curso de Comunicação Social, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade Nova de Lisboa. Ano lectivo 2003/2004.

10.1	Frequências das variáveis sociográficas	56
10.1.1	Frequência da variável Classifique a voz que ouviu	58
10.1.2	Frequências das variáveis Das vozes masculinas que teve oportunidade de ouvir qual a que lhe agradou mais e Das vozes femininas que teve oportunidade de ouvir qual lhe agradou mais.	60
10.2	Vozes masculinas	63
10.2.1	Cruzamento das variáveis classifique a voz que ou- viu com sexo e habilitações literárias	64
10.3	Vozes Femininas	66
11	Conclusão	68
12	Bibliografia	72
13	Anexos	76

Agradecimentos

Antes de mais quero agradecer à minha orientadora Dr^a Carla Cruz pelo empenho e acompanhamento que dedicou a este trabalho e sem os quais não teria sido possível levar esta pesquisa a bom porto.

Agradeço também aos meus nove entrevistados: os directores de informação – Dr^o Francisco Sarsfield Cabral, Luís Marinho, José Mendes e ao José Fragoso - aos animadores/jornalistas – Pedro Ribeiro, Isabel Pinto e Miguel Fernandes - e ao Jorge Alves e Glória de Matos, que tão prontamente se disponibilizaram para me fornecer as informações necessárias que tornaram este trabalho concretizável. Bem como à Susana Branco pela disponibilidade e aos quatro rádio jornalistas que gentilmente me cederam as suas vozes.

Não posso esquecer as minhas colegas e amigas Sofia Aureliano, Carina Sequeira e Rita Silva com quem construí o princípio e uma parte tão importante deste Seminário de Investigação, deixando aqui um sincero e sentido obrigado pela força e amizade que sempre manifestaram.

E como este é também o fim de uma etapa de quatro anos intensos, quero agradecer aos amigos que fiz na turma de Comunicação Social de 2000/2004, pelos bons momentos e pelas tantas aventuras e desventuras que partilhamos.

Também por isso, tenho que referir e agradecer aos meus pais por acreditarem em mim, por me darem força, carinho e um incondicional amor sem o qual não era possível estar aqui hoje.

Quero deixar também um sentido obrigado a todos os meus amigos e conhecidos que de alguma forma tiveram alguma intervenção nesta pesquisa ou que simplesmente ofereceram a sua amizade e apoio, não só ao longo da realização desta pesquisa, mas ao longo da minha vida.

Introdução

“Um dia um cego, ouvinte fiel, quis conhecer o sítio onde eram feitas as notícias e aqueles que ali trabalhavam. Mas antes de entrar fez um pedido, algo embaraçado: havia uma ou duas pessoas que ele na verdade não queria conhecer, porque por aquilo que ouvia, não lhe inspiravam confiança!” (MENESES, 2003:108).

A Rádio como meio encontra na voz o seu veículo privilegiado, aquele que lhe permite chegar aos ouvintes, que amputados de todos os outros sentidos como a visão ou o olfacto encontram um espaço de criação nesta ausência, que constitui no fundo a própria especificidade da rádio.

Daí e por os estudos nesta e noutras áreas ligadas á Rádio serem escassos, decidimos explorar o peso da voz na prática do rádio jornalismo. Tivemos em conta todo o contexto actual, bem como as particularidades deste meio de comunicação de massas que já tantas cartas deu no mercado mediático, mas que se teve de reinventar para conseguir sobreviver, em contextos fortemente concorrenciais, onde o auditório também se segmentou.

Não negamos o fascínio que este meio de comunicação sobre nós exerce e que este tenha sido um dos impulsionadores desta pesquisa, numa tentativa de desmistificação de certos aspectos que seriam dados no passado como adquiridos. No entanto, no decorrer e final do trabalho estarão bem mais nítidos, tendo mesmo mudado a nossa visão sobre a prática do rádio jornalismo e do peso que a voz terá nesta prática profissional.

O desenvolvimento deste estudo será feito com base em cinco linhas de orientação: em primeiro lugar, o peso da voz nas opções dos directores de informação; em segundo lugar a opinião e entendimento dos rádio jornalistas da sua voz e como esta condiciona o seu desempenho profissional, a visão dos professores de técnica vocal e a sua percepção à cerca da voz e qual o seu pa-

pel na comunicação de massas, e por último o auscultamento das escolhas e preferências dos ouvintes.

Como fundamento metodológico deste estudo, para além do recurso à pesquisa bibliográfica, analisaremos as entrevistas semidirectivas e exploratórias aos quatro directores de informação, bem como as de três jornalistas/animadores e de dois professores de técnica vocal. Com base nos dados daqui retirados realizaremos um pequeno painel com 20 pessoas, às quais pediremos para escutarem quatro vozes de rádio jornalistas e posteriormente, o preenchimento de um Inquérito por questionário.

Este procedimento metodológico, que é no fundo todo o culminar da nossa pesquisa, traduzirá o peso d' *O Aspecto Vocal no Rádio Jornalismo* e permitir-nos-à chegar a resultados mais completos, nos quais as entrevistas já referidas terão um papel de complementariedade das conclusões aferidas.

O ponto de partida teórico para este trabalho foi um estudo realizado por Emma Rodero, Professora da Universidad Pontificia de Salamanca, intitulado *El Tono de la voz masculina e feminina en los informativos radiofónicos: Un análisis comparativo?* Artigo apresentado no Congreso Internacional Mujeres, Hombres y Médios de Comunicación, em Valladolid, em Novembro de 2001 e que resultou de uma investigação com um painel seleccionado, a que se propunha o escutar de uma série de vozes masculinas e femininas com diferentes tons, lendo notícias para rádio, e cujo objectivo era determinar quais as vozes mais agradáveis para a informação radiofónica e procurar explicar a razão das escolhas. Chegou-se à conclusão que as vozes preferidas pelos ouvintes são aquelas que se situam num registo grave- para os homens- e grave e médio-grave, no que respeita às mulheres.

Partindo destes pressupostos, ao longo deste Seminário de Investigação tencionamos perceber qual a real importância da voz no meio Rádio, qual o seu espaço nos critérios de selecção dos rádio jornalistas e se a sua importância ainda é a mesma.

Partimos assim para a pesquisa com a plena consciência que as mudanças que se fizeram sentir nas últimas décadas foram decisi-

vas para todos os meios de comunicação de massas e que a Rádio não sendo excepção, necessitou de procurar uma nova identidade, que lhe permitisse subsistir e cativar os investimentos publicitários.

É neste contexto que procuraremos perceber qual a influência da voz dos profissionais da Rádio na percepção das mensagens por parte dos ouvintes, se a própria utilização da voz por parte das chefias e dos jornalistas se modificou e mais importante que isso, como mudou, qual o rumo que tomou e o seu papel nesta nova Rádio que se adaptou à Era da Informação rápida, da Internet e da concorrência feroz que caracteriza o mercado mediático.

1 Aparecimento e Evolução da Rádio.

“Uma gazeta que aboliu o papel e as distâncias” é a definição de Lenine para o meio rádio. Idealizada em 1895, pelo talentoso cientista Alexandre Popov, como *“(...) um novo médium técnico susceptível de expandir a transmissão de comunicações e de facilitar o convívio humano, através da difusão sem fios de informações e de vastas possibilidades de contacto de longo alcance, a rádio não tardou a afirmar-se como importante factor da vida pública”*.(MINKOV, 1983:7)

Porém, a rádio apenas se afirmou quando lhe foi dado um uso social, cristalizando-se numa nova instituição social, a partir do final da Primeira Guerra Mundial com a utilização em massa pelos rádios amadores que realizavam experiências de transmissões como actividade de lazer, não despertando qualquer interesse comercial ou de estado. Desenvolveu-se como meio de comunicação de massas no início dos anos 20, quando um funcionário da empresa norte americana Westinghouse sugeriu à direcção que esta realizasse uma emissão regular, para assim servir de motivação para a compra dos receptores que fabricava. A empresa não reconheceu qualquer interesse comercial na emissão em si.

Este funcionário chamava-se Frank Conrad e era um radio-amador que produzia um programa musical na garagem de sua casa e já tinha conquistado um número considerável de fiéis ouvintes. Com o começo das emissões na empresa onde trabalhava, Conrad transferiu o seu estúdio para a Westinghouse e inaugurou a primeira emissora profissional do mundo no dia 2 de Novembro de 1920, transmitindo oito horas seguidas de programa, emitindo os resultados das eleições presidenciais americanas. Em 1923, existiam mais de quinhentas emissoras profissionais licenciadas na América do Norte.

Com a profissionalização, as rádios norte-americanas começaram a explorar a venda de espaços publicitários no tempo de antena. A abertura de mais emissoras montadas por outras empresas americanas levou a que a American Newspaper Publishers Association concluísse em 1927 que as emissões radiofónicas aumentavam as vendas de jornais, o que veio contribuir ainda mais para a proliferação das rádios nos EUA e para a consagração deste meio de comunicação de massas.

Porém, com o crash da Bolsa de Nova Iorque em 1929, assistiu-se uma competição feroz entre os jornais e as rádios que lutavam desenfreadamente pelos escassos investimentos publicitários que desapareciam a olhos vistos. Devido a isso, as emissões de blocos informativos foram restringidas para duas emissões diárias e só podiam entrar no ar quando os jornais tivessem saído.

Esta situação só veio a ser alterada no decorrer da Segunda Guerra Mundial quando a rádio começou a ser utilizada para fins propagandísticos e de uso social e mesmo assim ainda subsistiram algumas reservas impostas aos blocos informativos radiofónicos. “*Em Portugal, na década de 60 a rádio considerava que não devia competir com os jornais*” (MEDITSCH,1996.12), no Brasil também aconteceu o mesmo e o rádio jornalismo foi implementado com a máxima “*a imprensa é a análise, a rádio é a síntese*” (Idem, Ibidem).

Os anos 30 e 40 foram as décadas douradas da Rádio, esta ocupou uma posição hegemónica entre os restantes meios de co-

municação social, sobretudo com um meio de entretenimento por excelência e de propaganda, ascendendo ao patamar de “...oitava arte, nadou em recursos económicos e desenvolveu como nunca as suas potencialidades, como centro das atenções de artistas e intelectuais.” (Ibidem:12)

A rádio é assim fruto da época histórica e das relações existentes. “Com todas as suas realizações, a rádio desempenha o papel de laço invisível, mas forte, entre o indivíduo e a sociedade, e constitui parte integrante desse fenómeno essencial e activo que, em abstracto, se denomina opinião pública” (MINKOV, 1983:7)

Com o aparecimento da televisão como meio de comunicação de massas e, mais recentemente, dos novos media, a Rádio perdeu o seu espectro dominante mas de qualquer forma não perdeu o seu estatuto de instituição social reinventando-se num espaço só seu, aliado às novas tecnologias que contribuíram para o aperfeiçoamento do aparelho radiofónico tornando-o portátil, melhorando as qualidades de radiodifusão, manipulação e reprodução do som.

Sendo também importante sublinhar o aumento das emissoras ao longo das últimas décadas, a nova faixa de frequências e a comercialização dos aparelhos radiofónicos cada vez mais baratos e simples de manusear e de transportar, tal como a incorporação dos mesmos nos carros, segmentando só por si parte do público actual deste meio.

A segmentação do auditório levou a que a própria televisão tivesse bastante dificuldade em fidelizar este mesmo público: “(...) é o caso, por exemplo, de parcelas de elites sociais, que não se identificam com o gosto médio que norteia a TV generalista...” (MEDITSCH,1996:14).

Ao longo destas últimas décadas a Rádio foi construindo um caminho independente dos outros meios de comunicação social, tendo-lhe sido exigido que se reinventasse apostando bastante nos blocos informativos e no crescimento de uma área de informação imediata que desse aos seus ouvintes notícias constantemente actualizadas e em primeira mão.

De qualquer forma podemos dizer que a história da Rádio não está colada à Rádio Informativa; a maior parte das pessoas ainda identifica este meio como um veículo de entretenimento, sendo que a maior parte do tempo que lhe é dedicado é para ouvir programas musicais.

Como refere Eduardo Meditsch, na Europa existe uma tendência para se ver a Rádio como um meio mais racional e sério que a televisão, apesar das rádios terem menos audiências que a última, são preferidas pelos opinion makers, sugerindo que o papel da Rádio é menos relevante na circulação do fluxo informativo da sociedade e no entanto tão influente como a televisão já que os líderes de opinião utilizam como fonte a Rádio, transmitindo o que ouvem noutros media como os jornais ou a televisão.

Outros estudiosos como Golding e Elliot averiguaram que a rádio constrói muitas vezes as agendas dos restantes jornalistas, tornando-se uma das principais fontes dos mesmos.

Muitas pesquisas realizadas nas últimas décadas descobriram que a credibilidade da Rádio Informativa tende a aumentar enquanto que a dos restantes media tende a baixar. Estes estudos indicaram também que os profissionais radiofónicos são considerados credíveis, colocando-os em primeiro lugar num ranking das profissões públicas.

Evidentemente que estes dados devem ser interpretados no seu contexto social e geográfico, o que não impossibilita o facto de podermos afirmar que a rádio enquanto veículo de informação veio construindo uma imagem nova depois da implementação da televisão, contrariando as opiniões mais cépticas e pessimistas que profetizavam, na segunda metade do século XX, a sua extinção.

A sua relevância como veículo de informação varia consoante a conjuntura política e social, contribuindo determinantemente para o seu sucesso a capacidade de reacção rápida e agilidade já comprovada em situações de guerra ou forte instabilidade. Características estas que posicionam a Rádio na linha da frente dos meios de comunicação social, especialmente útil na cobertura de

eventos não programados antecipadamente. A Rádio goza também do estatuto de ter sido o primeiro artefacto a entrar no espaço doméstico muito antes da televisão. Juntos, estes dois meios de comunicação de massas são produtos da era da informação, o que torna obsoleta a distinção que é feita frequentemente entre a “era da rádio” e a “era da imagem”. A primeira própria de um passado recente, mas que se quer distante e a última, fruto do presente e veículo privilegiado do futuro: “*Tanto a rádio como a TV pertencem à era da informação, e o rádio foi a manifestação mais precoce da era electrónica na comunicação de massa*” (MEDITSCH, 1997:2-3).

2 A voz e o estilo radiofónico

São elementos essenciais da rádio o som¹, a propriedade acústica e o áudio na percepção das transmissões radiofónicas. “*A Rádio é uma arte para ouvir, mas ouvir, neste caso, não é apenas um dos cinco sentidos do organismo humano.*” (MINKOV; 1982:11), “*Trata-se (...) de uma relação em que a presença do corpo não entra, em que todo o trabalho é feito pela voz*” (CLÉMENT, 1975:183).

Este trabalho referido pela autora abre espaço à imaginação do ouvinte para a construção do corpo que este não vê, e na medida em que este espaço imaginário se abre, os limites do espaço são abolidos². É que esta e ainda segundo Lavoinne, tem por função

¹Este “é um fenómeno vibratório capaz de provocar uma sensação auditiva originada pela vibração(...) produzindo ondas que se propagam no espaço tridimensional, transmitindo por sua vez a vibração para os demais corpos que encontram pelo caminho”(MEDITSCH;1996:127).

²E apesar de o nosso objecto de estudo não ser a utilização da Rádio pelos grandes regimes autocráticos do século XX, é nos impossível não referir a instrumentalização deste meio entre as duas Grandes Guerras, já que esta íntima ligação é sinónimo do próprio desenvolvimento da Rádio, assim esta abolição do espaço que referimos foi o que levou os grandes líderes do século passado a verem a rádio como um instrumento fascinante de poder e de afirmação na sociedade. Isto porque e ainda segundo Yves Lavoinne, a rádio os ajudou a

assegurar e manter o contacto com o ouvinte, sendo que quando o discurso tem pouco interesse a voz se converte na própria mensagem (LAVOINNE,1975:2-3).

No entanto é preciso salvaguardar que esta construção de imagens por parte dos ouvintes não se dá com todo o tipo de mensagens que são transmitidas pela Rádio, na informação, por exemplo, tal é dispensável, já que não é essencial para a compreensão da mensagem. Porém, quando esta criação de imagens se dá no interior da mente do ouvinte, são de um carácter extremamente rico, comportando em si três dimensões: a táctil, a olfactiva e auditiva, sendo “(...) *a selectividade e a versatilidade proporcionadas pela sua condição invisível que garantem a eficiência do discurso do rádio*” (MEDITSCH,1997:13).

A voz conta com três traços vocais o timbre, o tom e ritmo que permitem trabalhar os enunciados de duas formas diferentes que caracterizam “estilos de comunicação vocal”, a saber: “- a “expressividade” da fala fornece indicações suplementares [a “distância e a distanciação” são as equivalentes sonoras de processos tipográficos tais como as aspas ou o itálico(...)]- a escolha das entoações modifica eventualmente o sentido do enunciado(...)”. Traços estes que estão para além das características individuais e que têm como pressuposto que a voz participa na significação da mensagem(LAVOINNE;1975:1).

Antes de mais torna-se necessário definir o que é o tom e o timbre, já que estes são os conceitos orientadores desta pesquisa. Assim, segundo Emma Rodero entende-se por tom de voz a altura ou elevação da voz, que resulta da frequência das vibrações das cordas vocais. Se estes músculos vibram num número elevado de vezes por segundo a sua tensão aumenta, a altura da voz é maior e a voz eleva-se, ao contrário, quanto menor for a frequência, menos vibrações por segundo são emitidas e a tensão das cordas vocais diminui, a voz desce de tom e logo, torna-se mais aguda. O tom mede-se pela frequência vibratória das cordas vocais, sendo que

identificarem-se perante os demais como super-egos sociais, tornando a comunicação radiofónica num factor de concordância social (LAVOINNE;1975:3).

a frequência diz respeito número de vibrações emitidas por segundo, bem como de ciclos vibratórios por segundo e é medida em hertzes (ANTÓN,2001:2).

O timbre por seu lado, é o que faz a distinção entre um instrumento musical e a voz humana entre milhões. O fenómeno desenrola-se desta forma: quando um corpo vibra propaga ondas sonoras com uma determinada frequência e põem em movimentação uma série de outras ondas sonoras com frequências diversas. O timbre de cada pessoa é produto da junção entre a frequência básica e uma multiplicidade de harmónicos produzidos (MEDITSCH,1996:129).

Por outro lado a voz é referida por muitos teóricos como um elemento de identificação social; os seus atributos acústicos vocais como o timbre, o tom, a intensidade e a duração são um produto resultante das relações sociais e pessoais dos indivíduos e representam factores condicionantes perante os demais.

A questão do género é determinante nesta pesquisa quando percebemos que o tom é um atributo vocal intimamente ligado ao sexo do indivíduo. Quando pensamos numa qualquer voz distinguimo-la consoante é homem ou mulher, uma voz feminina tem um tom mais agudo, enquanto que uma voz masculina se insere num tom mais grave. Aqui que as relações sociais e neste caso radiofónicas, ficam condicionadas, pois é esta que transmite a informação difundida pela rádio e que estabelece a ligação entre o ouvinte, sendo determinante quando estes se fidelizam a esta ou outra emissora radiofónica.

A voz é um elemento decisivo no processo de personalização e de "vedetização" da informação, introduzindo uma dimensão de intimidade e de liberdade na comunicação. Liberdade esta que é explicada através do facto de o rádio jornalista não ser visto pelos ouvintes, estando menos constrangido, passando assim um tom de voz mais descontraído, e ainda segundo Yves Lavoinne a voz passa uma maior subjectividade do jornalista que favorece o ouvinte, visto que o jornalista deixa ao seu auditório uma impressão que vem das palavras e também do tom da sua voz. Impressão

esta diferente da deixada por um texto escrito passível de ser consultado pelo leitor sempre que este queira.

A voz, com as suas infinitas capacidades, possibilita a criação de arquétipos físicos e psicológicos que evocam no ouvinte uma série de imagens preconcebidas quanto mais não seja, elaboradas pela cultura popular ocidental. Essa imagem mental suscitada pela voz está associada a uma série de perfis masculinos e femininos físicos e psicológicos positivos ou negativos. Assim podemos afirmar que uma voz masculina grave cria uma imagem positiva, quase de galã de cinema, um homem bonito que interpreta o papel de herói. Por outro lado temos a voz masculina aguda pouco tolerada no meio radiofónico e que não representa tão pouco uma imagem social positiva, evocando uma figura “infantil”, “afeminada” e como sublinha Emma Rodero “*Ni siquiera los “galanes malos” poseen una voz aguda*” (ANTÓN, 2001:9).

Outro exemplo será o facto de ao género feminino ser permitida uma voz mais aguda e esta característica vocal não surpreender. Os tons mais altos são admitidos e tolerados socialmente, pois correspondem à sua própria natureza. As vozes femininas graves são associadas a perfis psicológicos e físicos negativos, uma mulher com voz de tipo grave é sempre a “feia”, a “má” do filme. No entanto as posições em relação a uma voz aguda não são tão consensuais como no caso dos homens: uma mulher com uma voz demasiadamente aguda é mais tolerável, porém não deixa de suscitar sentimentos negativos aos demais, os tons mais apropriados às mulheres serão os tons médios-graves (Idem, ibidem).

A percepção da importância da voz e o discurso do rádio jornalista é abordada pelos próprios profissionais da Rádio. Apesar de o fazerem ainda de uma forma pouco distante, baseando-se apenas na prática e depois transpondo-a para um plano teórico que toca mais o campo de dicas para melhor desempenhar o seu papel, revelam (como seria de esperar) uma preocupação à cerca deste tema.

Exemplo disto mesmo será o livro de estilo da TSF elaborado

por João Paulo Meneses, rádio jornalista desta emissora e que dedica cerca de 20 páginas à importância da voz, a redacção do texto aliado a esta e a posterior leitura do texto no ar.

João Paulo Meneses aborda a questão da leitura, dando dicas de como a leitura de um texto deve começar pela redacção da peça, que o profissional se deverá preocupar em diferenciar na altura da leitura o seu texto, interrogações e afirmações. Passando a ideia de que não importará ter só uma boa voz, seja lá o que isso for, já que podemos afirmar que será uma atribuição bastante subjectiva. Apesar de a voz ser a matéria-prima da Rádio, o autor sublinha que o jornalista tem que procurar um "*desempenho vocal escorrito*" (MENESES, 2003:107) e que tal é composto por várias componentes: a entoação, a respiração, a dicção, a atitude, o ritmo interno, as pausas de tensão - que dão cor à leitura - e por fim a atitude que o autor caracteriza como um conjunto de sentimentos que se passam (inconscientemente) para o ouvinte.

A percepção da importância da voz e o discurso do rádio jornalista abordada pelos profissionais e a criação de um estilo próprio ou de uma assinatura auditiva torna-se importante para demarcar fronteiras e estilos tanto entre os rádio jornalistas, bem como entre as várias estações de rádio.

As estações de rádio antes de demarcarem o estilo dos profissionais, marcam vincadamente o seu público-alvo e o seu carácter. Público este que vai definir a produção da mensagem, tanto na sua forma como no seu conteúdo. Consoante o produto que vendem, as emissoras radiofónicas procuram um determinado estilo de jornalistas, no entanto, tal como um actor, um rádio jornalista e um animador, apesar de fronteiras diferentes, devem ter capacidade para criarem personagens vocais mais apropriadas possíveis ao seu auditório.

Assim, podemos dizer que mais do que o profissional criar uma só personagem, ele cria um vasto rol de imagens vocais que para seu benefício, terão de ser credíveis.

Além do mais um profissional da rádio tem que se aproximar do ouvinte e não o contrário. Ao comunicar, o rádio jornalista ne-

cessita ter em consideração que, apesar de ser o ouvinte a procurar uma determinada estação cabe-lhe a ele cativar o auditório, utilizando não só os atributos vocais, mas também as suas qualidades enquanto comunicador.

A credibilidade não é procurada só por parte dos que fazem informação, mas simultaneamente por aqueles que animam os programas das emissoras. Através das entrevistas que realizamos ao longo deste trabalho e que serão analisadas mais profundamente no capítulo 6 e seguinte, tanto os animadores como os directores de informação têm consciência que a voz é um instrumento com grande influência no produto final. Porém, a sua relevância tem vindo a mudar ao longo das últimas décadas, e por isso, interessa perceber o lugar dado a importância dada da voz na hierarquia dos critérios de selecção das vozes que ouvimos nas emissoras.

Actualmente, a preocupação dos profissionais recai não só nas capacidades intrínsecas da voz, mas também no profissional como um todo, dando grande destaque às suas capacidades enquanto comunicador e se é o comunicador adequado para o produto que se pretende vender ou a imagem que se quer passar.

Tal como refere Emma Rodero Antón no seu estudo empírico *Los principales errores que debe evitar todo locutor de informativos radiofónicos: un estudio práctico*, um rádio jornalista não se deve só preocupar com o domínio sobre a locução "... *debe acompañarlas de un adecuado conocimiento e manejo de su voz, aplicado a el tipo de message que transmite.*" (ANTÓN, 2001:1) frisando também que "*al buen locutor de informativos se le exigen ambas circunstancias: que posea un buen instrumento sonoro pero, asimismo, que conozca las técnicas vocales necesarias que le aseguren el dominio de la prosodia y la pronunciación, aplicadas siempre al discurso informativo radiofónico*" (Idem Ibidem).

Estes pressupostos avançados por Emma R. Antón são focados também pelo autor, já referido, do Livro de Estilo da TSF, o que nos permite traçar uma linha orientadora e de "conduta" na

prática do rádio jornalismo, que se encontra reforçada ao longo deste seminário de investigação com as entrevistas aplicadas aos animadores e aos directores de informação.

3 O rádio jornalismo e a voz

O jornal radiofónico é um elemento especializado, não podendo ser comparado ao jornal impresso ou ao jornal televisivo, “(...) *ele não vai pronto ao estúdio. É um jornal aberto, não se limita à divulgação dos factos ocorridos*”, (BARBEIRO, 2001:12) daí que construa uma ponte imediata que anula as distâncias entre os jornalistas e ouvintes. A voz cria o tom da informação, “(...) *os caracteres das vozes dos locutores equivalem a caracteres tipográficos: há vozes em itálico, em romano, em garamond, há vozes em maiúsculas - é com elas que se fazem os grandes títulos. Há vozes finas e vozes grossas, vozes legíveis e vozes angulosas e cheias de rodriguinhos. (...) Há vozes anónidas, discretas e insípidas*” (SCHAEFFER, in Lavoinne, 1975:169).

Torna-se então indiscutível a importância da voz para o meio rádio, porém mais que provar a importância da voz para a rádio, interessa perceber de que forma surge a linguagem radiofónica, enquanto uma forma de expressão autónoma da escrita e o consequente lugar da voz em todo este processo.

Durante muitos anos a rádio foi desprezada pelos jornalistas e intelectuais por ser considerada incompatível com o pensamento autêntico. Esta representa a oralidade³ e desde o princípio que lhe foi difícil criar um estilo jornalístico que lhe permitisse uma distinção e autonomização do discurso da imprensa escrita.

Nos primórdios do rádio jornalismo os seus profissionais es-

³Este confronto entre as duas realidades vem do facto de se considerar a oralidade como a sobrevivência cultural legada pelos primórdios da humanidade e que foi superada pelo progresso da ciência e com a generalização da alfabetização. Porém, vários autores definem o discurso radiofónico como um produto intelectual eletrónico, a par com a televisão, que se diferenciam tanto da oralidade como da escrita (MEDITSCH; 1997:1).

tavam presos à máquina de escrever e tudo aquilo que ia para o ar era primeiramente escrito⁴. A formalidade deste primeiro discurso radiofónico era tão acentuada que no estúdio os locutores exerciam a sua actividade de fato e gravata para que o espírito de seriedade fosse realmente sentido e passasse para o ouvinte.

A Rádio deveria adoptar simplesmente a forma do jornalismo impresso, não se preocupando demasiado em encontrar um estilo próprio. O conteúdo era mais importante que a forma, que por sua vez, aliado à dificuldade da comunicação deste mesmo conteúdo, devido à ausência de imagem e os condicionamentos organizacionais da sua forma de produção, contribuíram para a adopção de uma linguagem de uma excessiva simplificação. Isto porque, pretendia-se atrair a atenção dos leitores dos jornais, pensando-se que só se iria conseguir tal, seguindo fielmente os hábitos jornalísticos impressos, ou seja, a palavra usada era a congelada em forma de escrita. Passando literalmente para a informação radiofónica “(...)os hábitos e convenções da página impressa(...)”. O resultado seria “*Títulos quase gritados, com os artigos suprimidos, e a ideia de uma “paginação” rígida com secções fixas e “espaços” limitados por assunto(...)*”, tudo para chegar à ambicionada, mas inalcançável, transposição do jornal escrito para a comunicação verbal (MEDITSCH,1997: 4).

Assim, durante muito tempo a linguagem radiofónica foi elaborada como puro texto na procura incessante do locutor/jornalista “(...)absolutamente neutro, despersonalizado, mero instrumento de *estúdio*” (Ibidem:5). No entanto, a mesma voz neutral⁵ deveria

⁴A vontade de transpor a linguagem própria da imprensa era de tal forma levada ao exagero, que chegava a roçar o caricato, exemplo disto mesmo será o facto de a BBC de Londres produzir debates previamente gravados, transcritos para o papel e só depois levados a antena pelos participantes que liam as suas intervenções, tentando-lhes dar um ar de naturalidade(MEDITSCH;1997: 5).

⁵Esta neutralização da voz veio privilegiar a qualidade da dicção quando se entregou a leitura dos noticiários aos locutores e nos finais dos anos 50 passou-se a procurar a diversidade de vozes que encarnassem a “naturalidade” vocal, que concorria e segundo McLuhan, com o desabrochar de uma “Civilização do Ouvido” (LAVOINNE;1970:3).

estar conotada de credibilidade, confiança, autoridade, correção, elegância e proximidade para que o público de elite que procurava um locutor sóbrio se sentisse identificado e acreditasse no que escutava, dito por um jornalista dotado com uma voz neutral ambicionada, porém humanamente impossível.

Esta será uma afirmação sustentada por Roland Barthes, na obra *O Grão da Voz*, onde refere a componente psicológica inseparável da voz, indo mais longe ao localizar na fala a presença de uma variável sócio-linguística. Os indivíduos são assim identificáveis através do que dizem, mas mais do que isso, expõem-se consoante se expressam e como a sua voz é levada até aos com quem interage. Uma única palavra o pode “denunciar”, revelando imediatamente a sua posição social e até a sua experiência de vida (BARTHÉS, 1981:67).

Na rádio a voz é a matéria-prima por excelência dos seus profissionais e o veículo facilitador da identificação da estação de rádio sintonizada pelo ouvinte. Esta mesma identificação estabelece o processo comunicativo, sinaliza os diferentes momentos da programação, distingue claramente o que é humor, do que é informação, do que é entretenimento, demarca fronteiras que se desejam vincadas e que estabeleçam com os ouvintes uma sinalética, criando “(...)uma série de processos que tendem a transpor para uma simbologia sonora os símbolos gráficos a que nos habituaram” (SCHAEFFER in LAVOINNE, 1970:2).

O que se passa na informação não é em nada diferente, as vozes chamam a atenção dos ouvintes, sinalizam as mudanças de assunto e a procedência das notícias, informam sobre a identidade e o contexto. Até o som estabelece uma hierarquia das mesmas vozes intervenientes no espaço informativo quando nos detemos na qualidade do mesmo: “(...)na base o entrevistado, com postura amadora; acima dele o repórter, treinado com o microfone; no ápice o apresentador no estúdio, com as melhores condições de emissão. O estúdio insonorizado cria distanciamento em relação aos acontecimentos noticiados” (MEDITSCH, 1997:6).

Com o advento dos novos meios tecnológicos a programa-

ção abre-se a uma enorme quantidade de vozes e de discursos que ao juntar as quatro variáveis observadas na fala: inflexão da voz, sequência, ritmo e cadência das palavras, abrem um enorme mundo de possibilidades. Consequentemente, origina uma série de estilos passíveis de identificação de variados conteúdos e formas programáticas. Sendo que a informação radiofónica se caracteriza por uma estreita adequação ao público e que traz ao de cima o carácter instantâneo da comunicação, por uma dupla dimensão factual e subjectiva (papel da voz), mais aberta ao imaginário que ao analítico (LAVOINNE,1975:68).

De qualquer forma a velha dicotomia geradora de grande polémica mantêm-se mesmo quando a Rádio já detêm uma identidade e estilo jornalístico próprio, refiro-me ao discurso improvisado e ao discurso escrito e planeado. O improviso, segundo Eduardo Meditsch e tendo por referência Erving Goffman⁶, faz parte de três distinções de produção da fala na sociedade contemporânea letrada e que compõem no seu todo a fala na rádio: a recitação (de um texto previamente escrito); a leitura em voz alta de textos não memorizados e a fala de improviso ou instantânea e que é a composição ou codificação simultânea do texto sob a exigência de uma resposta à audiência numa situação corrente(Idem, *Ibidem*, 7).

Na busca incessante do tom coloquial, o jornalista muitas vezes cai no erro de confiar excessivamente no seu poder oratório e até de memória ao arriscar ir para o ar apenas com umas folhas que lhe indicam os tópicos a serem abordados naquela emissão. Se algo corre mal origina o ruído na comunicação e o ouvinte repara, sendo que para isso não é necessário um ouvido muito treinado. Essa quebra faz com que o ouvinte se distraia e que até mude de emissora. Nesta etapa podemos referir que a voz é apenas o veículo de um trabalho de edição mais ou menos bem elaborado, contendo maior ou menor dose de profissionalismo e de experiência.

⁶Referente à metodologia de análise de conversação tratada por este autor, na obra *Forms as Talk*, de 1981.

4 O animador e o seu surgimento no contexto radiofónico

O surgimento do animador, como é apontado por João Paulo Meneses deu-se por razões históricas como o aparecimento das “rádios piratas”, nos anos 80 que vieram exigir uma maior “dedicação” de quem estava em antena, não esquecendo o papel importante da evolução tecnológica que simplificou o seu papel, libertando o animador para outras funções (MENESES, 2003:296).

Actualmente, o animador é mais que um locutor ou apresentador como refere Meneses e esta não é só uma transformação apenas de ordem morfológica, todo o conceito evoluiu e em muito se deve ao facto de o jornalista ter começado a escrever os seus textos o que “(...)libertou os locutores de uma função “papagaio” e obrigou a redefinir a sua existência.” (Idem, Ibidem), coincidindo com uma rádio que tem de fazer frente a um crescente número de meios de comunicação e formatos programáticos.

O animador dá voz a uma rádio que se quer mais dinâmica e que exige aos seus profissionais mais que “(...)o apresentador-de-discos-que-também-diz-as-horas!” (idem ibidem).

De qualquer forma este não desempenha a mesma função que um jornalista. O seu papel, e tal como o próprio nome indica, é animar e prender a atenção dos ouvintes, cruzando uma “boa” conversa com música e a apresentação de outras e variadas rubricas periódicas como pequenos blocos informativos do mundo do espectáculo que podem chegar a roçar os “fait-divers” sociais e as curiosidades.

Estas características, mais descontraídas, não devem mesmo assim aligeirar o seu papel e responsabilidade perante o público. Um animador terá que adquirir o rigor do jornalista no que toca à linguagem usada e os factos transmitidos, adoptando uma postura e atitudes próprias que o diferencie dos restantes, consoante o programa que anima: “*Um animador com estas características recusa o estatuto de mero locutor e tenta, sempre que possível, elaborar os seus textos ou, pelo menos adaptá-los às suas ca-*

racterística.” (Idem ibidem). O que conseqüentemente implica a sua integração e participação activa na redacção que lhe permita desenvolver um trabalho intimamente ligado ao do editor, já que actuam no mesmo espaço. Tal facto, defendido pelo autor, mencionado acima deve-se à delegação no animador da leitura de informações meteorológicas, da bolsa de valores ou do trânsito e de sugestões na área cultural, além da apresentação do editor e a referência a assuntos de última hora, especiais, lançamento de entrevistas gravadas ou de rubricas regulares.

Assim, ao animador é exigida uma certa credibilidade perante o ouvinte, que passa pelo alargamento das suas funções, mas também pela delimitação do seu papel na rádio- “*Propõe-se, portanto, uma separação de áreas informativas, não tanto por falta de competência ou capacidade dos animadores, mas pela necessidade plástica de mostrar isso mesmo ao ouvinte(...)*” (Idem ibidem).

As programções das diferentes estações articulam-se em torno de quatro eixos: a informação, a cultura, o entretenimento e o serviço e como refere Lavoinne a analogia entre "grelhas" de programação prende-se com a concorrência entre as estações e com aquilo que o público espera das mesmas.

Acentuando a noção da comunicação "afectiva", tornada mais efectiva pela utilização do Rádio amigo, companheiro, omnipresente e que se quer como um prologameneto de cada ouvinte que fala, aconselha, canta e ajuda de forma incansavel (LAVOINNE,1975:115).

Os programas surgem do hábito, que se chegou a tornar num hobby com publicações especializadas, na década de 20- que os ouvintes tinham de praticar o zapping, captando o maior número de estações vindas de locais longínquos, sendo que o desafio estava na identificação das estações radifónicas.

Assim, os programas surgem da necessidade de disciplinar o auditório, marcando o começo e término dos vários programas e que veio inventar, conseqüentemente os conteúdos dos mesmos, acabando por definir a Rádio actual. Modelo este importado do mundo do espectáculo (MEDITSCH,1997:3).

No entanto esta concepção da programação radiofónica vem sofrendo mudanças e hoje em dia e depois da constatação que os hábitos dos ouvintes não podem ser tão facilmente padronizados, as emissoras radiofónicas optaram pela programação contínua, abandonando assim “(...) o “*programa*” com princípio, meio e fim, herdada da página impressa e do mundo dos espectáculos(...)” (MEDITSCH;1996:75).

5 Metodologia

5.1 Problemática

Dos *Mass Media*, a Rádio é o meio menos explorado, daí que exista uma infinidade de temas por tratar. Um dos estudos visivelmente necessários é o de compreender a importância da voz como elemento essencial da Rádio.

A Rádio ao estabelecer-se como um meio de comunicação e cristalizando-se como instituição social passou por várias fases que lhe forneceram um lugar na vida dos indivíduos bastante forte e que determinou em muito algumas situações sociais de conflito.

Além de que foi o meio privilegiado de comunicação durante uma série de décadas, transmitindo informação e programas de entretenimento, criando grandes personalidades de referência na comunicação e até aproximando mundos bem distantes.

Sendo nestas grandes personalidades que nos queremos debruçar, ou seja, perceber até que ponto a Rádio actualmente é feita de vozes como no passado ou se a sua evolução em todos os campos também se estendeu a um novo uso da voz, enquanto veículo preferencial deste meio de comunicação social.

5.2 Hipóteses

Como hipóteses adaptamos uma série de sete afirmações dedicadas a todos os pontos da nossa pesquisa e que tocassem de preferência em todas as fontes de informação por nós usadas. Assim chegamos às seguintes afirmações:

1. As vozes graves e médias-graves são as mais agradáveis para se escutar na Rádio.
2. As vozes graves e médias-graves são as preferidas pelos ouvintes de Rádio.
3. O tom de voz dos rádio jornalistas influencia de forma determinante a compreensão do conteúdo das mensagens radiofónicas.
4. A voz é um critério determinante para a selecção dos rádio jornalistas.
5. Os profissionais têm consciência da importância da sua voz.
6. Os ouvintes de Rádio são sensíveis às vozes dos rádio jornalistas.

5.3 Procedimentos metodológicos

Os instrumentos metodológicos devem ser escolhidos em função quer das referências teóricas, quer das questões orientadoras da investigação, pelo que o método de recolha de informação deve ser adaptado ao tipo de dados que se pretende investigar (RUQUOY; 1997).

Assim, escolhemos três técnicas de investigação qualitativas –, entrevista semi-directiva, a análise de conteúdo e o painel – e uma de carácter quantitativo – inquérito por questionário.

Esta mistura dos dois métodos de pesquisa social permitem-nos chegar a conclusões mais completas onde a incorporação de material descritivo e quantitativo acaba por actuar como suporte dos argumentos qualitativos (C.F. MOREIRA;102:1994).

É que se com os métodos qualitativos pudemos assumir uma forma de pesquisa quase exploratória vista por muitos teóricos como precursora dos métodos quantitativos, ou seja, como estudo piloto que suscita ideias e hipóteses interessantes com os métodos quantitativos poderemos testar de uma forma mais sistemática

as atitudes, normas e características comportamentais dos indivíduos. Visão que será complementada com uma abordagem qualitativa e que percebe os indivíduos como "*(...) actores cujos os respectivos quadros de referência necessitam de investigação detalhada antes que as suas acções possam ser devidamente interpretadas e explicadas*" (MOREIRA; 94: 199).

Como o objectivo desta pesquisa é perceber se os ouvintes de rádio são sensíveis às vozes dos rádio jornalistas e se estas interferem de algum modo na percepção dos conteúdos transmitidos, parece-nos lógico que após uma aferição e exploração do posicionamento dos profissionais em relação ao seu instrumento de trabalho -a Voz - a visão das chefias e o parecer técnico dos professores de técnica vocal, seja útil aferir o posicionamento e opinião dos ouvintes da rádio, testando a sua sensibilidade em relação ao **Aspecto Vocal no Rádio Jornalismo**, ajudando-nos assim a traçar uma linha evolutiva da utilização e percepção da Voz como um elemento essencial na comunicação radiofónica.

Escolhemos então por começar pela elaboração e aplicação das entrevistas. A entrevista porque e como refere Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt permite ao investigador retirar destas informações e elementos de reflexão muito matizados e ricos. Caracterizando-se por um contacto directo entre os investigadores e os seus interlocutores e por uma fraca directividade por parte daquele, instaurando-se uma verdadeira troca, durante a qual o entrevistado exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências. Estabelecendo-se a variação de opinião respeitante a um determinado tópico que definirá as dimensões mais relevantes de uma ou mais atitudes, exigindo ao pesquisador que entre no mundo do seu entrevistado e o perspetive de igual forma. A entrevista aliada ao método de análise de conteúdo permite ao pesquisador aferir as suas hipóteses de trabalho.

Dentro das entrevistas, deparamo-nos com três hipóteses viáveis: a directiva, a semi-directiva e a não directiva; para este es-

tudo pareceu-nos mais indicada a segunda opção, pelos predicados enunciados abaixo.

A entrevista semi-directiva não sendo um método rígido, ao qual o entrevistador poderá fugir um pouco lançando perguntas que lhe pareçam oportunas, além daquelas que já estão preestabelecidas pelo guião, oferece também ao entrevistado maior liberdade na exploração de algumas questões que lhe pareçam pertinentes, cabendo ao entrevistador direccionar o rumo da “conversa”, sempre que esta se afaste francamente do assunto a discutir, além de que é o método mais aconselhado para aflorar um novo campo de pesquisa do qual existe pouca bibliografia e estudos, dando ao investigador uma manobra de acção mais flexível e possibilitando-lhe averiguar que tipo de coisas sucedem mais do que determinar a frequência dos mesmos acontecimentos (C.F. MOREIRA; 134 e 136:1994).

Sendo o caso desta pesquisa que além de contar ainda com poucas referências bibliográficas e de acesso difícil, conta com uma linguagem e práticas específicas que tornam necessária uma primeira abordagem mais exploratória da nossa parte, que mais tarde permita a utilização do painel e da posterior aplicação do questionário concebido também a partir dos resultados das entrevistas e de todo o trabalho de investigação bibliográfica.

Este método que se encontra no plano intermédio dos três tipos de entrevistas já referidas, contém em si uma particularidade que ao fim e ao cabo define a sua especificidade: permite que o entrevistador e o entrevistado estabeleçam uma relação de maior proximidade, sem a qual não se consegue obter o máximo de informação "(...) *respeitando os seus próprios quadros de referência a sua linguagem e as suas categorias mentais*" (QUIVY e CAMPENHOUDT, 1998: 195).

Importante referir que nos pareceu pertinente transcrever integralmente as entrevistas realizadas já que a amostra utilizada para esta pesquisa não excede os 30 depoimentos (C.F MOREIRA, 142: 1994). Como o método das entrevistas está sempre associado a um método de análise de conteúdo neste estudo não foi ex-

cepção. Procurou-se, então, que a análise da entrevista permanecesse focada na problemática escolhida e seguisse, de certa forma, os próprios objectivos da investigação e o enquadramento teórico anteriormente delineado, de forma a que aparecesse "(...) o máximo possível de elementos de informação e de reflexão, que servirão de materiais para uma análise sistemática de conteúdo que corresponda, por seu lado, às exigências de explicitação, de estabilidade e de intersubjectividade dos processos"(QUIVY e CAMPENHOUDT, 1998: 197).

Assim, e de acordo com esta técnica, começou-se, num primeiro momento, por se proceder a uma análise intensiva da entrevista realizada. Quer isto dizer, que se leu várias vezes a entrevista, de maneira a fazer emergir certas interpretações por meio do estabelecimento de relações entre elementos de diversos tipos (DIGNEFFE; 1997), anotando nas margens do material uma primeira tentativa de codificação de unidades centrais de significado, ideias soltas, temas emergentes, categorias ou conceitos. Porém, esta primeira interpretação vai sendo depois revista e reformulada à medida que se lê novamente a entrevista, acrescentando-se elementos do relato que não terão sido, anteriormente, tidos em conta.

Depois de destacados os elementos mais pertinentes, dedicamos-nos a um procedimento de abstracção que tem por objectivo reduzir ou resumir determinadas partes do relato por palavras ou grupos de palavras que exprimem determinada representação do entrevistado (RUQUOY, 1997). A redução é realmente uma parte essencial da análise, na medida em que é necessário formular um certo número de opções para decidir que dados devem ser conservados ou excluídos. No entanto, utilizou-se sempre na reprodução a terminologia do entrevistado, descrevendo as mais fielmente possíveis as suas ideias, resultando deste processo uma grelha de sistematização da informação, da qual surgiu a posterior análise das declarações dos nove participantes nesta pesquisa.

Importa acrescentar que as grelhas não puderam ser elaboradas *a priori*, foi a leitura da entrevista em relação com a proble-

mática da investigação e com o guião de entrevista que permitiu destacar os factores analíticos que pareceram susceptíveis de ilustrar **O Aspecto Vocal no Rádio Jornalismo**, levando em conta a percepção dos directores de informação, dos profissionais da voz e dos professores de técnica vocal.

Quanto ao painel este é um procedimento metodológico qualitativo que frequentemente se desenvolve em várias etapas, onde o investigador procura conhecer as opiniões e posturas dos participantes em relação a uma determinada temática em vários momentos. Ou seja, ao longo de várias sessões o pesquisador vai conhecer as opiniões dos intervenientes e procurar encontrar evoluções e mudanças na postura dos participantes, em relação ao objecto de estudo (C.F. NICHOLS, 1991:71). Nesta pesquisa e por limitações de ordem temporal, desenvolvemos apenas uma situação de painel que nos deu pistas para aferir e conhecer quais as preferências dos ouvintes em relação às vozes que escutam nas emissoras, o que estas lhes transmitem e o porquê da sua escolha.

O painel desenvolvido com uma amostra de 16 indivíduos com diferentes perfis sócio-económicos ao qual pedimos para escutar quatro vozes de rádio jornalistas (duas vozes femininas e duas masculinas) e a quem posteriormente solicitamos o preenchimento de um pequeno inquérito de caracterização e classificação das vozes escutadas. Através deste procedimento procuramos perceber quais as vozes que os ouvintes preferem escutar na rádio, o porquê da sua escolha e mais importante que isso, como as classificam e quais as sensações que estas lhes transmitem.

Quanto há amostra, esta é construída é de cariz não-probabilística intencional ou de conveniência, já que não nos foi possível estimar a possibilidade que cada elemento tem de ser incluído na amostra, além de não haver certezas que todos os elementos tenham alguma oportunidade de serem incluídos. Isto porque este tipo de amostragem é a mais indicada quando o investigador tem por objectivo desenvolver uma teoria e uma compreensão de processos ou acções sociais, visto que a representatividade da amos-

tra assume-se como o menos importante. A solução passa então pela escolha de uma amostra focalizada ou de julgamento.

Porém e para melhor cumprir os nossos objectivos e melhor estruturar a nossa amostra escolhemos recorrer também à amostragem em bola-de-neve, já que era nosso objectivo contactar com indivíduos de várias idades e com características socioeconómicas diversas. Este tipo de amostra é apropriada para pesquisas de cariz mais qualitativo e de pequena escala como é o caso. Este será o método, e segundo Carlos Diogo Moreira para obter amostras de grupos pequenos. Assim, é feito um contacto com um elemento da população alvo a quem é perguntado se se conhece mais alguém com as características pretendidas, pressupondo uma recomendação pessoal para um contacto (C.F. MOREIRA; 77-81: 1994).

Para que tal seja possível utilizamos também um Inquérito após a audição das quatro vozes. Isto porque nos pareceu o instrumento mais adequado nesta fase da pesquisa que permitiu tratar estatisticamente os dados através do SPSS e que nos deu uma representatividade das opiniões da amostra em relação ao **Aspecto Vocal no Rádio Jornalismo**.

Assim, o Inquérito por questionário permite ao investigador uma abordagem mais sistemática. Questionários esses que poderão ser aplicados ou não de forma directa (C.F. MOREIRA; 161: 1994). Neste caso, o questionário será aplicado após a audição das quatro vozes dos rádio jornalistas (auto-administrado) e como o autor referido acima sublinha, a principal vantagem deste tipo de questionários assenta no facto de permitir uma abordagem sistemática, já que os dados são tratados de forma quantitativa e recorrendo a métodos computadorizados, acabando quase com o enviesamento do entrevistador.

O questionário permite-nos uma quantificação de uma multiplicidade de dados e de proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação. No entanto é necessário salvaguardar que a representatividade nunca é absoluta, só tendo sentido em relação a um certo tipo de perguntas. Aquelas que se aplicam à totalidade

da população em causa, bem como é bom não esquecer que a superficialidade das respostas não permitem a análise de certos processos e por isso, muitas vezes os resultados apresentam-se como simples descrições, desprovidas de elementos de compreensão penetrantes (C.F. CAMPENHOUDT & QUIVY;189-190:1995).

Nesta pesquisa o questionário foi elaborado após as entrevistas semi-dirigidas a profissionais da voz como os animadores/rádio jornalistas, professores de técnica vocal e às chefias que nos forneceram as linhas gerais e pontos relevantes desta investigação, na medida em que estas entrevistas são de cariz exploratório e também complementar ao painel e á aplicação do questionário em foco.

Na elaboração do questionário tivemos então em atenção os mesmos factores analíticos das entrevistas realizadas, bem como os resultados da sua análise que nos forneceram as linhas orientadoras para a elaboração das questões que nos permitem medir a sensibilidade dos ouvintes em relação à voz que escutam na rádio, o tipo de voz que preferem e o que estas lhes transmitem. Levando em conta que um questionário permite através de quatro principais categorias obter informação em relação ao objecto de estudo: os **atributos**, os **comportamentos**, as **atitudes** e as **crenças**. Por **atributos** entendem-se os dados de carácter socioeconómico como a idade, o sexo, as habilitações literárias ea ocupação⁷ e estas são as que vamos usar. Por seu lado, os **comportamentos** dizem "(...) *respeito ao que o indivíduo fez, faz actualmente e pode vir a fazer no futuro*", as **atitudes**, por sua vez avaliam o grau de concordância ou discordância, empregando geralmente escalas e por último, as **crenças** que podem ser avaliadas através de verdadeiro ou falso (C.F. MOREIRA; 168: 1994).

A construção destas cinco perguntas, onde quatro são fechadas e pré-codificadas⁸ e uma aberta, a saber: **Classifique a voz**

⁷Estas podem ser completadas pela religião ou etnicidade, bem como outros factores que permitam a caracterização dos atributos da população a ser estudada.

⁸As perguntas pré-codificadas compreendem então uma lista de opções de

que ouviu; O que lhe transmite esta voz; Caracterize a voz que acabou de ouvir; Das vozes que teve oportunidade de ouvir qual a que lhe agradou mais e Explique numa frase o porquê da sua escolha, procuram descodificar e avaliar numa situação de painel, ou seja, após a audição das quatro vozes em questão a percepção dos ouvintes em relação à Voz, medir a sua relevância nas escolhas que fazem quando escutam rádio e se estas lhes transmitem sensações de credibilidade, confiança, proximidade, infantilidade ou frieza - entre outras - ou como as caracterizam consoante uma série de adjectivos que nos pareceram pertinentes e que podem classificar uma voz (se esta é suave, áspera, fria quente ou distante).

Para que tal seja possível, optamos então por na primeira questão fechada recorrer a uma escala para que o ouvinte classifique a voz que ouviu consoante ache que é **Muito Grave; Grave; Nem Grave; Nem Aguda; Aguda ou Muito Aguda.** Isto porque o propósito de uma escala é procurar medir uma variável que assume um conjunto de valores, sendo que a medição é um processo que comporta dois estádios: o primeiro, o valor e depois o número. A escala de intervalo implica, para além da ordenação de classes, informações sobre a grandeza das diferenças entre elas, o que envolve obrigatoriamente uma unidade de medida em termos da qual se exprimam e comparem as diferenças, o que torna possível afirmar que a diferença entre 2 e 1 é igual à diferença entre 3 e 2 e por isso, comparável com a diferença entre 3 e 1, por exemplo (C.F. ALMEIDA e PINTO, 119-123: 1975).

Assim, e a partir destes quatro métodos escolhidos, pretende-se (entre outros aspectos) compreender se o tipo de voz influencia a escolha dos directores de informação quando estes seleccionam

resposta que se querem exclusivas e exaustivas, adicionando frequentemente a opção "Outros". As perguntas abertas por seu lado dão total liberdade de resposta ao inquirido. Reservando-se o seu uso para os casos em que não há forma de saber previamente que tipo de respostas podem vir a ser dadas (C.F. MOREIRA;1994).

os editores, procedendo à realização de quatro entrevistas aos directores de informação⁹ de quatro rádios nacionais.

Como este estudo é de âmbito nacional, optámos por seleccionar quatro directores de quatro rádios difundidas em todo o país e uma de cada um dos grandes grupos de comunicação radiofónica: **TSF (Telefonia Sem Fios), Grupo Renascença, MCR (Grupo Media Capital Rádios); e RDP (Radiodifusão Portuguesa).**

Grupo	Rádio	Director de Informação	Data da Entrevista
Grupo Renascença	Rádio Renascença	Francisco Sarsfield Cabral	23/10/2003
RDP	Antena 1	Luís Marinho	29/10/2003
TSF	TSF	José Fragoso	04/11/2003
MCR	Rádio Comercial	José Mendes	07/11/2003

Tabela nº1- Directores de informação entrevistados

O primeiro contacto com os entrevistados foi estabelecido via e-mail (ver anexo), e a marcação de entrevistas foi efectuada por e-mail e telefone. As entrevistas foram realizadas no período entre os dias 23 de Outubro e 7 de Novembro, nas respectivas redacções das rádios.

A primeira entrevista foi realizada a José Fragoso, através da utilização de um primeiro guião de entrevista (ver Anexo). Por concluímos que este guião foi ineficaz relativamente aos nossos objectivos, decidimos construir um segundo guião (ver Anexo), mais objectivo. Este segundo guião foi utilizado em todas as entrevistas posteriores. Ao alterarmos as perguntas, tivemos em consideração o facto de pretendermos fazer uma análise compa-

⁹O entrevistado José Mendes não figura nos três últimos indicadores por não ter sido possível levar a aplicação da sua entrevista até ao fim, devido a circunstâncias que nos ultrapassaram.

rativa das entrevistas, ou seja, tentámos não nos distanciar muito do primeiro guião.

À semelhança das entrevistas anteriores entendemos que o nosso estudo não ficaria de forma alguma completo se não fôssemos conhecer a postura dos animadores de rádio em relação à voz, a sua utilização e o peso desta nas decisões que tomam na sua actividade profissional, levando em conta que a voz é a matéria-prima deste meio de comunicação.

Entre outras coisas pretendemos perceber se os rádio jornalistas se apercebem do peso da voz na recepção da mensagem por parte dos ouvintes e qual a sua utilização no quotidiano da sua profissão.

Quando começamos a contactar os possíveis entrevistados o nosso objectivo era escutar quatro animadores das rádios seleccionadas no início deste trabalho e que correspondem aos directores de informação já entrevistados. No entanto tal não foi possível, já que os animadores do programa matinal da Antena 1 não nos responderam ao primeiro e-mail a solicitar uma potencial entrevista.

Assim, contactamos e entrevistamos os animadores dos programas matinais dos seguintes grandes grupos de comunicação radiofónica **TSF (Telefonia Sem Fios), Grupo Renascença, MCR (Grupo Media Capital Rádios).**

GRUPO	Rádio	Animadores	Data da Entrevista
TSF	TSF	MIGUEL FERNANDES	14/01/04
Grupo RENASCENÇA	Renascença	Isabel Pinto	20/01/04
MCR	Best Rock Fm	Pedro Ribeiro	09/06/04

Tabela nº2- Animadores entrevistados e Rádio às quais pertencem

6 As escolhas dos directores de informação

6.1 Análise dos resultados das entrevistas aos directores de informação

Para analisar estas quatro entrevistas efectuadas aos directores de informação das rádios TSF, Renascença, Antena 1 e Rádio Comercial decidimos elaborar uma Grelha de análise das mesmas para assim facilitar a tarefa e tornar a aferição de possíveis padrões de respostas mais claros.

Do guião das entrevistas aplicadas surgem os oito factores de análise que nos permitem conceptualizar a visão dos directores sobre o **Aspecto Vocal no Rádio jornalismo**. Os factores de análise são os seguintes: **Espaço dedicado à informação; Processo de selecção de vozes; Tipos de vozes para os prime-times; Género de vozes privilegiados para o prime-time; Tipo de voz para a edição; Transmissão de sensações como credibilidade, segurança, infantilidade e/ou ingenuidade, consoante o seu tom de voz; Voz eleita e a visão das preferências dos ouvintes, em relação ao tom de voz.**

Dos quais se segue a análise usando não só as frases-chave retiradas das entrevistas e patentes na Grelha- disponível para consulta em Anexo- como outras ideias que nos parecem essenciais

para melhor traçar a concepção dos entrevistados há cerca deste assunto.

Para os quatro directores de informação o espaço dedicado à informação na sua rádio é suficiente, realçando que cada vez mais as grelhas de programação do respectivo meio que gerem apostam na interligação da informação com o entretenimento, permitindo-lhes uma maior elasticidade nas mesmas, o que consequentemente exige profissionais mais completos e cientes que apesar das funções distintas que desempenham, o entretenimento e a informação vivem de mãos dadas. No caso da TSF, tal é evidente já que esta é uma rádio especializada em Informação e que por isso, requer jornalistas e animadores polivalentes,

Segundo José Fragoso a TSF não desenvolve um real **processo de selecção de vozes** e a sua procura dos recursos humanos depende basicamente de dois factores: “(...) *se houver uma vaga ou eu sentir que há uma necessidade de ter um jornalista com determinado perfil, vou a outra rádio ou a outro meio buscar um jornalista com o perfil desejado que vem preencher essa lacuna que nós eventualmente tenhamos(...)*”, o que não implica que os possíveis jornalistas da TSF não façam testes de voz e que o director de informação em causa não afirme que “(...) *Quem tiver vozes relativamente estranhas, também nunca trabalhará numa rádio*”. Sarsfield Cabral por seu lado refere que na Renascença se faz uma selecção de vozes algo criteriosa, mesmo que este tenha um carácter bastante empírico- [“(…)há pessoas que nós sabemos que não devem ir à antena, porque não têm voz para isso, uma voz agradável ou perceptível; e há outras pessoas que achamos que devem ir muitas vezes porque têm uma boa voz.”]

No que diz respeito à aplicação de qualquer critério na escolha de vozes para a equipa de rádio jornalistas, Luís Marinho afirma que este processo deveria ser mais rígido “(...) *até vos digo já com toda a honestidade, devia haver um processo mais fechado, portanto uma selecção mais rigorosa (...)*”. José Mendes, director de informação do Grupo Media Capital Rádios, defende que a selecção dos jornalistas e animadores é a tarefa mais complexa

que enfrenta no desempenho das suas funções, além de achar que tanto nas rádios que dirige como nas emissoras a nível nacional é o processo que menos se cumpre com rigor.

Em relação à definição de um padrão de vozes para os prime-times, três dos entrevistados concordam que estas existem, ou seja, para o horário nobre da rádio estes procuram escolher vozes que chamem a atenção dos ouvintes, que os cativem e que principalmente não sejam excessivas. Como sublinha J.Fragoso, um jornalista mais completo é aquele que tem mais hipótese de trabalhar nos prime-times e que apesar de para este a voz não ser um critério com muito peso é um elemento importante e que decide se um profissional é ou não integrado nas equipas dos prime-times: “(...) *Um jornalista que tenha uma boa voz(...) têm sempre mais facilidade de estar num bom horário, do que um jornalista com uma voz menos boa*”. Francisco Sarsfield Cabral, por seu lado, frisa claramente que existem tipos de vozes mais apropriadas para os prime-times, sejam masculinas ou femininas, tendo predicados como agradáveis e perceptíveis, indo mais longe ao afirmar que existe uma diferença importante entre as vozes agudas e graves, e FSC considera que as graves são mais agradáveis, logo, mais adequadas para os prime times: “(...) *as vozes agudas às vezes são menos agradáveis do que as vozes graves*”.

Luís Marinho na sua escolha para as vozes procura que estas sejam médias. Nem muito graves nem muito agudas. A qualidade reside num tom intermédio quase coloquial que faça o ouvinte sentir-se próximo do jornalista, não deixando de demarcar uma certa distância. Admite que a informação é uma área que necessita de mais cuidado na escolha das vozes, frisando ainda o facto de não existir qualquer tipo de registo científico que determine vozes mais apropriadas que outras para rádio. Procura essencialmente rádio jornalistas completos e equilibrados que possuam uma boa dicção.

José Mendes considera que não existem vozes mais adequadas para os prime- -times. Admite, no entanto, a existência de vozes que dão credibilidade, segurança, conforto. Mas a credibilidade

não está apenas na voz está em tudo “*Eu não andei a escolher vozes mais graves ou menos graves, eu escolhi boas vozes, com um bom ritmo de dicção, agora se calhar se ouvirmos estas pessoas todas que trabalham no meu departamento se calhar a grande maioria terá vozes mais graves(...)*”. Quando interrogados se existe um género de voz privilegiado para os prime-times os quatro entrevistados são unânimes e dizem que não, respondendo até com dados reais da sua grelha de profissionais destacados para os dois horários nobres da rádio (7-10 e 16-20 horas), como é possível observar na Grelha de análise. José Fragoso diz-nos mais “*(...) o público acredita ou não no órgão de comunicação social. Não é pelo facto de ser uma mulher que vai achar que tem mais ou menos credibilidade*”.

No que toca a vozes mais apropriadas para a edição, seja esta no prime-time ou não, o director da TSF começa por afirmar veemente que a questão das vozes mais apropriadas para a informação já está há muito ultrapassada e que não será por isso que os ouvintes vão ou não ouvir um bloco informativo. Opinião da qual Sarsfield Cabral não partilha, pois para este as vozes agudas estão imbuídas de sentimentos menos agradáveis. De qualquer forma, existem outros factores que o levam a escolher um editor, já que actualmente os locutores não existem no panorama radiofónico, que será o mesmo que dizer que as tarefas para elaborar um bloco informativo não estão distribuídas como antigamente, não temos uma equipa de jornalistas a escrever para um só profissional que se limitaria apenas a ler os textos, e por isso, os critérios de selecção terão que se coadunar com esta configuração.

Este será um indicador no qual as opiniões dos directores estão divididas, visto que para o director de informação da RDP, uma voz adequada para a edição é que passa credibilidade e seriedade q.b., mas que não marque uma distância excessiva entre o ouvinte e o jornalista, admitindo no entanto que uma voz aguda em rádio é pouco possível.

José Mendes por seu turno acredita que não existe uma voz mais adequada para editar blocos informativos, porém quando es-

colhe os seus editores procura que o critério da voz pese um pouco na selecção, sendo que o fundamental é a cultura do jornalista, a forma como se expressa na escrita e na oralidade.

No que respeita ao sexto indicador, as opiniões dos directores de informação voltam-se a dividir. Assim para José Fragoso qualquer que seja o tom de voz não transmite nenhuma sensação em especial, justificando que se este fosse um factor realmente importante já existiria um estudo de mercado que o comprovaria. Segundo Sarsfield Cabral a voz é capaz de transmitir uma série de emoções tendo em conta que a credibilidade, por exemplo, na rádio depende muito da voz, admitindo que a voz grave seja a que mais segurança passa ao ouvinte. Salienta ainda que na rádio é importante que o rádio jornalista tenha uma boa voz e uma boa dicção, aliás essas características poderão determinar ou não a sua ida a antena. Argumentos igualmente usados pelo director de informação da RDP e que com a citação que se segue se tornam bem patentes: “ (...) *se for uma voz que as pessoas, que deve ser uma garotinha, mesmo que tenha 60 anos, deve ser uma garotinha que me está ali a dar notícias, as pessoas tendem a não dar tanto crédito*”.

Mais do que uma boa voz, para José Mendes uma pessoa que fala em público deve ter em atenção os chamados “focos de luz” presentes nas frases que enuncia, pequenos “sublinhados” vocais e auditivos que têm por objectivo prender a atenção dos ouvintes. Este será um factor tão importante nos políticos como nos jornalistas de rádio e de televisão. Frisa também que o jornalista deverá desenvolver *nuances* na voz que lhe permita chamar a atenção dos ouvintes e prendê-los ao longo do seu desempenho, não interessando tanto se uma voz é grave ou aguda. No entanto, aquilo a que JM dá importância na voz como a entoação, a dicção ou ritmo são componentes do todo que é a voz.

Apesar de os directores de informação ouvidos assumirem de forma relutante ou esbatida a relevância da voz como o veículo do meio rádio, fica subentendido que esta ainda tem algum peso na selecção dos rádio jornalistas e que alguns padrões são exigidos

aos profissionais. As referências que são encontradas quando lhes é pedido que elejam vozes significativas no panorama radiofónico nacional não fogem muito às referências vocais tradicionais da rádio, isto é, vozes que sejam presentes, envolventes e que prendam a atenção dos ouvintes ou que então, como o exemplo de Sena Santos, vozes características e que transmitam uma certa assinatura vocal fora do comum e que por isso mesmo, se tornem referências para os ouvintes e para os próprios entrevistados.

De qualquer forma, torna-se necessário ressaltar que os directores de informação dão importância à capacidade comunicativa dos seus profissionais e que tenham a capacidade de se distinguirem entre as demais vozes concorrentes. O dinamismo, a personalidade e envolvimento são requisitos vocais aos quais dão importância e privilegiam quando seleccionam profissionais para as suas rádios, não esquecendo sempre um certo padrão, nem que este seja um exemplo das vozes da rádio que estes têm como referência. Exemplo disso mesmo serão as vozes eleitas como Francisco Mourão Ferreira, Henrique Garcia, Helena Vieira ou Fernando Alves.

Quanto às preferências dos ouvintes, as opiniões dividem-se novamente: para J. Fragoso os ouvintes não se afeiçoam a nenhuma voz em particular, sendo que tal é irrelevante na decisão do auditório aquando da escolha de uma estação radiofónica. Já o director de informação da Rádio Renascença não faz ideia das preferências dos ouvintes, mas acredita que estes estabeleçam laços quase afectivos com determinadas vozes “(...)a rádio é quente, é companhia. E portanto (...) é importante”. Para Luís Marinho é natural que os ouvintes prefiram vozes situadas nos tons mais graves e do sexo masculino.

7 A perspectiva dos profissionais da voz

7.1 Análise dos resultados das entrevistas aos animadores

Com esta Grelha- disponível para consulta em Anexo- pretende-se chegar a conclusões mais completas e interligadas que permitam aferir até que ponto a prática do rádio jornalismo, no caso específico dos animadores, converge no mesmo sentido, não esquecendo as particularidades diferenciadoras das estações de rádio onde os três animadores estão inseridos. Visto que este critério dissemelhante determina em muito o desempenho das suas funções, que passa pela própria cultura da estação, o seu objectivo e público-alvo, bem como pelo facto de ser uma rádio temática - como é o caso da TSF - ou generalista - Rádio Renascença e Rádio Comercial, e que no entanto estão direccionadas para targets diferentes.

Assim, construímos um conjunto de onze factores analíticos retirados das questões colocadas, a saber: **O processo de selecção de vozes; Outros critérios; Tipos de vozes para os primeiros; A voz como característica mais importante para o desempenho da sua profissão; Influência do tom de voz na compreensão dos conteúdos; Tipo de tom mais indicado; Transmissão de sensações como credibilidade, segurança, infantilidade e/ou ingenuidade, consoante o seu tom de voz; Improviso; Acesso à profissão levando em conta o critério da voz; Evolução da utilização da voz na Rádio (contexto nacional) e Experiência profissional.**

Para os três entrevistados torna-se claro que a voz é um critério importante na selecção dos jornalistas. No entanto o seu peso na selecção dos rádio jornalistas não é o de outra hora. Critérios como a espontaneidade¹⁰- referido por Miguel Fernandes - ou o factor comunicabilidade como frisam Isabel Pinto e Pe-

¹⁰A espontaneidade está intimamente ligada com o improviso e ao microfone radiofónico distingue-se por ser muito planeada, isto porque sendo oralidade electrónica é uma oralidade mais deliberada e autoconsciente(ONG in

dro Ribeiro, têm actualmente uma importância redobrada. Miguel Fernandes, animador da TSF diz-nos que a cultura geral será um traço de referência para desempenhar o seu papel, característica sublinhada pelos restantes entrevistados. Este profissional refere assim, a particularidade do meio onde trabalha enfatizando que na TSF, e por ser uma rádio virada para a informação, o animador não pode só saber escolher músicas, terá que ser o mais completo possível já que o locutor chega a ser o protagonista. No entanto admite que a sua escolha para integrar a TSF poderá ter tido também o critério da voz à mistura: *“Eu quando fui escolhido acho que também um bocadinho foi pela voz, de certeza”*.

Porém, os entrevistados relembram que a voz continua a ser o veículo privilegiado do meio Rádio, e que por isso mesmo, não deve ser posto de lado. Aliás um profissional que junte a tal capacidade de comunicar com uma "boa" voz é um elemento mais completo e que por isso, tem até mais hipóteses de integrar as equipas do prime-time. Isabel Pinto, por seu lado, atribui ao longo de toda a entrevista grande relevância ao factor comunicabilidade do animador e à sua capacidade de se transformar, quando se encontra em antena, quase num editor assumindo um tom mais informativo e jornalístico, o que poderá justificar a relevância de o animador estar sempre em contacto com a actualidade noticiosa e ciente do que se passa à sua volta: *“(...)e importa sobretudo ter uma noção muito grande do que se passa à sua volta, porque está a comunicar”*.

Já Pedro Ribeiro foca como **outros critérios** relevantes a dicção e a expressão escrita no caso do jornalismo, bem como o factor comunicabilidade, isto porque de manhã, por exemplo, os ouvintes procuram na rádio conversas interessantes e que os estimulem, que lhes forneçam as linhas da actualidade, não só ao nível puramente informativo, mas tocando em assuntos mais simples e que pautam o quotidiano que lhes é próximo, tanto em casa como no trabalho.

MEDITSCH; 1997:7), deixando bem clara a distância que há entre o enunciado radiofónico e uma possível “naturalidade”(MEDITSCH;1997:7).

Quando questionados se existe um **tom de voz mais indicado para os prime-times**, apenas Pedro Ribeiro pensa que cada vez menos a voz determina a entrada do animador no horário nobre: *“Sinceramente não,(...). Acho que não é o timbre da voz, o tom de voz, o tipo de voz que determina se fazes bem ou não programas de prime-time, sobretudo nos prime-time(...).”* Opinião da qual Miguel Fernandes discorda porque *“(...)a rádio só tem o som(...). É importante. Portanto quem tem uma boa voz, em princípio já tem uma vantagem, mas a voz não é tudo(...),”* para além desta existe a capacidade de o animador criar empatia com o ouvinte de forma bem disposta e cativá-lo. Bem como Isabel Pinto que nos diz: *“(...)se eu fosse seleccionar uma pessoa para prime-time, escolheria uma boa voz, ia pela voz e depois iria então para o factor comunicabilidade”*. Apostando simultaneamente em duas vozes, uma masculina e outra feminina, vozes expressivas que acordem os ouvintes de forma dinâmica e os “puxe para cima”, capacidade essa exigida a um bom comunicador.

De qualquer forma, os três entrevistados concordam entre si que a voz não é a hoje em dia a característica mais importante para o desempenho da sua profissão, Miguel Fernandes acredita até que em rádios de cariz generalista, ao contrário da TSF, a voz tenha mais peso na contratação do profissional, facto que Isabel Pinto vem contradizer, o que é realmente importante e mais uma vez, é a capacidade de comunicação do potencial animador, além de que um rádio jornalista não precisa de se conformar com a voz que tem. Para Isabel Pinto as aulas de técnica vocal e os exercícios existem para melhorar as capacidades dos profissionais, ou seja, não se justifica que um jornalista não seja aceite numa rádio levando em conta apenas a voz como critério fundamental - *“Não, cada vez menos. (...)e daí que existem professores de voz, colocação de voz, existem aulas de dicção(...).”*

No que toca à **influência do tom de voz na compreensão dos conteúdos**, os entrevistados acreditam que existe uma ligação estreita entre estes dois factores, na verdade uma voz agradável

poderá cativar mais o ouvinte, prender a sua atenção e por isso, contribuir para que este se interesse pela mensagem.

Isabel Pinto chega mesmo a distinguir três tipos de vozes consoante os períodos do dia, assim, para esta um animador pode dar entoações à sua voz conforme faz um programa de manhã – “(...)fazer esforço para despertar, tem mesmo de ter uma inflexão animada, dinâmica, activa(...)”, a tarde requer uma voz menos energética, que se coadune com um programa de companhia, já à noite o animador deverá adoptar uma postura mais intimista, quase sussurrante.

Pedro Ribeiro por seu lado dá o exemplo de vozes muito estridentes que além de serem incomodativas, distraem o ouvinte do que realmente interessa: a mensagem. Assim a voz terá que ser agradável e compreensível para o ouvinte. Miguel Fernandes afirma que todas as pessoas ficam atraídas por uma voz que não seja irritante, uma voz bonita que prenda as pessoas e lhes transmite segurança - “Normalmente em rádio as vozes bonitas são graves, não é?” e que estas têm influência na compreensão das mensagens por parte dos ouvintes, admitindo que esse até pode ser o tom mais indicado para a Rádio por criar empatia com os ouvintes, por outro lado as “(...)vozes mais agudas, as pessoas normalmente, por um lado não criam essa empatia e por outro lado, (...) nem se quer dão tanta credibilidade.”

Pedro Ribeiro realça o carácter subjectivo da voz e da questão da classificação de qual é o tom de voz mais indicado para a rádio, apesar de tradicionalmente o tom de voz grave ser o mais usual e aceitável, afirmando que a voz na rádio até é uma questão de modas, ou seja, de tempos a tempos surgem rádio jornalistas com vozes características e que são mais que vozes com um determinado tom. São expressivas e contém em si características que fazem com que os restantes profissionais os imitem “Houve uma altura que era a voz tipo canhão, a voz poderosa, a voz tipo Augusto Seabra, Miguel Quintão que são grandes vozes de facto. E depois já tinha havido uma altura que era a voz tipo Oceano Pacífico, João Chaves...”

Sendo que uma voz aguda é facilmente reconhecível e gostar desta ou não já não é em nada subjectivo, mas sim incomodativo. Afirmção curiosa, já que Pedro Ribeiro passa a impressão ao longo de toda a entrevista que a voz é um factor demasiado subjectivo e que traçar um padrão de preferências é quase tão impossível como chegar a um padrão estético que reúna o consenso.

Segundo Isabel Pinto, os tons mais apropriados até podem ser os graves, porém essa voz terá de estar imbuída do factor comunicabilidade, admitindo mesmo que uma voz aguda, que reconhece ser um pouco irritante, pode atrair mais atenções se o seu “dono” for realmente um comunicador de excelência. Miguel Fernandes por seu lado, admite que uma voz grave é a que mais credibilidade oferece na Rádio “*As vozes mais agudas, (...) por um lado não criam essa empatia e por outro lado (...) nem se quer dão tanta credibilidade.*”, porém recusa estereótipos, os homens não têm necessariamente de ser trovões a falar e as mulheres de corresponder ao preconceito vocal que construímos à sua volta.

No que toca à capacidade de a voz **transmitir sensações como credibilidade, segurança, infantilidade e/ou ingenuidade**, os entrevistados são unânimes na concordância e vão mais longe ao ilustrar esta potencialidade da voz com exemplos do seu quotidiano, além de atribuírem outras características tanto às vozes de tom agudo como de tom grave. Assim, M. Fernandes acha que este fenómeno acontece tanto na informação como no entretenimento, deixando transparecer que uma voz aguda a dar uma notícia com o carimbo TSF é quase desprestigiante, além de associar este timbre de voz à infantilidade e falta de credibilidade, no entanto salvaguarda que as excepções existem e confirmam a regra “*(...)há pessoas que apesar de não ter esse tipo de características conseguem mesmo assim fazer passar esse tipo de características, agora, acho que normalmente uma voz grave passa muito mais facilmente credibilidade(...)*”.

Isabel Pinto não hesita em classificar a voz aguda de histérica, retirando-lhe credibilidade e atribuindo-lhe características incomodativas, à qual vem associada uma certa imaturidade, ao

contrário da voz grave que apelida de protectora e que transmite segurança, e no caso da “*Voz feminina grave então passa uma sensação de quase maternidade(...)*”.

Pedro Ribeiro grifa o facto de através da voz e da forma como as pessoas falam ser possível traçar um retrato bastante fiel do interlocutor, perceber se este está mais ou menos nervoso, seguro de si, perceber a sua experiência de vida e aferir até o nível de ingenuidade do indivíduo, frisando que na Informação tais características e preocupações assumem uma relevância acrescida: “*(...)fiz informação durante muitos anos e (...) ai percebo que a voz é determinante, (...) nem que seja um tudo nada desagradável tu distrais-te e quando a voz te está a dar informação, (...) não te pode distrair.*” Esta distração também pode acontecer ao nível da voz grave, é que estas sendo demasiado envolventes provocam dispersão nos receptores da mensagem radiofónica. O animador ilustra esta situação com a citação que se segue “*(...)ouvi uma vez uma entrevista do Tom Waits, que tem aquela voz cavernosa e aquilo chegou a incomodar, porque tu no fundo queres ouvir, porque achas que é alguém interessante, mas depois não aguentas porque é de tal maneira cavernoso (...) não consigo ouvir, publiquem isso num jornal e eu leio.*”

Como é visível na Grelha de análise apenas a animadora da Rádio Renascença se refere ao **improviso**¹¹ de uma forma sistematizada, enquanto Miguel Ribeiro o inclui inconscientemente quando se refere à espontaneidade necessária para se ser um animador e ter controlo sobre a sua emissão. Isabel Pinto diferencia assim dois tipos de improviso, a saber: o improviso real, feito pelo profissional de microfone aberto, que o ouvinte identifica como sendo isso mesmo, mas que mesmo assim aprecia e o improviso

¹¹Relativamente ao indicador **improviso** decidimos incluí-lo já que consideramos que tem grande relevância no estudo e mais uma vez como frisa Meditsch o discurso na rádio exige um determinado rol de competências adquiridas e que não passam só pelo manejar nas várias bases de produção da fala (recitação, a leitura em voz alta e a fala de improviso), mas na sua combinação, para que o todo se torne fluente e que oculte qualquer esforço de produção prévia através de uma aparência de espontaneidade (Meditsch;1997:7).

que não passa de um momento ensaiado, trabalhado e produzido para parecer aquilo que não é: improviso. Este é o improviso que a entrevistada elege como o melhor o que não deixa transparecer a sua origem e que mesmo assim cativa o auditório suscitando-lhe admiração “(...) a pessoa do outro lado (...) ”ai que engraçados que eles estão hoje, com tanta graça!”e aquilo está gravado à dois dias (...)”.

A voz na prática do rádio jornalismo, e como é possível aferir neste ponto da pesquisa, já foi mais relevante e determinante no acesso a esta profissão. De facto a Rádio na sua evolução ao longo dos últimos 25 anos não deixou de visionar as suas características intrínsecas de maneira diferente, abrindo-se a outros contextos e realidades, por via da passagem dos tempos e pela sua própria necessidade de reinvenção para assim conseguir sobreviver num mercado mediático crescentemente competitivo. E como não poderia deixar de ser, os seus profissionais não ignoram toda esta nova conjuntura, concordando que o acesso ao exercício da sua actividade está nos nossos dias mais democratizada e livre, não dependendo só do factor voz, tal como esta era concebida há algumas décadas atrás.

Isabel Pinto reforça exactamente este ponto de vista ao afirmar que até há uns tempos atrás a Rádio “(...)era acessível apenas aquelas vozes, ponto final.”, facto que Pedro Ribeiro também frisa ao referir que a Rádio já valorizou mais e de maneira diferente a voz, quando esta vivia da figura do mítico locutor. Realidade que hoje é impensável. Todos os jornalistas que vão a antena e mesmo os animadores produzem o que lêem, introduzindo novamente a característica que considera mais relevante num animador: a capacidade de comunicação, que é sem dúvida transmitida pela voz, mas que não está obrigatoriamente ligada aos apetrechos e particularidades do aparelho vocal.

O indicador **acesso à profissão levando em conta o critério da voz**¹² está na nossa perspectiva intimamente ligado ao penúl-

¹²Tanto neste indicador como no seguinte, não é possível inserir as respostas do entrevistado Miguel Fernandes, já que não lhe foi solicitada uma resposta,

timo indicador desta grelha de análise: **evolução da utilização da voz na Rádio (contexto nacional)**, logo e no seguimento do discurso dos nossos entrevistados, chegamos quase a um ponto de ruptura nesta pesquisa, isto porque a voz já não é o elemento de selecção decisivo no recrutamento dos rádio jornalistas.

Isabel Pinto, por exemplo, traça quase uma genealogia do percurso do papel do rádio jornalista nos últimos 20/30 anos, começando pelo locutor como figura principal e onisciente da rádio “*A cultura radiofónica portuguesa baseou-se durante muitos anos justamente no locutor (...)*”, até ao que chama a “*escola das muletas*”, onde o que interessava era falar muito e dizer pouco, terminando no modelo norte-americano que se rege pela jukebox, pelo dinamismo e energia, com pouco espaço para o animador e jornalista, e por isso para o protagonismo da voz. Aliás, o que temos hoje nas rádios é a construção de personagens que diferem em muito da real personalidade dos animadores e que “*(...) não se destacam pela voz*”. Actualmente procuram-se jornalistas com capacidades comunicativas que permitam cativar um público cada vez mais fragmentado e disperso por um número imenso de alternativas e opções e por isso, “*(...) um bom profissional, mais completo será a pessoa que consegue abarcar a comunicabilidade em geral*”.

O animador da Best Rock Fm é unânime mais uma vez e ao reforçar este ponto demonstra que também está consciente desta mudança da utilização e relevância da voz na prática do rádio jornalismo, frisando que actualmente não há espaço para a figura omnipresente do locutor. Aquilo que é valorizado é a aptidão do animador de se conseguir transformar em antena, tal como um actor em palco, e construir personagens que cativem o auditório e que vão ao encontro das suas expectativas “*(...) quando as pessoas ligam o rádio é porque sabem que ali há um gajo bem disposto, tu tens que ser bem disposto, debes isso às pessoas*”.

No que toca ao último indicador (**experiência profissional**)

pois como referimos no ponto 5.3 existem algumas questões pontuais nas três entrevistas realizadas.

Miguel Fernandes foi o único que nunca esteve integrado no departamento de Informação antes de chegar à TSF e como o próprio refere, hoje em dia está apenas integrado nas reuniões matinais da redacção nas quais se prepara as emissões do dia seguinte. Os restantes entrevistados começaram justamente pela Informação e consideram que esta experiência os preparou bastante para o desempenho das suas actuais funções. Visto que tal como referido acima e segundo estes, o animador não passa apenas música. O mais importante é que o jornalista radiofónico faça quase um teatro bem disposto e animado pela manhã, sendo que a vertente da conversa é mais importante que a vertente musical. Esta conversa que o animador refere sobrevive - e no seu ponto de vista - da capacidade do profissional estar a par da actualidade e daquilo que o rodeia, mais valia essa que procura transportar para o programa matinal que anima, deixando transparecer às “(...) *peessoas (...)* *que tu falas a linguagem delas e estás no mundo delas.*”

Isabel Pinto por seu lado, reforça também que o rádio jornalista tem que ser um profissional completo com conhecimento do que o rodeia e ir de encontro às expectativas do auditório. Conhecimento esse que é construído diariamente e que não se compadece - segundo a nossa entrevistada - com especializações, ou seja, um rádio jornalista terá melhor desempenho se experimentar várias áreas como a informação e o entretenimento, que lhe vão fornecer um conhecimento abrangente de toda a actividade radiofónica e consequentemente, facilitar-lhe o trabalho.

Esta correspondência entre as duas áreas - entretenimento e informação - permite-lhe delimitar o seu espaço de acção e conhecer simultaneamente a actividade do colega de trabalho, o que vai melhorar o desempenho do órgão de comunicação social no seu todo. Assim e seguindo o raciocínio de Isabel Pinto, é importante que um animador conheça as tarefas do jornalista para ele próprio, quando necessário e em antena aberta, assumir essas funções, além de que existe “ (...) *uma grande diferença entre o entretenimento e a informação e um profissional que consiga entender o funcionamento de um e de outro, será muito mais com-*

pleto a todos os níveis, porque (...) o tempo para um jornalista é um tempo diferente para o entertainer". E apesar de o panorama nacional radiofónico estar de momento virado para o modelo norte-americano, Isabel Pinto prevê que o futuro da rádio será o retorno às raízes, ou seja, o público vai-se cansar do estilo jukebox e "pedir" rádios generalistas que sigam um modelo quase televisivo- "*(...)um magazine (...) em rádio: informação, curiosidades, boa disposição, o trânsito(...)*".

O objectivo destas será a companhia e talvez aí retorne o protagonismo vocal do animador e do rádio jornalista com capacidade de criar imagens vivas aos auditórios através da construção de personagens "*(...)as pessoas olham para mim e dizem ela é muito mais séria que eu pensava e as pessoas não têm muito a noção que também o comunicador é um actor, tem que ser, tem que ser...*"

Características estas que Pedro Ribeiro também reforça. É que a palavra é a essência da Rádio e por isso, sente falta - enquanto ouvinte - de programas de conversa que o estimulem e o prendam, visto que hoje considera fácil chegar à música por outros meios que não a rádio e logo a sua mais valia é a comunicação e a arte de bem conversar. Para finalizar, este animador frisa mais uma vez que mesmo na rádio virada para a conversa, que valorize acima de tudo a palavra, não é importante que seja servida com vozes fora de série, a ele basta-lhe uma voz agradável e compreensível, que não disperse a atenção ou o repila.

8 Do uso à construção da voz

8.1 Análise dos resultados das entrevistas aos professores de técnica vocal

À semelhança do que fizemos com as restantes entrevistas exploratórias que levamos a cabo, também com os professores de técnica vocal elaboramos uma Grelha que nos permitiu analisar

de uma forma mais clara os depoimentos de Jorge Alves e Glória de Matos.

Assim, isolamos uma série de 12 factores analíticos: **Importância atribuída à voz; Componentes da voz; Classificação vocal; Influência do tom de voz na compreensão dos conteúdos; Transformação/construção da voz por parte do profissional; Transmissão de sensações como credibilidade, segurança, infantilidade e/ou ingenuidade, consoante o seu tom de voz; Peso da socialização e vivências no tom/tipo de voz; Atitude vocal/assinatura vocal; Transfiguração vocal do rádio jornalista consoante o horário da emissão; Sensibilidade dos ouvintes ao tom de voz do rádio jornalista/animador; A voz como característica mais importante para o desempenho da profissão; Evolução da utilização da voz na Rádio (contexto nacional).** Dos quais se segue a análise mais aprofundada, contando não só com as frases-chave isoladas na Grelha de análise, mas também outras ideias centrais patentes na entrevista.

Tal como indica o primeiro factor de análise das grelhas é possível perceber que tanto um entrevistado como o outro dão uma importância primordial à voz, não tanto num contexto exclusivamente radiofónico mas sim num panorama mais lato que abrange todas as áreas da vida humana. É que e como especifica Jorge Alves, a voz é um factor primordial na comunicação já que permite ao ser humano utilizar a linguagem. Glória de Matos, por seu lado não hesita em afirmar que a voz é uma arma e que segundo a mesma "(...) *é uma arma que muito pouca gente usa ou sabe usar*".

Estranhamente Glória de Matos não especifica as componentes da voz da mesma forma que Jorge Alves o faz. Para esta aquilo que compõem a voz é corpo e a mente, que terão que estar em sintonia para que a construção da voz seja bem sucedido. Jorge Alves especifica as componentes da voz, esta é composta pelo timbre que nos permite reconhecer uma pessoa, quase como um cartão de visita que é desenvolvido pelos humanos muitas vezes através de um processo de imitação. Sendo que os primeiros anos

de vida de uma criança são muito importantes para o seu desenvolvimento vocal.

Em relação à classificação da voz Jorge Alves começa por dizer que esta é classificável através do seu timbre e extensão, o que Glória de Matos denomina por tecitura de uma voz. Ambos referem a classificação clássica das vozes, importada do canto. Assim temos seis classificações básicas “(*...as vozes masculinas (...): o baixo, o barítono e o tenor e nas vozes femininas: o contralto, o mesosoprano e o soprano*)”.

No que toca ao terceiro factor de análise, os dois entrevistados são unânimes ao afirmarem que a voz têm influência na compreensão das mensagens veiculadas pelos rádio jornalistas, assumindo mesmo que pela força do hábito e pela prática as vozes graves terão mais sucesso que outro tipo de vozes, no meio Rádio. No entanto, fica bem claro que o que conta acima de tudo para evitar o ruído na comunicação oral é a ausência da monotonia do tom de voz do orador, este deve procurar falar com entoações diferentes ao longo do discurso - “(*...agora em termos de comunicação, de recepção o que é interessante é a maneira como a pessoa fala, não utilizar sempre a mesma região (...)*)” (Jorge Alves)- que cativam e mantêm os ouvintes interessados, não os fazendo esquecer que o importante é a mensagem que se quer transmitir, a sua recepção e evitar que os ouvintes se alienem do conteúdo e apenas se concentrem na voz, que muitas vezes por ser demasiado melodiosa distraí o receptor do propósito da mensagem.

Ao longo das duas entrevistas fica bem patente que a voz é um meio privilegiado para o orador passar, mesmo que não queira, as suas emoções em relação ao discurso que profere e que no caso da Rádio, visto que a imagem está ausente, essa variável está presente e pode ser trabalhada ao longo da carreira do jornalista/animador. E como Jorge Alves frisa: “*A origem do som no ser humano são as cordas vocais,(...) além disso há uma série (...de aparelhos no nosso corpo que ajudam a amplificar a voz, a construir o seu timbre, o tamanho da boca, o peito, várias coisas na cabeça, o nariz, tudo que está na língua, os lábios. A voz*

trabalha-se conjugando todos estes elementos no equilíbrio que permita o máximo de rentabilidade com o mínimo de esforço". Como refere Glória de Matos, os jornalistas que procuram aperfeiçoar a sua voz fazem-no consoante a sua personalidade e a sua forma de estar na vida. Isto é porque como Jorge A. sublinha, a voz de qualquer indivíduo é o espelho da sua vida e da sua vivência, um factor que expõem as pessoas face a quem o ouve e que pode ser usada de variadas formas, que transmite sensações e que pode ou não afastar os receptores da mensagem em causa.

Esta característica de intimidade, também frisada por Roland Barthés, revela até a origem social dos indivíduos, a sua experiência e o percurso de vida, que muitas vezes pode ser decisivo nas relações sociais estabelecidas e logo, com um peso decisivo no meio radiofónico. Apesar de se gostar ou não de uma voz, seja esta grave ou aguda, é algo de subjectivo existem alguns tipos de vozes que podem reunir opiniões concordantes, tendo este factor mais haver com a forma como a voz é usada em função da mensagem que quer passar, levando em conta o seu auditório e toda uma série de variáveis que não podem deixar de estar presentes na construção da voz e da postura que cada orador toma para si.

Essa postura ou assinatura vocal que cada rádio jornalista toma para si e que está intimamente ligada com a sua personalidade ou até personalidades, é entendida por Glória de Matos como algo que só pode ser executado com êxito por alguns, os mais dotados. Porém, para Jorge Alves a assinatura vocal é indissociável de qualquer indivíduo, que mesmo que não esteja consciente dessa variante, têm-na em si, construída e usada consoante o meio ambiente em que o indivíduo se move. E se por um lado, esta é uma característica importante para os profissionais da Rádio, não deixa de ter um peso significativo na vida de todos os dias: "*Quantas vezes eu acabo de conhecer uma pessoa que ouço há anos na rádio e pelo tipo de voz parece uma pessoa muito rigorosa e depois não é nada, mas construiu essa imagem vocal e isso é realmente uma coisa muito importante. (...)A pessoa é coerente tem uma perso-*

nalidade vocal bem definida e consegue interpretar esse papel, mesmo que depois a voz não corresponde às pessoas”.

Esta construção de personagens vocais além de estar dependente em muito do local e dos interlocutores com que nos deparamos quotidianamente. Nos rádio jornalistas é muitas vezes adequado conforme o momento do dia em que estes possam exercer as suas funções, isto porque existirá uma vontade de adequação da sua assinatura vocal ao que o animador entende da disposição do seu ouvinte- *“Mas aquela maneira de falar dos programas da manhã não tem nada a ver com aqueles programas que a gente ouve à meia-noite ou à uma da manhã, é mais intimista. Isso é natural, até porque nós mudamos ao longo do dia(...).”*

Para Glória de Matos esta potencial adequação do animador à altura do dia demonstra falta de profissionalismo. Para a nossa entrevistada nada legitima que de manhã o animador tenha que ser energético e à tarde a sua postura seja mais intimista *“Eu não sei muito bem o que é a postura de uma pessoa diferente que fala de manhã e fala à tarde. Essa coisa que de manhã se tem de falar aos gritos para acordar e à tarde tem de se falar com uma voz muito sonolenta para adormecer as pessoas, eu em princípio acho mal (...).”*

Torna-se também claro que a opção e uso da voz na Rádio não é um procedimento estanque ao longo do tempo. A forma como os profissionais olham para a voz mudou ao longo destes anos e esta mudança não deixa de ser permeável a modas, ou seja *“(...)mas há àqueles jornalistas ou apenas as pessoas que falam nas rádios que realmente são referências e que depois os outros imitam aquela maneira de falar e acaba por haver uma época em que se fala daquela maneira, todos falam há moda do(...).”*

E apesar das vozes da época dourada da Rádio estarem obsoletas e não fazerem qualquer sentido no momento presente, tal não invalida para os nossos entrevistados que os rádio jornalistas e o meio Rádio em geral, não se preocupe com as escolhas que faz e o uso que dá à voz : *“No jornalista e não só, é completamente. Então de rádio é completamente(...). A rádio é voz, é som, é ruído,*

é música, é palavra se não for isso o que é que fica?"(Glória de Matos).

9 Conclusões das entrevistas

Neste ponto da nossa pesquisa consideramos por bem fazer um balanço em jeito de conclusão das nove entrevistas levadas a cabo para assim abrirmos caminho para a análise dos resultados estatísticos do Inquérito por questionário aplicado.

Assim consideramos estar bem claro através destas entrevistas que todos os intervenientes consideram que a Voz tem um lugar de destaque no meio Rádio e que o seu uso por parte dos seus agentes se veio modificando ao longo dos últimos anos. Sendo este um ponto ao qual atribuímos relevância, já que no desenvolvimento desta pesquisa consideramos mais importante aferir qual o rumo que o uso da Voz tem tomado nas últimas décadas do que determinar através da metodologia escolhidas, qual o tom de voz mais apropriado para a Rádio.

De qualquer forma, os directores de informação não hesitam em dizer que o processo de selecção de vozes feito a nível nacional é pouco rígido, mas também uma tarefa complexa que obedece a um vasto conjunto de critérios. Assim, as vozes escolhidas para os prime-times são aquelas que mais se destacam na equipa de profissionais de cada emissora, procurando em geral vozes médias e pouco excessivas, com boa dicção, num tom que não afaste os ouvintes e crie quando é o caso da Informação, uma certa distância e seriedade.

Basicamente estes são os critérios que decidem o posicionamento de um jornalista ou animador nos horários da rádio e a sua distribuição pelas grelhas de programação, além de outros que não são o objecto de estudo deste Seminário de Investigação.

E à semelhança do que é dito pelos animadores, também o factor comunicabilidade conta para determinar se um animador é ou não adequado a determinado programa e até se adequa ao "espírito" da emissora em questão. Este factor tão mencionado

pelos entrevistados pressupõem que mais de que uma voz grave ou aguda, o jornalista deverá ser o mais completo possível, com capacidade para manter uma "conversa" que prenda e estimule o ouvinte, visto que esta característica está intimamente ligada à credibilidade do animador e até da própria Rádio.

Cada voz de um rádio jornalista é uma voz, é o que o distingue juntamente com outros critérios, dos restantes colegas de profissão, além de transparecer a sua personalidade e a sua forma de estar no meio. Esta forma de estar passa pela construção de várias personagens vocais e de uma atitude vocal que espelha a sua personalidade e constrói na mente dos ouvintes imagens que muitas vezes não correspondem à realidade física e psicológica do rádio jornalista ou animador, mas que estão ou não imbuídas de credibilidade e seriedade.

A Voz como concebida a umas décadas atrás mudou e evoluiu adaptando-se às novas formas de fazer rádio e aos gostos dos ouvintes. E estes são pontos a serem levados em conta se o nosso objectivo é avaliar **O Aspecto Vocal no Rádio Jornalismo**, a segmentação dos públicos e das rádios e a sua coadunando-se ao que os receptores procuram quando ligam a telefonia.

Pontos considerados pelas próprias chefias das rádios quando recrutam os seus profissionais, fruto da realidade profissional e das novas práticas do jornalismo, levando em conta a divisão do trabalho numa redacção que já não se ajusta a que uma vasta equipa de jornalistas trabalhem única e exclusivamente para um locutor distante e despersonalizado, único protagonista da Rádio. Actualmente os jornalistas produzem o seu trabalho para irem a antena, consoante a sua compreensão da profissão que desempenham, de uma forma que se quer interligada e coerente com os restantes intervenientes do espaço radiofónico.

Esta polivalência referida pelos próprios animadores entrevistados requer uma construção de várias personalidades quando animam um programa levando em conta que se a Animação e a Informação andam de mãos dadas, também a sua postura enquanto profissionais terá de ser o mais completo e flexível possível.

No entanto, fica claro que o trabalho produzido pelos seus profissionais e pedido pelas chefias é o espelho também da utilização da Voz neste meio, ou seja, actualmente a Rádio não tem espaço para a Voz como o único ou privilegiado meio deste Media. O que se escuta nas emissoras radiofónicas não é a Voz e o que os ouvintes procuram também não é tanto a palavra, mas sim a música e programas que tenham mais alguma coisa que o a glorificação deste veículo. O conteúdo da mensagem é o mais relevante e o que atribui a credibilidade aos profissionais em geral, será o meio onde estes trabalham.

Através das entrevistas que realizamos aos professores de técnica vocal torna-se bem claro que a Voz tem um peso definitivo na compreensão dos conteúdos por parte dos ouvintes, sendo que não é tanto o tom de voz que determina como esta mensagem é recebida, mas sim dependendo da forma como o profissional usa os seus atributos vocais, se este chama a atenção dos ouvintes e os atrai ou os repele, distraíndo-os muitas vezes do conteúdo da mensagem que transmitem. Isto, porque quando um orador se quer fazer ouvir e compreender com sucesso terá que levar em conta a forma como diz o seu discurso e para quem o diz. Estas são duas variáveis que determinam em muito o sucesso da recepção da mensagem que se quer passar e o garante de um processo comunicacional sem ruído.

A Rádio, espaço onde convivem elementos como a música, a voz e frequentemente o ruído que toma várias formas, sobrevive do som, é este que transporta a mensagem que desprovida da imagem encontra nesta sua especificidade a sua identidade e essência.

10 Análise dos dados

Após a aplicação do nosso Inquérito por questionário procedemos à análise dos resultados obtidos, fruto do tratamento estatístico através do SPSS.

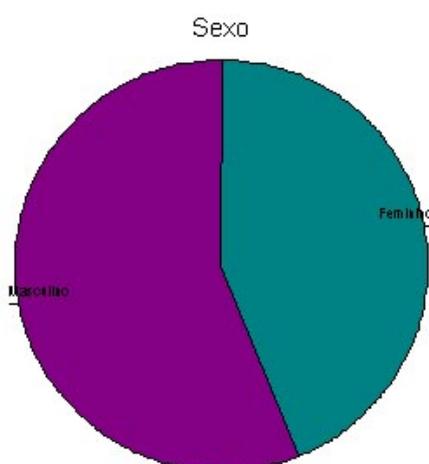
E como a nossa pesquisa é de cariz exploratório e a amos-

tra utilizada para este questionário é demasiado pequena para que possam ser extrapoladas conclusões para o universo que representa, escolhemos tratar os dados de uma forma que nos permita conhecer sobretudo, as disposições dos inquiridos em relação às questões colocadas e como as suas escolhas se distribuem. Ou seja, optamos por investir maioritariamente em frequências simples e alguns cruzamentos que nos possam parecer pertinentes. Com as frequências tencionamos comparar os resultados, seguindo sempre a dicotomia primeira e segunda voz masculina ou feminina e o Grave, Agudo que orientam a nossa pesquisa, não esquecendo que o que nos interessa perceber são as predisposições dos inquiridos para determinados tons de voz e a caracterização desses mesmos tons vocais. Tentando perceber também quais as razões dessas mesmas escolhas e classificações.

10.1 Frequências das variáveis sociográficas

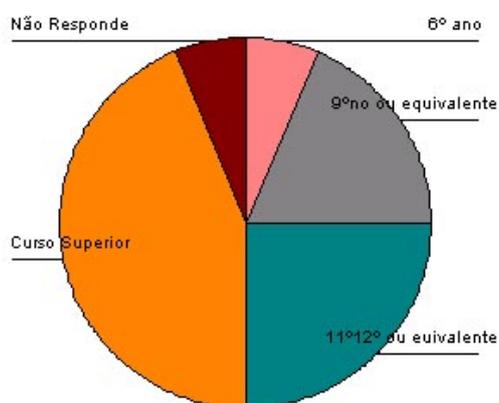
Para melhor ficarmos a conhecer a amostra utilizada para a nossa pesquisa efectuamos uma série de frequências simples às variáveis sociográficas presentes, a saber: **Sexo, Idade, Habilitações Literárias e Ocupação**. Das quais apresentamos os gráficos, estando as respectivas tabelas disponíveis para consulta em Anexo.

Gráfico 1: Frequência do Sexo



Como é possível verificar 56% da nossa amostra é constituída por homens e 43% por mulheres. Dos quais 75% têm idades¹³ compreendidas entre os 18 e os 44 anos. Os restantes 25% dos indivíduos têm idades entre os 45 e os 64. A maioria dos inquiridos completou o Ensino Superior (43.8%) enquanto 25% destes terá completado o 11º/12º ou Equivalente, aos quais se seguem os ouvintes com o 9º ano (18.8%). Em último lugar encontramos os indivíduos com o 6º ano (6.3%) e aqueles que optaram por não responder a esta questão – também com 6.3%. No que diz respeito à última variável sociográfica – Ocupação – 56.3% dos inquiridos Trabalham, enquanto 12.5% estão Desempregados, 6.3% Procuram o primeiro emprego ou são Domésticas. 6.3% dos nossos inquiridos são Estudantes e finalmente 12.5% destes pertencem à categoria Outros.

¹³ Os restantes gráficos estão disponíveis para consulta em Anexo.

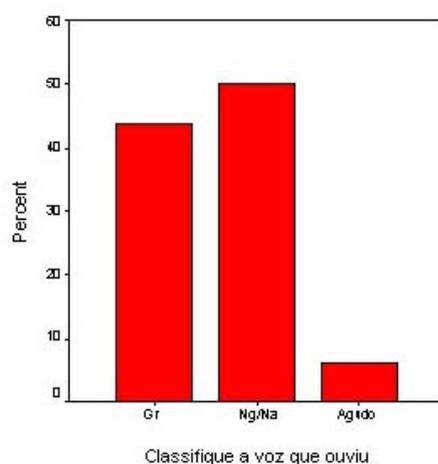
Gráfico 2 : Frequência das habilitações literárias

10.1.1 Frequência da variável Classifique a voz que ouviu

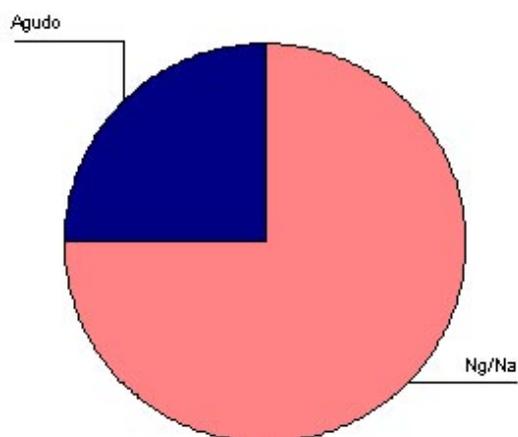
Para percebermos quais as classificações das quatro vozes do painel constituído efectuamos quatro frequências simples e à semelhança do ponto anterior apresentamos os gráficos remetendo para Anexo os respectivas tabelas. Os resultados são os seguintes.

A primeira voz é classificada pelos inquiridos como sendo Nem Grave Nem Aguda com um total de 50%, aos quais se seguem 43.8% que a classificam como Grave e 6.3% dos ouvintes que a classificam como Aguda. Por seu lado 62.5% dos inquiridos etiquetam a 2ª voz masculina como Grave, 18.8% como Aguda e 12.5% como Nem Grave, Nem Aguda.

Gráfico 3 : Frequência da 1ª Voz masculina

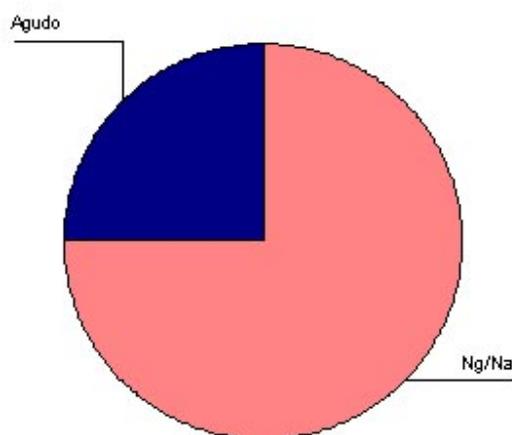


As vozes femininas por seu lado são classificadas como Nem Graves, Nem Agudas por mais de metade da amostra. A primeira com 56% das respostas e a 2ª voz feminina com 75%, sendo que 25% dos ouvintes deste painel a classificam como Aguda. No entanto, na primeira voz as opiniões estão mais divididas. Assim, 18.8% dos indivíduos rotulam esta voz de Grave e outros tantos 18.8% de Aguda. Os restantes 6.3% dos informantes consideram-na Muito Grave.

Gráfico 4 : Frequência da 2ª Voz feminina

10.1.2 Frequências das variáveis Das vozes masculinas que teve oportunidade de ouvir qual a que lhe agradou mais e Das vozes femininas que teve oportunidade de ouvir qual lhe agradou mais.

Gráfico 5 : Frequência da voz feminina preferida pelos inquiridos



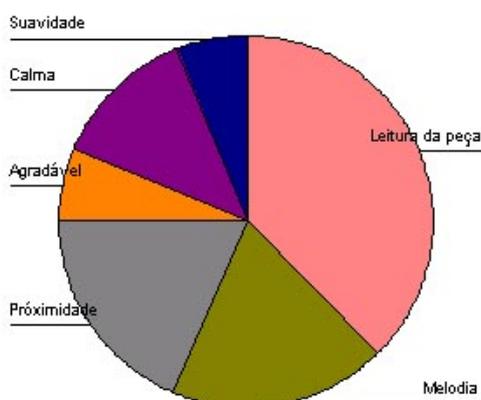
Efectuamos estas frequências para conhecer a distribuição das preferências dos entrevistados em relação às vozes escutadas. Assim, ficamos a saber que a voz masculina na qual recaem a maior parte das escolhas dos 16 inquiridos é a primeira com 68.8% do total das respostas. A segunda voz contabiliza assim apenas 31.3% das preferências. Por seu lado, a voz feminina preferida é a segunda com mais de 80% das escolhas, classificada como Nem grave, Nem Aguda por mais de 70% dos informantes. Será útil relembrar que a voz masculina mais escolhida neste questionário é rotulada pelos informantes como Nem Grave, Nem Aguda à semelhança da voz feminina mais seleccionada.

Tabela 1: Frequência Da voz masculina preferida

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Voz1	11	68,8	68,8	68,8
Voz2	5	31,3	31,3	100,0
Total	16	100,0	100,0	

As razões pelas quais os informantes escolheram as vozes acima indicadas foram por nós solicitadas através da questão **Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha** e por isso achamos por bem proceder a uma frequência desta mesma variável. Sendo também essencial referir que esta pergunta era de natureza aberta e foi por nós codificada à posterior, na fase da análise dos dados, do qual surgem seis categorias: **Leitura da peça jornalística em causa, Melodia, Proximidade, Suavidade, Calma e Agradável**. A primeira categoria é aquela que mais peso tem para os inquiridos com 37.5% das escolhas, seguindo-se a melodia inerente à mesma com 18.8% e proximidade com a mesma percentagem de preferência. A calma apura assim 12.5% das respostas.

Gráfico 6: Frequência da variável – Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha



10.2 Vozes masculinas

Vamos começar por apresentar os resultados consoante a voz que estamos a tratar, dividindo os resultados por vozes masculinas e vozes femininas.

Do total dos inquiridos do sexo feminino 57% classifica a primeira voz masculina como Grave, já para a maioria dos homens (55.6%) esta 1ª voz situa-se num tom intermédio, será útil relembrar que esta é a voz masculina preferida pelos inquiridos. A segunda voz masculina é classificada como Grave tanto pelos homens como pelas mulheres com um total de 88.7% para os primeiros e 57% para as informantes do sexo feminino. Do total dos ouvintes que classifica esta voz como sendo Grave, 60% são homens e 40% mulheres.

A primeira voz masculina transmite as seguintes características aos entrevistados: Credibilidade 87.5%, seguindo-se Segurança com 43.8% e por último Clareza com 31%. A segunda voz masculina por seu lado, transmite Credibilidade com 56.3%, Segurança com 31.3% e finalmente e Clareza com 25%. No que diz

respeito à sua classificação, os resultados são os seguintes: a primeira voz masculina é considerada por 44% dos inquiridos como sendo uma voz Quente, Agradável com 31% e por último Segura com 31% das escolhas.

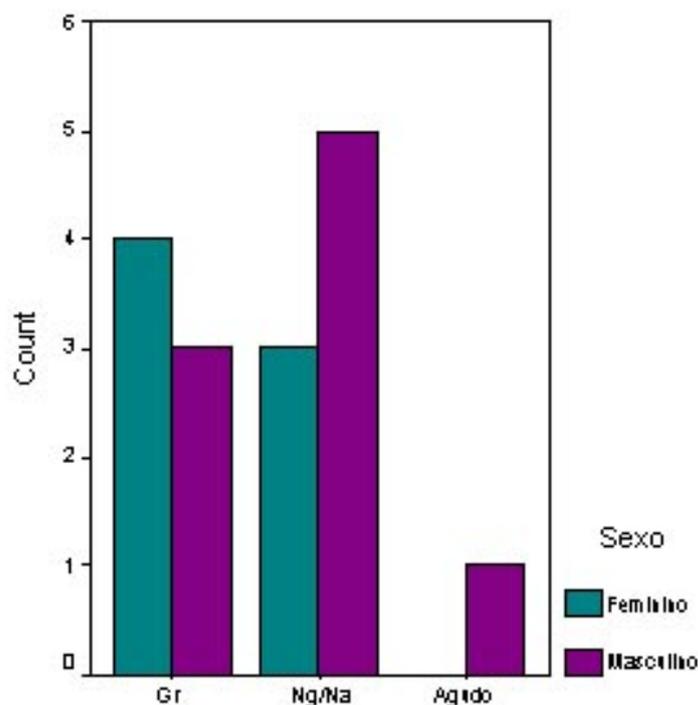
A segunda voz masculina ouvida pelos inquiridos é rotulada de Quente com 43.8% das respostas, Próxima com 18.8% em exequo com a característica Segura e por último, Agradável com 12.5% e Segura também com 12.5% das respostas.

Tabela 2: Frequência da variável O que lhe transmite esta voz

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Proximidade	1	6,3	10,0	10,0
	Clareza	5	31,3	50,0	60,0
	Autoridade	2	12,5	20,0	80,0
	Confiança	2	12,5	20,0	100,0
	Total	10	62,5	100,0	
Missing	System	6	37,5		
Total		16	100,0		

10.2.1 Cruzamento das variáveis classifique a voz que ouviu com sexo e habilitações literárias

Do total dos inquiridos do sexo feminino 57% classifica a primeira voz masculina como Grave, já para a maioria dos homens (55.6%) esta 1^a voz situa-se num tom intermédio, será útil lembrar que esta é a voz masculina preferida pelos inquiridos. A segunda voz masculina é classificada como Grave tanto pelos homens como pelas mulheres com um total de 88.7% para os primeiros e 57% para as informantes do sexo feminino. Do total dos ouvintes que classificam esta voz como sendo Grave, 60% são homens e 40% mulheres.

Gráfico 7: Classifique a voz que ouviu com Sexo

No que respeita às habilitações literárias os dados são os seguintes para 75% dos inquiridos com o 12^o ano ou equivalente, a primeira voz masculina é Grave. Para os indivíduos com o 9^o ano ou equivalente esta não é Nem grave, Nem Aguda com uma percentagem de 33% das respostas, bem como para 74% dos inquiridos com o curso superior, para os inquiridos que completaram o 6^o ano esta voz situa-se num tom intermédio com 100% das respostas obtidas.

A segunda voz masculina é considerada grave pelos inquiridos com o 12^o ano ou equivalente (75%) e também pelos entrevistados com o curso superior com 57% e e nem Grave, Nem Aguda por 335 dos que têm o 9^o ano ou equivalente.

10.3 Vozes Femininas

No que toca às vozes femininas, a voz preferida pelos inquiridos é a segunda com 80% das escolhas, situando-se num tom intermédio. A primeira voz feminina é classificada por 71.4% das mulheres como Nem Grave, Nem Aguda e com 44% das respostas masculinas. A 2ª voz feminina que é a preferida pelos entrevistados, é considerada Nem Grave, Nem Aguda por 71% do total das mulheres e 78% do total dos homens. Devido ao facto de 59% dos inquiridos que responderam a esta questão terem considerado que esta é uma voz Aguda, pode-nos levar a concluir que a segunda voz feminina tende um pouco para o agudo, apesar de ser considerada pela maior parte da amostra intermédia.

Quanto à distribuição da pontuação consoante as habilitações literárias, o quadro é bastante claro em afirmar que seja qual for as habilitações literárias dos inquiridos, maior parte destes classifica esta voz como sendo nem Grave/ Nem Aguda.

Os resultados do cruzamento da mesma variável, mas desta vez com a variável sociográfica Idade indicam que 75% dos inquiridos com idades compreendidas entre os 18 e os 24 classificam a 2ª voz como sendo Nem Grave/nem Aguda, enquanto outros 75% dos indivíduos entre os 35 e os 44 anos também concordam com este rótulo vocal. Dos 45 aos 64 anos esta é uma classificação que alcança a unanimidade com 100% das respostas.

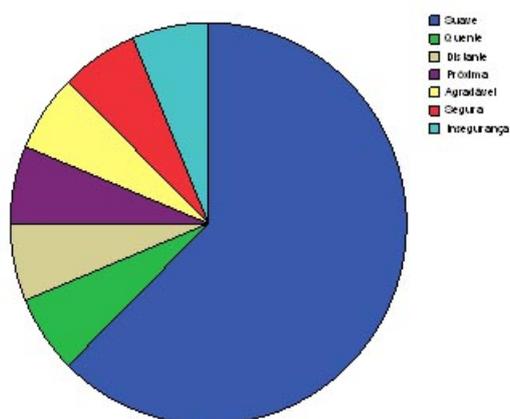
Quando inquiridos com aquilo que lhes transmite esta mesma voz os resultados são os seguintes: Credibilidade com 62.5% como primeira opção, Clareza e Segurança com 25.5% na segunda opção e por último, Confiança também com 25% das opções.

No que toca à caracterização, relativamente à primeira voz, os resultados são os seguintes: Quente com 25%, Segura também com 25% e por último Agradável com 25%.

A segunda voz feminina que se situa num tom intermédio é caracterizada como Suave com uma esmagadora maioria de 63%, ao que se segue Quente com 31% e na última opção caracterizada como Doce com 18.8%, Segura com a mesma percentagem, Pró-

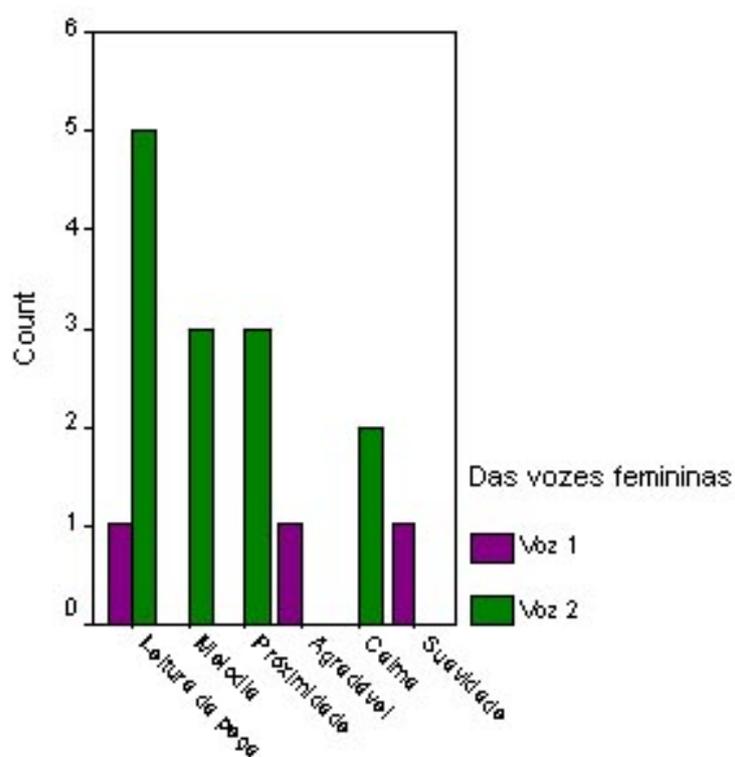
xima com 12.5%, bem como Agradável com a mesma percentagem de escolha. No que toca aos sentimentos que esta voz poderá transmitir à nossa amostra, estes são os seguintes: Credibilidade com 50% das opções, Proximidade e Clareza com 25%.

Gráfico 8 : Frequência da variável Caracterize a voz que acabou de ouvir à 2ª voz feminina



Para percebermos o que levou os inquiridos a escolher a voz que mais lhe agradou, decidimos cruzar esta variável com a variável Explique numa frase o porquê da sua escolha. Assim no que toca à primeira voz feminina, a leitura da peça foi o que mais pesou para escolher esta voz como a preferida, apesar de a voz feminina eleita ter sido a 2ª, e a percentagem foi de 33%, por seu lado a 2ª voz recolheu 38% das justificações da Leitura da peça, seguindo-se a melodia com 23% e a Calma com 15%, no que toca à segunda voz feminina.

Gráfico 9 : Cruzamento das variáveis Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha com das vozes femininas que escutou qual a que lhe agradou mais.



11 Conclusão

Com este estudo, pretendemos construir uma ponte de base metodológica entre as conclusões do estudo de Emma Roderer, com aplicação em Espanha, e as nossas conclusões.

A Voz tem como função assegurar e manter o contacto com o ouvinte radiofónico, transmitindo a mensagem. A ausência da

imagem faz com que este processo de comunicação se torne especial e que tenha de contar também com o empenho do profissional e até algumas características específicas, diferenciadas dos restantes comunicadores e profissionais do jornalismo.

Os três traços vocais como o timbre, o tom e o ritmo compõem o todo que é a Voz. Elemento de trabalho do rádio jornalista que transporta aquando da criação de imagens na mente do ouvinte, três potenciais sensações: a tátil, a olfactiva e a auditiva.

A Voz funciona como um elemento de identificação social perante os demais, sendo que os atributos vocais como o timbre, o tom, a intensidade e a duração são produtos das relações sociais e pessoais dos indivíduos, factores condicionantes perante os demais. Comportando em si uma variável sócio-linguística que revela e identifica rapidamente o indivíduo, de onde vêm, qual a sua posição social, bem como a sua experiência de vida.

Nesta pesquisa, e como já referimos, o sexo do sujeito é determinante, isto porque o tom é um atributo vocal intimamente ligado ao sexo do indivíduo, criando estereótipos e construções físicas e psicológicas que emergem do tom de voz. Perfis masculinos e femininos físicos e psicológicos positivos ou negativos.

A Voz é um elemento decisivo no processo de personalização e “vedetização” da informação, introduzindo uma dimensão de intimidade e de liberdade na comunicação, na medida em que o jornalista não é visto pelo receptor da mensagem, sentindo-se por isso menos constrangido. Outra das características da Voz residem no carácter instantâneo da comunicação radiofónica, que transporta em si uma dupla dimensão factual e subjectiva, e por isso, mais aberta ao imaginário que ao analítico.

Estas são algumas das conclusões teóricas a que chegamos e que sustentam a componente prática desta pesquisa e as hipóteses por nós construídas, que se basearam na ideia duma comunicação radiofónica que sobrevive em muito das capacidades e dotes vocais do jornalista, seja na área da informação como na área do entretenimento. Com as entrevistas exploratórias, procurámos delinear um caminho para a aplicação do inquérito por questionário

e que nos conduzisse às preferências dos ouvintes em relação aos tons de voz dos rádio jornalistas, tentando ao mesmo tempo aferir qual a importância atribuída à voz na comunicação radiofónica e como ouvintes classificam e caracterizam as vozes, consoante o seu tom de voz.

Partimos do princípio que a Voz continua a ser o elemento decisivo na contratação do profissional, além de determinar a sua colocação nas tarefas que desempenha numa redacção, no entanto vimos que esta hipótese não se confirma. O uso da Voz e como foi possível perceber logo através das entrevistas realizadas, mudou, evoluindo juntamente com a forma como se faz Rádio actualmente, dependendo também da distribuição do trabalho e da produção dentro das redacções. A excelência de outros tempos da figura do locutor já não existe, seja por estas razões da modificação da distribuição das tarefas, seja pelo facto de uso dado à Voz por parte destes profissionais míticos, já não fazer qualquer sentido nos dias que correm, mesmo a nível estilístico.

A transformação da Rádio sente-se assim a todos os níveis. Antes de o jornalista demarcar o seu próprio estilo ou personalidade vocal, é recrutado consoante o público-alvo do meio de comunicação e o cariz temático, ou a sua ausência, da Rádio em que poderá trabalhar. Este “novo” rádio jornalista tem por obrigação cativar o seu auditório, ir de encontro ao ouvinte que mais convém àquele meio de comunicação e não o contrário. Para isso, servesse da sua Voz para construir uma série de personagens ou personalidades vocais, que podem diferir consoante determinadas variáveis.

Neste ponto, entra também aquilo que as chefias idealizam ou pedem ao rádio jornalista, seguindo os padrões construídos para aquela rádio e para o auditório que pretendem cativar. Sendo assim, efectuam a selecção de vozes para os prime-times, tentando sempre preencher lacunas e as necessidades do meio. Este processo de selecção das vozes radiofónicas é visto pelos entrevistados como uma tarefa empírica, que pouco tem de reflexão consciente e que obedece também aos padrões vocais de referência e

que segundo os mesmos directores, se cumpre actualmente com pouco rigor, visto que é uma tarefa complexa, que exige mais dedicação e tempo do que aquele que estes dispõem.

Os directores de informação procuram jornalistas completos e que cativem o público, dando ênfase ao comunicador, ao rádio jornalista que é flexível e que se encaixa tanto na Animação como na Informação. Predicados que os próprios jornalistas chamam para si e referem.

A Voz, que não deixa de ter um peso significativo, não condiciona toda a actuação dos actores ligados a este meio de comunicação. A Rádio é som e necessita da Voz para fazer passar a mensagem, influenciando, sem dúvida, a recepção desta mensagem por parte dos ouvintes, porém não é, nem pode ser, o elemento determinante na contratação ou colocação do rádio jornalista em determinadas tarefas e nos horários nobres.

De qualquer forma, todos os nossos informantes assumem que por ser mais característica, a voz grave e média-grave é a mais adequada para a Rádio, quanto mais não seja, por ser esta a imagem típica dos rádio jornalistas, ou porque na realidade as vozes agudas não se adequam a este tipo de meio de comunicação.

A forma como o jornalista se expressa, tanto a nível oral como escrito, a sua cultura geral e a sua capacidade de cativar e até criar laços “afectivos” com os seus ouvintes, determinam em muito o seu lugar na estação de rádio. Ficando aqui claro, que por mais que a Rádio tenha mudado, este continúa a ser um meio que se quer quente, próximo e omnipresente que suporta uma concepção da comunicação radiofónica “afectiva” e logo, mais efectiva.

O dinamismo vocal poderá ser e é efectivamente, uma dessas características que são tão “queridas” e desejadas, tanto pelos rádio jornalistas como pelos próprios directores, que aliado ao factor comunicabilidade dos seus profissionais desenha o profissional “perfeito”. Não esquecendo algumas componentes técnicas como a dicção, saber ler e fazer-se entender ao ouvinte com clareza e segurança, criando empatia com o seu auditório.

Pela parte dos professores de técnica vocal, percebemos que

mais importante que o tom de voz, mesmo que este tenha influência na compreensão do conteúdo das mensagens, é forma como o orador se expressa, levando em conta nessa ocasião o seu auditório e a mensagem que tenta transmitir. E mesmo que a voz transmita sensações e revele sentimentos, pode ser sempre moldada, sendo esta capacidade que confere aos profissionais da voz e a todos nós a capacidade da construção de personagens, que se adequam às diversas situações quotidianas, mas que surgem e se consolidam consoante a própria personalidade do indivíduo.

As sensações que são transmitidas pela Voz e o seu tom são confirmadas pela amostra que consultamos no painel. Aqui os resultados vieram confirmar que os ouvintes preferem as vozes que situam em tons graves e médio-graves, que são caracterizadas como seguras, credíveis e claras. Transmitindo sensações semelhantes, que se coadunam em muito com que leva os 16 inquiridos a escolher as suas vozes preferidas das que tiveram oportunidade em escutar. Mencionando assim, factores como a leitura da peça, a melodia que estas vozes lhes transmitem e a proximidade que lhes suscita audição destas quatro vozes.

Tanto a caracterização como a transmissão daquilo que as vozes despertam aos informantes estão em consonância com os resultados aferidos por Emma Rodero Antón, as que foram referidas pelos nossos entrevistados, estando também de acordo com as hipóteses construídas e que orientaram todo o trabalho produzido. As preferências dos inquiridos recaem maioritariamente sobre as vozes intermédias, que não são excessivas

12 Bibliografia

ALBARELLO, Luc, DIGNEFFE, Françoise, HIERNAUX, Jean-Pierre, MAROY, Christian, RUQUOY, Danielle e SAINT-GEORGES, Pierre de, *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1997.

ALMEIDA, João Ferreira de e PINTO, José Madureira, *A In-*

investigação nas Ciências Sociais, Lisboa, Editorial Presença, 1995.

AWRT (American Women in Radio and Television), *Women On The Job: careers in the electronic media*, 1984.

ANTÓN, Emma Rodero, *El tono de la voz masculina y femenina en los informativos radiofónicos: un análisis comparativo*, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2001

ANTÓN, Emma Rodero, *Los principales errores que debe evitar todo locutor de informativos radiofónicos: un estudio práctico*, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2001

ARAÚJO, Carlos Brasil de, *O Escritor, A Comunicação e o Rádio jornalismo*, Lisboa, 1972

BARBEIRO, Hérodoto e LIMA, Paulo Rodolfo de, *Manual de Radiojornalismo*, Rio de Janeiro, Editora Campos, 2001

BARTHÉS, Roland, *O grão da voz*, Edições 70, 1981

BRYMAN, Alan e BURGESS, Robert G., *Analzing Qualitative Data*, Londres e Nova Iorque, Rotledge, 1994

CHARDON, Jean-Marc, *Le Journaliste de Radio*, Paris, 1995

CLÉMENT, Catherine B, *As vozes da France-Inter*, in LAVOINNE, Yves, *A Rádio*, Coleção Trimédia, 1975.

CLUBE DE JORNALISTAS, *Quem é Quem no Jornalismo Português*, Lisboa, Clube de Jornalistas, 1992

CROOK, Tim, *International radio journalism: history, theory and practice*, London, Routledge, 1998

ECO, Umberto, *Como se faz uma tese em ciências humanas*, Coleção Universidade hoje, Editorial Presença, 10^a Edição, Lisboa, 2003.

- FODDY, William, *Como Perguntar – Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*, Oeiras, Celta Editora, 1999.
- FRADA, João José Cúcio, *Guia Prático para a Elaboração de Trabalhos Científicos*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999.
- GANZ, Pierre, *A Reportagem em Rádio e Televisão*, Mem Martins, Editorial Inquérito
- JESPERS, Jean-Jacques, *Jornalismo Televisivo*, Coimbra, Minerva, 1998
- LAVOINNE, Yves, *A Rádio*, Lisboa, Coleção Trimédia, 1975
- MACLEISH, Robert, *Radio Production: a manual for broadcasters*, Oxford, Focal Press, 1994
- MANN, Peter H, *Métodos de Investigação Sociológica*, Biblioteca das Ciências Sociais, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1970
- MEDITSCH, Eduardo, *Sete meias-verdades e um lamentável engano que prejudicam o entendimento da linguagem do rádio jornalismo na era electrónica*, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 1995
- MEDITSCH, Eduardo, *A especificidade do Rádio Informativo*, Coimbra, Minerva, 1996
- MEDITSCH, Eduardo, *A nova era do Rádio: O discurso do radi-jornalismo enquanto produto intelectual eletrônico*, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 1997
- MEDITSCH, Eduardo, *A Rádio na Era da Informação: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo*, Coimbra, Minerva, 1999
- MENESES, João Paulo, *Tudo o que se passa na TSF... para um “livro de estilo”*, Porto, Edição Jornal de Notícias, 2003

- MOREIRA, Aurélio Carlos, *Jornal da Rádio*, Lisboa, 1998
- MOREIRA, Carlos Diogo, *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1994
- NICHOLS, Paul, *Social Survey- A fieldguide for development workers*, Development Guidelines, No 6, Oxfam, 1991
- QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1998
- SCHAEFFER, Pierre, *Notas sobre a expressão radiofónica*, in LAVOINNE, Yves, *A Rádio*, Lisboa, Coleção Trimédia, 1975
- SEVERINO, António Joaquim, *Metodologia do Trabalho Científico- directrizes para o trabalho didático-científico na Universidade*, S.Paulo, Autores Associados-Cortez Editora, Coleção Educação Contemporânea- Série Metodologia e Crítica da Ciência, 1984.
- SILVA, Virgílio Luís Garrancho da, *Rádio: linguagem e audiência* – Tese de Licenciatura, Lisboa, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Lisboa, 1993.
- THOMAS, Denis, *Competition in Radio*, London, The Institute Of Economic Affairs, 1965

13 Anexos

Anexos A

Anexo 1

Proposta de tema para o trabalho final da cadeira de Técnicas de Rádio - apresentada a 9 de Outubro

Tema: “As Vozes da Rádio: a voz masculina e a voz feminina em blocos informativos”

Depois de constatarmos que a Rádio é o meio de comunicação de massas menos explorado por investigadores, foi mais fácil ter uma visão abrangente (embora um pouco abstracta) dos temas já tratados.

Por este motivo, consideramos útil e inovador estudar as diferenças entre as vozes masculina e feminina na perspectiva do ouvinte, do redactor, e do director de informação, no plano específico ao rádio jornalismo, ou seja, em relação aos blocos informativos em rádio (noticiários e informações de trânsito).

Não encontrámos esta temática explorada por qualquer investigador português, pelo que achamos que este estudo seria um contributo para o desenvolvimento da temática geral - Rádio.

Queremos, no entanto, esclarecer, que este estudo incidirá apenas sobre o contexto radiofónico nacional.

Objectivos:

1. Analisar as características dos blocos informativos em rádio e o tipo de linguagem utilizada.
2. Constatar se existem preferências por parte dos ouvintes em relação ao sexo dos rádio jornalistas, através da aplicação de um questionário de auto-preenchimento. Caso existam, tentar encontrar justificações para cada uma dessas preferências.

3. Constatar se existem preferências por parte dos directores / responsáveis de informação em relação ao sexo dos rádio jornalistas, através da realização de entrevistas. Caso existam, tentar encontrar justificações para cada uma dessas preferências.

Anexo 2

Pedido de entrevista - enviado por e-mail aos directores de informação a 21 e 22 de Outubro de 2003

Exmo. Senhor
Director de Informação

No âmbito de uma investigação académica sobre “As vozes da Rádio: A voz feminina e a voz masculina em blocos informativos”, vimos por este meio solicitar a Vossa Ex.^a uma entrevista, com a brevidade que lhe seja possível.

Mais informamos que somos um grupo de quatro elementos, finalistas da Licenciatura em Comunicação Social, com especialização em Jornalismo de Actualidade Internacional e Política, do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa.

Agradecemos, desde já, a atenção dispensada e sublinhamos a importância da sua colaboração para a investigação em causa, e para o conseqüente enriquecimento da documentação (ainda escassa) sobre esta temática.

Para efeitos de contacto são estes os nossos contactos:

Carina Sequeira – 96 5452689

Mariana Bessa – 93 607 75 82

Rita Silva - 91 913 62 76

Sofia Aureliano – 91 607 21 81

Sem mais assunto, enviamos os nossos melhores cumprimentos.

Anexo 3

Pedido de entrevista - enviado por mail aos animadores

Exmo. Senhor

Sou aluna do 4º ano de Comunicação Social, no Instituto de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade Técnica de Lisboa e estou a executar o meu seminário de investigação, na área da Rádio. O tema do meu trabalho é "As Vozes da Rádio: a voz feminina e a voz masculina em blocos informativos." e venho por este meio solicitar a sua participação neste estudo. Para que tal seja possível, necessito que me conceba uma entrevista exploratória subordinada ao tema do trabalho.

Esta investigação consiste em perceber e apurar se realmente as vozes dos locutores/rádio jornalistas é escolhida seguindo um critério de selecção que se relacione com o seu tom e timbre e se os profissionais se apercebem deste mesmo critério de selecção por parte dos directores de informação.

Além do mais, tenciono averiguar se os ouvintes dão qualquer relevância ao tipo de voz que escutam nos programas de entretenimento ou/e informação.

Esta pesquisa que tenciono levar a cabo é baseada numa já existente realizado por Emma Rodero Antón, professora da Universidade Pontifícia de Salamanca, subordinada ao tema "El tono de la voz masculina y femenina en los informativos radiofónicos: un análisis comparativo."

Emma Rodero Antón chegou à conclusão através da análise de um painel constituído por oito radio jornalistas que existem tons de vozes mais apropriados que outros para a rádio, depois de aplicar também um inquérito a uma amostra de ouvintes previamente seleccionado segundo os critérios de representatividade amostral.

É meu objectivo aplicar este estudo à realidade portuguesa, e por isso, solicito a sua participação.

Peço-lhe que me informe por favor da sua vontade de participar nesta pesquisa e a sua consequente disponibilidade para tal,

através deste mesmo e-mail ou do número de telefone 936077582. Obrigada pela atenção.

Anexos B

Guião das Entrevistas

- **Entrevistas dos Directores de Informação**

Anexo 4

Primeiro guião de entrevista - aplicado a 23 de Outubro de 2003.

1. Qual a importância de uma rádio específica de informação, no panorama nacional? Acha que é isso que distingue a TSF das outras rádios?
2. Qual é o processo de selecção de vozes para a edição?
3. Acha que existem vozes mais adequadas para os *prime times*?
4. Tem actualmente uma voz masculina ou uma voz feminina a editar noticiários nos períodos das 7h às 10h e das 17h às 20h (prime times)?
5. Acha que existe um registo (grave ou agudo) mais apropriado a um certo tipo de notícias?
6. Costuma seleccionar uma voz feminina para uma peça / reportagem sobre desporto?
7. Costuma seleccionar uma voz feminina para uma peça / reportagem sobre moda?
8. Como ouvinte, diga-nos uma voz que elegeria, se apenas pudesse escolher uma?

9. Enquanto profissional, qual a sua visão das preferências dos ouvintes (vozes graves ou agudas)?

Anexo 5

Segundo guião de entrevista - aplicado a 29 de Outubro, 4 e 7 de Novembro de 2003.

1. Quais as rádios que está a dirigir?
2. Qual o papel dos directores de informação?
3. Considera suficiente o espaço dedicado à informação na sua rádio?
4. Qual é o processo de selecção de vozes para edição?
5. Acha que existem vozes mais adequadas para os *prime times*?
6. Tem actualmente uma voz masculina ou uma voz feminina a editar noticiários nos períodos das 7h às 10h e das 17h às 20h (prime times)?
7. Este estudo espanhol concluiu que as vozes graves são as mais agradáveis para rádio. (Foi dado um exemplar do estudo ao entrevistado e feita uma explicação do respectivo conteúdo). Acha que existe um registo (grave ou agudo) mais apropriado a um certo tipo de notícias?
8. Quais são os problemas que se colocam a um relato de futebol feito por uma voz feminina?
9. Este estudo concluiu que as vozes graves (masculinas ou femininas) são as mais apropriadas para a rádio. Considera que na sua rádio se segue este padrão?
10. Como ouvinte, diga-nos uma voz que elegeria, se apenas pudesse escolher uma?

11. Enquanto profissional, qual a sua visão das preferências dos ouvintes (vozes graves ou agudas)?

Anexo 6

Entrevista José Fragoso, director de informação da TSF -aplicada a 23 de Outubro de 2003

1. **Qual é, na sua opinião a importância de uma rádio, que é inédita em Portugal, tão voltada para a informação?**

A TSF é o único formato em Portugal nesta temática da informação e tem uma importância que é demonstrada diariamente desde à 15 anos. A TSF começou por ser uma rádio pequena, uma rádio pirata e depois foi-se impondo ao longo dos anos e hoje em dia, desde praticamente o primeiro dia, é a rádio de referência em Portugal na área da informação. É muito importante, porque as pessoas precisam de ter diariamente notícias actualizadas, notícias desenvolvidas, opiniões, comentários, reportagens, e a TSF dá-lhes isso tudo nos momentos em que as situações até se tornam mais agudas, numa forma contínua e em directo, numa forma que chega às pessoas com tudo aquilo que elas necessitam. De manhã e à tarde principalmente, mas sempre que há um grande acontecimento a TSF habituou as pessoas a estar lá, naquele acontecimento, em directo a comentar o acontecimento, a deter opinião sobre o acontecimento, opiniões de pessoas diferentes, opiniões objectivas, opiniões que vêm de todos os quadrantes da sociedade. A TSF é uma rádio muito pluralista, todos os partidos falam na nossa rádio sobre um assunto, não é uma rádio que falhe e é esse lado de confiança que tem sido o principal suporte da TSF. E por isso é muito importante, julgo eu, até porque hoje em dia o que se verifica é que há outras rádios, que tentam aproximar-se do nosso formato e investem também na informação, porque é enfim, um elemento cada vez mais vital

para quem tem de decidir. As pessoas que trabalham, que têm tarefas ao longo do dia, se estiverem mal informadas, podem decidir mal se não tiverem a informação essencial.

2. A TSF não tem concorrentes?

Nós temos concorrentes em várias rádios, mas não temos nenhuma rádio que só faça notícias como nós. Portanto, em termos de uma rádio temática não temos. Mas as nossas concorrentes são todas as outras rádios. A TSF é a rádio mais credível na informação em Portugal. É isso não sou eu que digo, nós temos realizado estudos com alguma regularidade, a TSF é a rádio que as faixas de público, nas classes referência A, B, C, preferem, somos líderes nessas faixas. Somos líderes em Lisboa e no Porto, nos grandes centros urbanos, temos depois alguma dificuldade de contacto com as faixas mais jovens e temos alguma dificuldade também em chegar às zonas do interior do país, porque a TSF tem uma cobertura que não é brilhante. Nós temos algumas dificuldades técnicas de cobertura, no sul do país principalmente. Se tivéssemos uma cobertura como a RFM ou a Antena 1, teríamos concerteza uma audiência ainda maior.

3. Qual é o processo de selecção de vozes para edição?

Nós não à partida não seleccionamos vozes, seleccionamos jornalistas. Portanto, o processo prático para sermos práticos, pode passar pela contratação de jornalistas. Depende de dois factores: se houver uma vaga ou eu sentir que há uma necessidade de ter um jornalista com determinado perfil, vou a outra rádio ou a outro meio buscar um jornalista, com o perfil desejado que vem preencher essa lacuna, que nós eventualmente tenhamos. O que acontece mais vezes é nós recebermos pessoas que vêm fazer estágios das faculdades, como vocês ou que terminam eventualmente os cursos e a seguir querem fazer estágios, nós ao longo dos es-

tágios fazemos uma monitorização do trabalho das pessoas e podemos chegar ao fim e achar que uma determinada pessoa, homem ou mulher, para nós essa questão não é importante, tem condições para continuar a trabalhar. O que fazemos depois é propor a essa pessoa, que se mantenha mais algum tempo connosco, já com um contrato de trabalho daqueles mais simples e depois pronto, as pessoas ou evoluem e conseguem manter-se, ou então se entretanto o potencial delas se esgota, o que acontece é que contrato chega ao fim e acabam por sair. Mas o processo de selecção não é tanto pela questão da voz. Quando numa primeira fase as pessoas são enviadas para fazer estágio numa rádio, em princípio fazem logo testes de voz e é evidente que se não tiverem voz, como aliás acontece na televisão, quem não tiver uma imagem, quem não tiver uma imagem forte, também não será nunca pivô de televisão. Quem tiver vozes relativamente estranhas, também nunca trabalhará numa rádio. Esse será um processo, mas é indiferente se é masculina ou feminina. Se as vozes... quem não tiver... e vocês na TSF ouvem, não é pela voz que à partida, que há um processo de selecção. Claro que uma pessoa gaga tem dificuldades em trabalhar em rádio, mas há vozes de todos os géneros, não há uma voz padrão na rádio. Há depois uma selecção pelo lado activo da pessoa como jornalista, pela forma como se adapta ao meio. Se é capaz de construir informação diariamente, se se envolve nos processos de produção internos de uma forma... enfim... fácil. Ao fim de um tempo a pessoa ou se adapta ou não de adapta.

4. Podemos dizer que há vozes mais adequadas ao horário nobre em rádio?

Há uma preferência no sentido de os horários da manhã e da tarde deverem ser feitos por jornalistas mais completos.

5. Se existir uma igualdade entre dois jornalistas um do

sexo feminino e um do sexo masculino há uma escolha para algum dos lados, por ser em prime-time?

Não. Existe uma tentativa de colocar nos horários mais fortes, os jornalistas mais completos e entenda-mos que a sua voz, é um dos elementos que fazem um jornalista mais completo. Um jornalista que tenha uma boa voz, seja um homem ou uma mulher, têm sempre mais facilidade de estar num bom horário, do que um jornalista com uma voz menos boa. Mas não é pelo facto de ser homem ou mulher.

6. Neste momento tem um homem ou uma mulher a editar das 7h às 10h e das 17h às 20h?

Nós temos neste momento, das 7h às 10h, um homem e uma mulher. Temos o Gonçalo Baltasar e a Helena Vieira. Entre as 17h e as 20h, temos o Paulo Alves Guerra.

7. Acha que existe um registo feminino ou masculino mais adequado a determinado tipo de notícias?

Não. Nós numa rádio, nesta rádio, que é uma rádio de notícias, não há nenhuma indicação específica para um determinado noticiário, se deve ser conduzido por uma mulher ou por um homem. Não há.

8. Tem alguma mulher a fazer desporto?

Nós temos uma jornalista cá em Lisboa e uma outra no Porto, que também faz desporto.

9. E quantos homens?

Temos cá em baixo seis homens. Acho que existem mais homens interessados em fazer desporto, do que mulheres. Não sei porque será. Talvez seja uma questão de cultura do próprio país e também de contacto das pessoas com a área. Acho que é mais fácil, se calhar as mulheres terem contacto com as áreas de sociedade, ou de política, ou de economia e tenham sempre uma aversão maior ao desporto.

Isto é o que eu tenho sentido ao longo da minha existência profissional. Embora a situação se venha a inverter à algum tempo, a situação hoje não é como há dez anos. Há dez anos, não havia sequer mulheres a fazer desporto, nem nos jornais desportivos, nem nas rádios, nem nas televisões a fazer desporto. Hoje em dia, há muitas mulheres. Eu lembro-me que a Cecília quando foi para a RTP, deve ter sido das primeiras jornalistas a fazer desporto. Havia uma ou outra colega nossa que também entrou na mesma altura, a Céu Freitas, que entrou para um jornal desportivo, julgo que para o Record ou para a Bola e também foi uma das primeiras. A Leonor Pinhão era até então um exemplo único, de uma mulher que se interessava por jornalismo desportivo. Hoje a situação está mais esbatida, a diferença não é tão grande, há muito mais mulheres a trabalhar em desporto. Mesmo assim ainda há mais homens do que mulheres. Eu pessoalmente, pela minha experiência profissional, o que sinto é que os homens, ou seja, . . . se começarmos a pensar em pessoas que estão a sair das faculdades para fazer estágio, é mais fácil, há muitos casos de estagiários que chegam, e nós tentamos perceber para que lado é que as pessoas se inclinam mais e há muitos mais homens do que mulheres a querer fazer desporto. Eu pessoalmente, acho que nós temos toda a vantagem em termos mulheres envolvidas na produção de notícias de desporto, por uma questão até de sensibilidade.

10. Será menos credível para o público?

Não, o público acredita ou não no órgão de comunicação social. Não é pelo facto de ser uma mulher que vai achar que tem mais ou menos credibilidade.

11. O mesmo acontece com os homens em relação à moda?

Não acho que haja grande diferença, até porque há muitos homens a escrever sobre moda. O acontece em geral

na comunicação é que existe uma tradição em Portugal e não só, mas isso enfim, é comum em outras áreas profissionais, onde os homens são claramente majoritários, há sempre mais homens do que mulheres em geral. Embora no jornalismo e nestes últimos anos nós temos uma redacção bem mais feminina do que masculina. É um exercício engraçado de se fazer, mas eu não tenho os números, mas andaré muito ela por ela. Mas há dez anos não era assim, há 15 anos não era assim, há 20 anos não era assim... as redacções eram completamente masculinas, não havia praticamente mulheres, havia uma mulher ou outra. E se recuarmos até antes do 25 de Abril, não havia mesmo mulheres nas redacções. Portanto, digamos que têm sido espaços conquistados, é um espaço conquistado ao longo do tempo e cada dia há mais mulheres. Hoje há redacções com mais mulheres do que homens, isto porque têm saído mais mulheres com cursos de jornalismo.

12. E no departamento de trânsito?

O trânsito é um serviço que nós temos. A TSF tem um serviço de trânsito que é mais do que as notícias. Nós temos um pequeno gabinete que trata informação de trânsito e que serve para informar em antena, mas também para informar directamente o ouvinte. Se alguém está retido num trânsito qualquer, liga para aqui, e o nosso atendimento dá-lhe informação de como sair daquele eventual atasco. Na antena a informação é recolhida por cinco jornalistas, que vão recebendo a informação, uma mulher e quatro homens, esta informação não vai à antena, dito por estas pessoas. Essa informação é depois passada para o pivôt e é esse pivôt que dá a informação no ar. Se for um homem é um homem, se for uma mulher é uma mulher. Também devemos estar ela por ela, em termos percentuais. Nós de manhã temos um homem, depois a seguir temos uma mulher, seguida de

outra mulher e depois temos novamente um homem e mais um homem. Anda relativamente equilibrado ao longo dia.

13. Como ouvinte diga-nos uma voz que elegeria se pudesse escolher uma?

Só pela voz? Há vários jornalistas com boas vozes e há outros com vozes menos boas. Por exemplo eu acho que o Francisco Sena Santos da Antena 1 é um bom jornalista, com uma voz muito característica, mas não é uma daquelas vozes da rádio. O Fernando Alves tem uma belíssima voz e está aqui na TSF. Mas há outros. O Adelino Gomes também tem uma boa voz. Há jornalistas aqui na TSF que têm boas vozes, eu não queria estar a particularizar muito em relação aos nossos, da casa, mais novos, mas eu acho que a distinção faz-se sempre mais... ninguém vai ouvir os noticiários porque está ali uma boa voz a dizer o noticiário. Isso é uma questão ultrapassada e a TSF aliás, deu o seu contributo, a sua ajuda nesse processo. A rádio antes da TSF... a TSF começou há 15 anos, antes disso havia a Renascença que era a rádio da Igreja, uma rádio do Estado, a RDP e não havia mais rádios. Depois começou o fenómeno das rádios privadas, das rádios piratas primeiro e é quando aparece a TSF. O que acontecia nas rádios que tinham informação, era que toda a gente ia a correr, com uns gravadores, para uma conferência de imprensa às 9h, ou às 11h, e depois havia noticiário às 13h, onde toda a informação era trabalhada e havia uma tendência para colocar jornalistas com boas vozes e até com vozes formalmente fortes que davam as notícias. Os noticiários não tinham directos, a informação entre o momento em que aconteceu e o momento em que vai para o ar, passavam 3, 4 horas e às vezes mais horas. Havia noticiários ao longo do dia de referência e depois havia apontamentos nos noticiários de hora a hora, não com a informação da última hora. Hoje nós temos informação on-line e a questão da voz ser melhorzinha

ou piorzinha, não é um elemento essencial na escolha. Nós não podemos ter más vozes, também não se pode dizer que não há um cuidado com a voz. Há uma preocupação, mas não é um elemento essencial que leve as pessoas a ouvir um noticiário. As pessoas ouvem um noticiário porque acham que o jornalista ou até a rádio é credível. Isto independentemente de ser uma voz masculina ou feminina. Nós nos levantamentos que vamos fazendo, não se pode fazer uma leitura em que se assuma que, se este noticiário for feito por um homem ou por uma mulher teria mais audiência.

14. Posso pedir que me refira uma voz feminina de que goste, uma vez que há pouco só mencionou vozes masculinas?

A Helena Vieira acho que tem uma boa voz. Eu há pouco referi apenas nomes de jornalistas mais antigos. Eu não me consigo lembrar de jornalistas mulheres, com boas vozes até porque não as havia. Se recuarmos ao tempo do Adelino Gomes, temos dificuldade em encontrar jornalistas que naquele tempo, tenham sido referências e que sejam mulheres. Actualmente nós temos aqui na TSF, muitas jornalistas mulheres que são pivôts. Na equipa da manhã temos: duas pivôts e um pivôt, a Margarida Serra, a Helena Vieira e o João Paulo Baltasar. Depois mesmo em termos de equipa temos, a Cristina Laimen, que vai à antena, a Ana Catarina Santos, que vai todos os dias à antena, a Sofia Morais e a Barbara Baldaia. São uma, duas, três, quatro, cinco, seis mulheres em catorze pessoas, portanto é quase metade da equipa. À tarde, o Paulo Alves Guerra faz pivôt e a Ana Cristina Henriques também faz pivôt. A Gabriela Batista também faz pivôt e depois ainda temos mais na equipa, a Lara Marques Pereira que faz o Espaço Cultura, destinado aos espectáculos e cultura. Portanto temos quatro mulheres em dez pessoas, que é outra vez quase 50% da equipa. À noite está cá a Liliana Valpaços e a Cláudia Henriques. Este fim-de-semana temos até uma equipa bastante femi-

nina, com a Cristina Santos e a Ana Sofia Gaspar que são pivôts. A Paula Dias e a Sandra Pires à tarde, a Maria Helena Marques e a Leonor Colaço à noite. Ao fim de semana, se ouvirem a TSF, só têm praticamente mulheres na antena.

15. Esse alinhamento de jornalistas é casual e aleatório, ou obedece a algum critério de escolha?

Não, nós também temos homens. Temos cá o João Janes, o Pedro Malaquias, temos o Luís Lourenço, o Paulo Alexandre David. . . isto dentro dos que efectivamente vão à antena, temos mais mulheres do que homens. A escolha tem a ver com o que nós decidimos em termos de equipa, mas não é decididamente pelo critério da voz. Eu devo dizer-vos que fiquei até algo surpreendido com o tema do vosso trabalho e até achei engraçado, porque pode haver aqui algum lado que nos escape. A questão das vozes mais ou menos adequadas para a informação, é uma questão que hoje em dia não se coloca. Ninguém diz ou pensa que tem, de ir aqui ou ali à procura de uma voz para fazer isto ou aquilo. Na informação não! Nem mesmo na televisão há essa preocupação. Actualmente há pivôts homens e pivôts mulheres, mas não é um factor essencial para a escolha de um pivôt ser uma voz feminina ou masculina. Quanto mais recente for o meio mais fácil é encontrar pivôts mulheres. Mas têm de recuar algum tempo, para perceber que a situação hoje é completamente diferente. Há dez anos quando a SIC começou, o José Alberto Carvalho não era um pivôt de referência em Portugal, era pivôt do Jornal da Tarde da RTP. A Alberta Marques Fernandes nem sequer existia, o Rodrigo Guedes de Carvalho era já pivôt do 24 Horas da RTP e o José Rodrigues dos Santos dava os seus primeiros passos com a história da Guerra do Golfo. É preciso ter atenção que hoje em dia, saem muito mais mulheres das faculdades do que homens, daí que haja mais mulheres nas redacções.

16. Este estudo espanhol conseguiu provar que, de facto os

ouvintes preferem vozes mais graves, isto porque uma voz grave confere maior seriedade e credibilidade à notícia.

Então enviem-me esse estudo! Partindo desse pressuposto as vozes femininas são menos agradáveis do que as vozes masculinas? Vocês têm que ter dados em relação à reação dos homens e das mulheres relativamente aos homens e às mulheres da rádio, isto porque se calhar são diferentes. Variam de região para região, de classe social para classe social, enfim precisam de ter dados do universo de audiência de rádio em Portugal. Não sei se a Markttest tem algum estudo nesta área. Eu pessoalmente não acredito que se faça essa distinção. Estou a pensar nas rádios que contam para o totobola na informação, a Renascença e a Antena 1 e não me parece que essa distinção exista, embora eu não conheça o perfil dessas redacções. De qualquer forma não me parece que seja um factor determinante, se fosse haveriam estudos realizados nessa matéria.

17. No caso de se vir a comprovar que este estudo espanhol se aplica a Portugal, a TSF poderia vir a alterar as vozes da informação?

Os nossos estudos demonstram muita coisa, nós conseguimos afinar informação com muita regularidade. A TSF por exemplo tem um universo de ouvintes das faixas dos 25 anos aos 54 anos, portanto é uma rádio que atinge a população activa sobretudo, e de uma forma muito forte. O perfil do nosso ouvinte é maioritariamente masculino, cerca de 80% são homens e apenas 20% são mulheres. Também porque as mulheres se interessam menos pela informação. De qualquer forma pensar que poderíamos ter mais 10% ou 20% de audiência porque tínhamos um pivôt de um sexo ou de outro sexo, não é de todo um elemento relevante e determinante. Não é um elemento quantificável e se for, não nos vai dar uma posição clara, porque as pessoas mudam de

rádio se estiver uma mulher a fazer informação num rádio e está um homem a fazer informação numa outra rádio. O facto de a TSF ter 80% de ouvintes homens não se pode explicar por esse motivo.

Anexo 7

Entrevista Francisco Sarsfield Cabral, director de informação do Grupo Renascença - aplicada a 4 de Novembro de 2003

1. Quais as rádios que está a dirigir?

Estou a dirigir a informação da Rádio Renascença e da RFM. Dois canais que transmitem todos os dias, durante todos os dias informação de hora a hora, e às vezes, de meia em meia hora.

2. Qual o papel dos directores de informação?

O Director de informação é o responsável editorial, tem uma responsabilidade administrativa. Acima de mim está o Conselho de Gerência, há coisas que têm de ser decididas com a Administração, mas da parte editorial sou eu o responsável. Ainda esta manhã, telefonou uma pessoa que ouviu uma notícia e não estava de acordo.

É o mesmo papel que um director de um jornal. Em todo o caso, devo dizer que acho que um director de um jornal tem muito mais problemas do que um director de rádio. Estive dois meses à frente do Público e tive sete ou oito processos. Aqui, felizmente, tenho menos

3. Considera suficiente o espaço dedicado à informação na sua rádio?

Considero. Nós ainda temos a Mega FM, que também tem notícias. Na RFM, que é uma rádio basicamente de música, temos noticiários curtos (de 2 a 5 minutos) – o que é difícil

de fazer, porque é preciso seleccionar muito bem aquilo que é importante.

Na Renascença, começámos uma nova grelha há 15 dias, com pequenas diferenças. Mas acho que o espaço é bom, porque neste momento temos muitos noticiários. De hora a hora, geralmente de 7 minutos; e temos mais intervenção. Há mais relação entre a informação e a programação, não estão tão separadas, há mais intercâmbio. A informação pode entrar a qualquer hora: se neste momento, por exemplo, tivesse havido uma notícia extraordinária, interrompíamos a emissão e dávamos a notícia. Agora é mais fácil fazer isso do que no passado, com esta nova grelha.

4. Qual é o processo de selecção de vozes para edição?

Existe um processo de selecção, mas é um pouco empírico: há pessoas que nós sabemos que não devem ir à antena, porque não têm voz para isso, uma voz agradável ou perceptível; e há outras pessoas que achamos que devem ir muitas vezes porque têm uma boa voz. De facto, a voz é um facto a ter em conta e é tido em conta.

5. Acha que existem vozes mais adequadas para os *prime times*?

Há. Nós queremos que sejam vozes boas, perceptíveis e agradáveis. Temos vozes masculinas e femininas.

6. Tem actualmente uma voz masculina ou uma voz feminina a editar noticiários nos períodos das 7h às 10h e das 17h às 20h (*prime times*)?

Das 7h às 10h é o Arsénio Reis, e das 16h às 20h é o José Fragão, que neste momento está fora e a Ana Paula Santos está a editar. A voz dela é mais grave que aguda. Eu também concordo que as vozes agudas às vezes são menos agradáveis do que as vozes graves.

7. **Este estudo espanhol concluiu que as vozes graves são as mais agradáveis para rádio. (Foi dado um exemplar do estudo ao entrevistado e feita uma explicação do respectivo conteúdo). Acha que existe um registo (grave ou agudo) mais apropriado a um certo tipo de notícias?**

Sim, concerteza. Como televisão há pessoas que têm mais simpatia e melhor aspecto e que passam melhor. Na rádio é importante ter uma boa voz. Há aqui jornalistas que são bons jornalistas mas que não têm uma boa voz, têm uma dicção má. Também há aqui pessoas que têm aulas de dicção e fazem exercícios, mas há pessoas que, de facto, não dão.

O Desporto aqui na Renascença é especial, porque tem uma secção à parte, eu não mando no desporto.

Tradicionalmente, achamos a voz masculina mais apropriada ao desporto. Mas se calhar, se aparecer uma mulher... Se há uns anos visse mulheres a jogar futebol achava uma coisa esquisita e, hoje, nos EUA é regular.

8. **Quais são os problemas que se colocam a um relato de futebol feito por uma voz feminina?**

É uma questão das pessoas não estarem habituadas. Admito perfeitamente que haja relatos feitos por mulheres. Nós aqui não temos mulheres na secção de desporto, mas se calhar também podemos ter.

Se uma mulher soubesse fazer relatos (tivesse o mesmo treino que os homens) não vejo qual é o problema. Mas não é qualquer pessoa que faz relatos, é preciso uma capacidade especial. Eu, por exemplo, penso que não era capaz de fazer um relato. Se uma mulher fizer bem, porque não?

9. **Este estudo concluiu que as vozes graves (masculinas ou femininas) são as mais apropriadas para a rádio. Considera que na sua rádio se segue este padrão?**

É capaz. Lembro-me de grandes locutores portugueses com vozes graves... e também ouvi dizer que na televisão, a credibilidade depende muito da voz, e a voz grave certamente ajuda a obter essa credibilidade.

Na rádio, só há voz. Há outros factores importantes para nos levar a escolher um editor, porque nós não temos locutores papagaios (liam os jornais). Agora, que diz os jornais são os jornalistas que o fazem, são os responsáveis pelo jornal. É importante escolher as notícias, mandar alguém fazer uma reportagem.

10. Como ouvinte, diga-nos uma voz que elegeria, se apenas pudesse escolher uma?

Henrique Garcia, que já foi da rádio. O Sena Santos, que não tem uma voz muito boa, mas que é um excelente jornalista, compensa com outras coisas. O Francisco Mourão Ferreira, que dá as notícias na RFM à noite.

O caso do Sena Santos é um caso curioso, porque ele é um excelente jornalista da rádio e não tem uma boa dicção.

11. Enquanto profissional, qual a sua visão das preferências dos ouvintes (vozes graves ou agudas)?

Não sei, nunca fizemos sondagens sobre as vozes. Mas percebo que as pessoas se afeiçoem a uma voz. A rádio é mais próxima. A televisão é fria, a rádio é quente, é companhia. E portanto a voz é importante.

Anexo 8

Entrevista Luís Marinho, director de informação da Antena 1 e Antena 3- aplicada a 29 de Outubro de 2003

1. Quais as rádios que está a dirigir?

A Antena 1 e a Antena 3.

2. Qual o papel do director de informação?

O director de informação fica responsável por todos os conteúdos informativos da estação.

Eu por acaso sou director geral. Portanto tenho a antiga chamada área de programas e a área de informação, eu tenho de pensar nos conteúdos informativos, portanto fazemos a gestão de informação, a sua produção diária, os programas semanais enfim... tudo o que é informação acaba por ficar... eu estou no topo da pirâmide, tenho mais três adjuntos, três subdirectores que depois actuam em áreas específicas, mas de uma forma muito geral é isto que um director de informação faz.

Se quiserem as coisas mais esmiuçadas, também posso... ao fim e ao cabo sou responsável por todos os conteúdos da estação.

3. Considera suficiente o espaço dedicado à informação na sua rádio?

Neste momento, actualmente sim. Como vocês sabem eu estou nesta direcção há... desde Fevereiro. Portanto, oito meses, no passado eu achava que talvez a Antena 1 enquanto rádio de serviço público tivesse pouco espaço para a informação, hoje penso que temos espaço suficiente.

Até porque a emissão. Portanto toda a grelha de programas está montada para a qualquer momento a informação puder entrar num regime especial, até se acontecesse agora qualquer situação que nós entendêssemos que podíamos cobrir em permanência, toda a grelha está preparada para isso, portanto... Não há programas gravados, não há portanto, digamos que a grelha toda fluí sem qualquer problema de repente se desmancha e se entra em emissão especial. Digamos que isto não é uma rádio de informação só, isto não é a TSF, mas nós definimos a orientação da rádio, portanto

da Antena 1, como numa rádio em que a informação tem de ser o motor.

Portanto, a informação nunca pode deixar de ser dada por qualquer outro motivo, não é? E quando nós entendemos que uma situação tem que ser coberta em permanência, qualquer situação que aconteça, é isso que acontece, portanto digamos que toda a área de entretenimento tem que estar subjugada há parte informativa.

4. Mas há uma tendência para se aproximarem da TSF?

Não, não... nós entendemos é que, não, a TSF não pode, a TSF do ponto de vista informativo. O que nós queremos é que os ouvintes da Antena 1 não deixem de nos ouvir porque preferem ouvir notícias na TSF, percebem?

Portanto essa é a nossa linha de actuação.

5. Não são concorrência directa?

Não, porque a TSF é uma rádio de informação vinte e quatro horas por dia.

6. Qual é o processo de selecção de vozes para a edição?

Devia haver um processo, até vos digo já com toda a honestidade, devia haver um processo mais fechado, portanto uma selecção mais rigorosa, nós preocupamo-nos quando chegamos em fazer sobretudo a nível da antena, a nível dos animadores da antena, fizemos... praticamente mudámo-los todos, não é?

E até fomos buscar a maior parte deles à Antena 3 e vocês podem-me perguntar porquê, até por causa da filosofia que se deu à emissão da Antena 1, portanto é uma filosofia de uma emissão mais dinâmica, mais corrida com vozes mais presentes, portanto e isso nós tínhamos na Antena 3 e não tínhamos na Antena 1. Sabemos que as vozes da Antena 1

eram envelhecidas, eram vozes de pessoas já com outro perfil e hoje as vozes que vocês ouvem na Antena 1, vocês percebem que são vozes com força, mais graves as vozes dos homens, as vozes femininas nós temos durante um período de emissão obviamente não são vozes graves, mas também não são propriamente agudas são vozes suaves, vozes femininas, portanto que se adequam até a uma parte da nossa emissão que nós queremos que seja uma emissão um pouco mais tranquila, mais estendida, nós entendemos que aí uma voz feminina até funciona melhor.

7. E no caso da informação?

Temos de tudo, na informação temos vozes masculinas, temos duas editoras que são mulheres, depois temos três editores que são homens, portanto está mais ou menos.

8. Acha que existem vozes mais adequadas quer sejam femininas, quer sejam masculinas, mas registos graves ou agudos mais adequados para os *prime times*?

Há, há. Neste registo grave, agudo tenho alguma dificuldade... O que eu acho por exemplo, quer na componente masculina, quer na componente feminina a voz tem que ser obviamente agradável, uma voz que não afugente as pessoas. Portanto se for uma voz excessivamente aguda torna-se quase um guincho e obviamente que afugenta. E até eventualmente que uma voz excessivamente grave não seja uma voz agradável. Penso que tem de estar dentro de um registo médio e tem de ser uma voz que, uma voz simpática que tenha... que puxe as pessoas, que as mesmo na componente de informação acho que tem de haver ali uma... se bem que se entenda às vezes que a voz pode ser mais, digamos, marcar uma distância maior, mas se for uma voz mais quente, mais apelativa penso que tem sempre vantagens. Também vos digo honestamente que ainda não fizemos este tipo de estudo. Analisar com este rigor quais serão as...

quer dizer, isto tem funcionado um bocado como quase, sei lá, dentro do limite dos editores que temos se calhar aqueles que têm mais qualidade no ponto de vista jornalístico, e que obviamente que têm uma voz que é aceitável para rádio.

Também aqui fizemos algumas mudanças, nomeadamente à tarde. Vocês depois têm casos que nunca dariam um estudo neutro, por exemplo, se vocês analisarem o Sena Santos seria tudo menos uma voz da rádio, não é?

E o que é certo é que ele é o jornalista de rádio mais . . . com mais crédito.

E é estranho. Reparem, se vocês fizessem um estudo não está em nenhum padrão nem de registo de voz nem de dicção. Como sabem ele gagueja, ele faz haaaaaaaaa, hum, ah. E já há a escola Sena Santos, ele deixou aí uns clones não é? Na TSF, aqui também temos um ou outro, porque é difícil. . . Eu percebo que uma pessoa nova que comece e queira e que esteja a trabalhar com ele talvez sem querer deixar-se levar por aquela coisa que quase que se pega, não é?

Mas, quer dizer, não está em nenhum padrão, nem do ponto de vista do registo, nem do ponto de vista da dicção uma voz que vocês achariam uma boa voz para rádio ou uma boa dicção para rádio. Também há estes casos, estes são os casos for a do. . . Digamos que ele tem um carisma tão grande que as pessoas gostam dele assim mesmo gaguejando, mesmo hesitando, mesmo tendo uma voz que não é propriamente a voz. . . uma grande voz.

Digamos o comum é mesmo de facto. . . acho que é o registo chamado médio, não é? Portanto nem demasiadamente grave, nem muito agudo, sendo uma voz coloquial, portanto, uma voz se for simpática melhor ainda, não pode ser uma voz muito dura, muito abrupta que afaste as pessoas é um pouco por aí que vamos, não temos nenhum registo científico que nos diga esta voz é melhor do que aquela.

9. **Tem uma voz masculina ou uma voz feminina a editar noticiários habitualmente entre as 7 horas e as 10 horas e entre as 17 horas e as 20 horas?**

Os principais editores do período 7-10 horas são homens, portanto, o Senna Santos e o Zé Guerreiro. 17 às 20 horas edita o Sérgio Alexandre e a uma senhora que se chama Rosário Lira

10. **E a voz dela acha que é média?**

Sim. Uma voz muito bonita, média.

11. **Mais doce?**

Sim, sim.

12. **Acha que o conceito de mais doce numa voz não pode parecer contraditório à credibilidade de quem dá notícias?**

Quando digo doce é uma voz agradável, não é propriamente uma vozinha assim muito, não.

É uma voz que dá a credibilidade e a seriedade q.b., mas também não é uma voz distante, digamos que está dentro dessa fronteira.

13. **As ideais para si são essas?**

Eu acho que sim, porque nem ferem, nem dão a distância demasiada, mas também não é uma voz muito digamos, muito. Quando digo doce é doce de agradável.

14. **Este estudo espanhol concluiu que as vozes graves são as mais agradáveis, quer femininas quer masculinas, acha que existe um registo mais apropriado a certo género de notícias?**

Nós por exemplo no desporto não temos vozes femininas. Aliás como vocês sabem é muito raro, agora por exemplo

na televisão aparecem algumas mulheres. Mas nós aqui não temos, de facto.

No desporto, o desporto poderá ter algumas características diferentes, o que exige algumas características diferentes de voz. E penso que aí até, no desporto pode admitir tonalidades de voz até muito mais excessivas que propriamente o resto da informação.

15. Mais graves ou mais agudas?

Mais expressivas. Nem digo tanto agudas, nem graves. Digo mais... você pode dar notícias, quer dizer não precisa de dar notícias de desporto como estivesse a fazer um relato de futebol, mas digamos que pode ser uma coisa mais, por um lado mais coloquial e por outro lado mais vibrante do que se for um noticiário normal. Os noticiários que temos de hora a hora. E de meia em meia hora, nalguns períodos do dia, portanto. Agora diferenciar vozes por, aqui na rádio é difícil, porque nós temos...

Que tipo de noticiários é que temos? O chamado noticiário geral, portanto, o normal das horas, temos uma série de informativos que têm haver com o espectáculo, que é o cartaz que aparece duas vezes por dia. Nós temos uma série de chamados pequenos formatos de vários assuntos que correm ao longo do dia, eles são informativos mas não são propriamente informação pura, notícia de actualidade. E depois os noticiários desportivos estão separados, temos noticiário internacional que está agora a ser separado, portanto, havia uma coisa que se chama O Jornal da Europa, e que agora se vai chamar Jornal do Mundo, um noticiário puramente internacional.

Mas não vejo que aí seja, quer dizer nós estamos a ver que este registo é melhor para internacional ou melhor para sociedade ou melhor para política, não é propriamente...

16. Mas se houvesse um estudo científico que viesse provar

que um certo registo de voz era mais apropriado estariam dispostos a aderir?

Não, quer dizer se isso for um estudo científico e nós entendermos, até por estudos que fazemos com alguma regularidade, junto de painéis, com um painel. Nós fazemos uns testes, testes musicais e testes também de temas e de programas . . . Eu penso que esse é um estudo interessante, que se podia fazer com um painel e as pessoas dizerem qual a voz que gostam mais, porque é que gostam mais desta voz, e não daquela. Cá nunca foi feito, que eu saiba, cá em Portugal nunca foi feito. Mas é um assunto muito interessante, porque de facto a rádio é a voz, portanto se a voz afugenta as pessoas. Acho interessante que de facto se tenha essa preocupação também a esse nível. O que se faz em Portugal é muito um bocado, por. . . enfim.

Também nós sabemos se ouvimos uma voz é mais e que há pessoas que obviamente podem ser excelentes jornalistas e não puderem praticamente por a voz em peças, porque não têm voz para isso.

17. Quais são os problemas que se colocam a um relato dito por uma voz feminina?

Eu nunca ouvi nenhum relato feito por uma mulher.

18. Exactamente por isso, acha que é uma questão cultural ou uma questão de voz, ou uma questão de rapidez?

Rapidez não será certamente porque aí penso que uma mulher poderá dar o mesmo ritmo ao relato que um homem.

Eu começo por uma questão cultural, vou mais por aí.

19. Na sua rádio alguma vez arriscaria colocar uma mulher a fazer um relato?

Está-me a dar uma excelente ideia.

20. **Acha que Antena 1 poderia ser pioneira nesse aspecto? Teria coragem?**

Toda. Toda.

21. **Acha que uma voz de mulher não tem interferência na qualidade de um relato?**

Na qualidade seguramente que não tem. Como sabem um relato é preciso treino, você não consegue fazer um relato agora, se eu lhe disser para fazer um relato já, não faz.

Nem faz uma mulher, nem faz um homem. Portanto tem de ser uma coisa que tem de começar por a chamada rodagem de pista, começa ali o treino de um relator desportista começa sempre pela pista, portanto, os chamados repórteres de pista que são aqueles que estão no campo e que são chamados "então como é que foi esse lance? Foi não sei o quê e tal Foi falta ou não foi falta?". Porque eles andam ali perto e vêem, portanto é treino que se começa a fazer e nem todos os repórteres de pista dão bons relatores, portanto é preciso, até qualidades físicas complicadas. É preciso ter um fôlego do diabo, é preciso ter uma resistência grande. Porque você anda ali 45 minutos sempre a falar, praticamente e é preciso ter um grande pedal para fazer.

22. **Mas acha que os homens sendo os principais ouvintes de relatos de futebol, iam mudar?**

Não sei. Essa questão pôs-se com os primeiros relatores, essa questão...

23. **Mas elas até dizem que é fantástico, conseguem aceder mais rapidamente às coisas, são mais simpáticas...**

Pois são. Num mundo tipicamente masculino se você tiver uma repórter mulher tem muito mais facilidades, porque as pessoas acham que, tratam de maneira diferente, acham mais simpática, acham mais giro e tal...

24. Mas sabe que já entrevistamos um outro director de informação e ele não concebe a ideia.

Mas até estou de acordo que pode ser uma ideia giríssima.

25. A voz feminina tem tendência a ser mais aguda, e portanto ser mais difícil na dicção, na compreensão do ouvinte.

Isso aí acho que depende muito da voz. . . E acho que há, até estou a ver algumas que conheço, que o fariam tranquilo. As principais barreiras apesar de tudo já se quebraram. Vocês já têm futebol feminino em primeiro lugar, árbitros que são mulheres. Digamos que um bocado essa barreira já se começou a quebrar, aqui há uns anos atrás era muito mais complicado.

Portanto, agora pergunto eu, porque não dar o salto e ter a primeira relatora, a primeira repórter mulher, não é? Porque de facto, as barreiras foram todas ultrapassadas, você já tem campeonatos do mundo de futebol de mulheres, mulheres que são árbitros profissionais em jogos de homens, ao mesmo nível de árbitros homens. Portanto eu acho que as principais. . . Já tem montes de repórteres que são mulheres, não são montes mas enfim, mas são algumas.

E vocês perguntaram e bem, porque não a primeira relatora feminina? Digo-vos que vocês estão me aqui a dar uma excelente ideia.

26. Este estudo também concluiu que as vozes graves quer sejam vozes masculinas ou femininas, são as mais apropriadas para rádio. Considera que a sua rádio se rege por esse padrão?

A tendência é sempre para isso. E nos animadores claramente.

27. Quando foram escolhidos houve esse propósito?

Quer dizer eles já eram, quer dizer. . . O problema é assim, quando nós dizemos excelente voz de rádio, o que é que nós estamos a pensar, nós homens é de facto uma voz grave, aquela voz cheia, aquela voz que encha e que envolve. Nós temos aí excelentes exemplos e nas notícias um pouco também. O problema é que, nas notícias o que é que acontece. Como vocês sabem aqui há 20 anos atrás, as notícias não eram lidas pelos jornalistas, era pelos chamados locutores que liam, ainda apanhei o final dessa fase.

Depois passaram a ser os jornalistas, ora o que é que acontece, na diversidade, vocês têm uma diversidade de vozes muito maior em que tinham nos tempos em que era o Henrique Mendes, o Artur Agostinho, o Pedro Moutinho, aqueles da velha guarda. O que é que vossa tinha naquela altura? Tinha de facto, a nível da qualidade, era de facto uma coisa incomparavelmente diferente, quer dizer, o locutor de rádio sem experiência para ler notícias, o que é que se perdia? Perdia-se comunicação porque você estar a ler, você é locutor e obviamente dá tonalidades diferentes às coisas, nunca é a mesma coisa que estar a transmitir a sua história, dar as notícias que você sabe o que é que são, porque é que as escolheu desta maneira do que dar-lhe uma coisa para ler, olha está aqui o enunciado faça o favor de ler, é completamente diferente.

E por isso, se optou em todo o mundo para que as coisas fossem lidas obviamente dentro de um padrão eventualmente em qualidade ganha ou por outro lado, o que vocês perdem em forma desse ponto de vista, ganham em comunicação. Porque eu estou a ler a minha história, portanto leio-a sempre de maneira diferente, sei rigorosamente o que estou a dizer, do que estou a falar, enquanto que estou a ler uma coisa, com uma dicção absolutamente perfeita, mas há ali qualquer coisa que é mais fria, e por isso, se optou por

tem... Ouvi dizer que a Renascença queria voltar à forma antiga, mas eu penso que isso não se vai concretizar.

28. E pensa que isso resultaria?

Não sei. É assim, acho que as pessoas apesar disso tudo se vão identificando com os diferentes jornalistas, não é?

Eu acho que é assim, entre uma coisa feita por jornalistas muito mal feita e muito mal apresentada ou lida por locutores com voz e que acabam por dar alguma coisa às notícias, opto pelo locutor. Uma coisa para ser má lida e sem nenhuma comunicação.

Agora também tem acontecido e existe essa escola e como vos digo, isso tem para aí 20 anos, vocês tem excelentes jornalistas que têm excelentes vozes, que apresentam lindamente e apresentam com muito mais coração, porque é a notícia deles ou porque é a edição que eles estão ali a construir, não é?

Os pivôts são eles que fazem, que escrevem... eu acho que é diferente, portanto...

29. Este estudo associa a voz grave a credibilidade, a autoridade, a voz aguda é mais fria, é mais insegura, infantil e não transmite autoridade. Concorda?

Quer dizer acho que se for uma voz feminina muito, há mais tendência para uma voz feminina dar um tom mais infantil, do que uma voz masculina, isso é verdade.

30. Isso torna-a menos credível?

Isso torna, se for uma voz que as pessoas pensam que deve ser uma garotinha, mesmo que tenha 60 anos, deve ser uma garotinha que me está ali a dar notícias, as pessoas tendem a não dar tanto crédito.

31. Quer dizer que uma voz dessas nem se admite na rádio?

Não. Uma voz aguda em rádio acha um bocado complicado, mas também já existiu e apesar de tudo não eram jornalistas muito pouco conceituados. Mas por exemplo você tem um caso engraçado na televisão que é um pouco ao contrário, por exemplo, o que é que você diria... O que é se poderia associar a uma imagem de credibilidade a um pivô de televisão? Era pela idade, não é? Quer dizer como é nos Estados Unidos, como é em Inglaterra. Na rádio só se convive com a voz, até posso ter 10 anos e uma voz de 40 e as pessoas dão-me 40 anos. Tenho um caso muito engraçado, por exemplo, um o Rui Pêgo, já ouviram falar. O Rui começou por fazer rádio muito novo, e foi construindo uma voz que hoje tem que é natural, mas que ele construiu de miúdo. Portanto ele tinha uma voz de 16 ou 17 anos começou a fazer rádio, quando chegava ao microfone fazia-lhe assim um, falava assim de alto e foi uma voz que ele e acabou por ficar com ela e hoje tem aquela voz que toda a gente conhece, mas mesmo assim, eu comecei a trabalhar com ele e conheci muito antes de ele começar a fazer rádio e eu também e encontramos-nos depois na rádio Renascença e o Rui tinha na altura 20 e poucos anos e tinha um vozeirão para aí de 40 e tal. As pessoas iam às vezes lá para o conhecer e não acreditavam que era ele. Ainda por cima ele tem uma cara completamente de garoto, parecia um miúdo, ele tinha 20 e tal anos e parecia que tinha para aí 18 ou 19, as pessoas não acreditavam que era ele diziam este não é o Rui Pêgo. Este deve ser o filho do Rui Pêgo, porque de facto...

E depois o fascínio de rádio é um bocado esse, as pessoas criam uma imagem absolutamente fantástica e depois as desilusões que as miúdas da vossa idade tinham quando iam tentar conhecer o João Chaves do Oceano Pacífico, que era aquele programão que ele fez, aquela voz que o João tem e depois ele não é propriamente bonito e as pessoas idealizavam que era o homem perfeito. Porque ele tem uma voz ab-

solutamente fantástica e o programa é fantástico ainda dura até hoje, não sei se estão a ver que programa é, o programa da noite na RFM que já dura há 20 e muitos anos.

Mas o que as pessoas associaram é que ele devia ser um homem absolutamente fantástico, um actor de cinema, assim uma coisa. Portanto o fascínio da rádio é um bocado esse, as pessoa imaginam, na rádio não interessa a idade, interessa a voz de facto, na televisão não é tanto as pessoas têm de parecer, mas cá em Portugal e não só, reparem que isso não conta muito porque vocês tem os principais pivôts.

Muitas vezes o que acontece, mesmo cá em Portugal, é às vezes nas maquilhagens e no cabelo é envelhecê-los um bocadinho. Mas as pessoas cá não ligam muito a isso como é nos Estados Unidos, fazem a carreira de repórteres e depois regressam à estação. E cá você tem muita gente que começa praticamente como pivôt e depois é dramático quando têm de sair de antena não sabem fazer mais nada.

32. Como ouvinte diga-nos uma voz que elegeria, se apenas pudesse escolher uma?

Mulher? A Maria Flôr Pedroso.

De homens... Eu acho que a voz da Maria Flôr Pedroso é uma voz absolutamente fora de série e fora do normal, é uma voz é de facto mais grave que o normal e depois é uma voz que não é bem sussurrante, uma voz sensacional pronto, mas muito, muito típica. Não é o tipo de voz que vocês... que seja uma voz muito normal de ouvir.

De homens... há muitos. Uma voz de informação? O Fernando Alves claro, sem dúvida.

33. Enquanto profissional, qual é a sua visão das preferências dos ouvintes?

O problema é assim, esse estudo como vos digo está por fazer, infelizmente é muito mais feeling do que propriamente

ter certezas sobre isto, mas apesar de tudo, aceito que os ouvintes prefiram vozes masculinas e graves, isso, aceito que seja um pouco isso, claramente, é isso.

Anexo 9

Entrevista José Mendes, director de informação do Grupo Media Capital Rádios – aplicada a 7 de Novembro de 2003

1. Quais as rádios que está a dirigir?

O grupo media Capital tem um conjunto de rádios para várias faixas etárias, temos a rádio Cidade que é para um formato mais jovem, é sobretudo uma rádio de adolescentes, em que esse é o primeiro público-alvo que queremos atingir, depois temos a Best Rock FM, que é uma rádio para jovens, com uma forte componente rock, portanto daí também ser mais segmentada, enquanto a Comercial é mais abrangente, mais popular, apesar de a linguagem utilizada ser dirigida a adolescentes, a Best Rock é mais focada nos jovens de 20 anos que gostam de rock. Depois temos outro formato que é a rádio comercial, que é para um público mais adulto, por volta dos 30 anos, ou se quiser 25-35, e finalmente temos a Rádio Clube Português, para o público dos 35 aos 45, talvez chegando mesmo um pouco até aos 50, já que não temos mais nenhum formato assim.

Depois temos ainda algumas outras rádios que estão no fim do percurso ou que estão dirigidas para nichos de mercado, nomeadamente a Romântica que não tem neste momento blocos informativos é uma rádio temática, exclusivamente musical, a Mix que também sendo uma rádio temática musical, de música de dança, tem blocos informativos, e estas são as rádios que no fundo constituem o nosso leque de produtos da Media Capital rádio.

Estas rádios são suportadas por associações ou por parcerias com diversas rádios locais distribuídas pelo país, temos

alguns casos de parcerias, outros de franchise de marca e de certa forma essas rádios também difundem os nossos produtos um pouco por todo o país. Um conjunto de rádios locais anda por exemplo nesta especialização em parcerias, e franchise de marcas é uma coisa que nós pretendemos vir a alargar no futuro no sentido de alargar também a difusão dos nossos produtos. Relativamente à informação e penso que é sobre isso que querem falar.

2. É director de informação de todo o grupo ou só da Rádio Comercial?

Sou director de informação do Grupo Média Capital.

3. Qual é o seu papel enquanto director de informação?

Gerir, gerir, gerir, cortar, otimizar recursos humanos sobretudo, devo-vos dizer que ao contrário da ideia que as pessoas terão ou pelo menos aquilo que por exemplo alguns directores de jornais têm, que têm um papel muito activo no dia a dia dos jornais, eu tenho sobretudo um papel editorial, é a definição das grandes estratégias, das grandes metas, e das estratégias para cada uma destas rádios, faz parte de um trabalho que eu tenho juntamente com a administração, ou do que a administração delega em mim, para definir o perfil estratégico das rádios, isto é, na rádio Cidade temos uma determinada estratégia informativa e editorial, na Mix, na Best Rock ou na Rádio Comercial, enfim em todas as rádios do grupo, cada uma tem uma estratégia editorial diferente.

4. Esta estratégia está sobretudo relacionada com as idades dos ouvintes?

Essa estratégia está relacionada com as idades, com o perfil do ouvinte, porque é muito mais do que a idade, o perfil do ouvinte é também o nível cultural, os interesses, é também o poder económico, porque as nossas rádios são comerciais

e o que nós vendemos é..., os nossos clientes são os anunciantes, não são os ouvintes, nós vendemos audiência aos anunciantes e isso é a estratégia da empresa, portanto vendemos audiência, é esse o nosso negócio, e quem nos compra essa audiência são as marcas dos refrigerantes, as marcas dos supermercados, as marcas de automóveis, as marcas dos outros que pretendem anunciar, e as marcas quando se pretendem anunciar, quando se pretendem dar a conhecer procuram escolher um meio de comunicação que atinja um público-alvo que eles pretendem atingir, a quem eles pretendam vender a marca no fundo, e portanto é natural que um produto como uma marca de refrigerantes, tenha um enfoque num público mais adolescente e jovem e que se calhar uma marca de automóveis tenha um enfoque num grupo de pessoas mais velhas e com mais poder de compra. E portanto é esse o conceito geral da rádio, e de qualquer meio de comunicação social. Embora existam outros órgãos de comunicação social que dirão que têm outras prioridades, por exemplo admito que a Rádio Renascença tenha por base os princípios cristãos, já que pertence à Igreja, terá outras razões de fundo ou principais, mas também tem o lado económico, no nosso caso é claro que não somos uns imorais, mas obviamente a nossa prioridade é mesmo a parte económica e é isso que nos mantém, não temos subsídios de estado, nem dependemos de nenhuma instituição sólida como a igreja católica, somos uma empresa comercial como qualquer empresa.

5. O espaço dedicado à informação no grupo considera que é suficiente, o que tem neste momento em todas as rádios, já que estamos a falar do grupo?

Mas nós nunca estamos satisfeitos, nós nunca estamos satisfeitos.

6. Já que a informação é dividida pelo público, para os ou-

vintes, para cada tipo de audiência é suficiente o espaço dedicado à informação?

Sim e não, é por isso que estou a dizer que obviamente eu nunca estou satisfeito. Mas o tipo de espaço que temos tem muito a ver com a atitude de estar em antena e esse é o nosso segredo. Segredo que não é segredo, está lá no ar, pode-se ouvir. Em qualquer um das nossas rádios. Aquilo que nós fazemos de diferente dos outros, é a atitude, é a maneira como se fala com as pessoas, a maneira como se fala com o ouvinte, na cidade que é uma rádio para adolescentes nós falamos para o adolescente.

7. As notícias são as mesmas?

Não, as notícias não são as mesmas, mas a actualidade é a mesma, portanto as grandes linhas da actualidade são as mesmas.

8. Então o tratamento é que é diferente? As notícias são as mesmas mas o tratamento é que é diferente?

Algumas notícias são comuns, mas nem todas as notícias são comuns. Quando dizemos, as notícias são as mesmas parece que estamos a dizer que é tudo igual, escrito de outra maneira, apresentado de outra maneira, não, algumas notícias são comuns, a actualidade é comum, o tronco da actualidade é comum, depois existem coisas que são diferentes umas das outras, há assuntos que são mais relevantes para os jovens, há assuntos que são mais importantes para um adulto, e essas são as diferenças, essa é a diferença da linguagem. Se calhar um concerto rock é capaz de ser muito importante nas duas rádios para jovens, e se calhar nem sequer tem uma única referência na outra, mas até pode ser a notícia de abertura nas nossas duas rádios jovens.

Portanto em termos de tronco de actualidade obviamente que isso é o tronco comum, aquilo que está a acontecer e que é relevante, e que é muito importante para o país, sei lá,

por exemplo o orçamento de estado, agora não que ainda está numa fase de discussão, mas no dia da aprovação, no dia em que haja dados concretos sobre o orçamento de estado, é óbvio que o orçamento de estado interessa a toda a gente, a jovem ou menos jovens, é preciso saber o que é que interessa. Se calhar aos jovens interessa a parte da educação, ou os apoios para computadores, se calhar aos outros interessa outras coisas.

As notícias sendo as mesmas, não são 100% iguais, iguais no tema, sendo diferentes obviamente na linguagem. Mas voltando à parte do interesse, se o espaço informativo que temos nos chega, é obviamente que não, eu gostava de ter muito mais, e eu acho que podíamos ter muito mais e acredito que o ouvinte teria interesse em que houvesse muito mais, agora também reconheço que é um pouco andar no fio da navalha.

Nós fizemos um estudo de mercado, fomos a primeira rádio em Portugal a fazer um estudo de mercado sobre a informação, é verdade que não foi um estudo grande, aprofundado, porque os estudos custam dinheiro, mas pronto, fizemos alguma coisa e ficamos a saber aquilo que as pessoas querem, se calhar se fizéssemos um estudo maior tínhamos outros resultados, mas o certo é que os outros não fizeram, os outros vivem partindo do pressuposto que as pessoas querem ouvir aquilo que eles acham que querem ouvir, e nós temos ideias muito claras, sabemos o que é que as pessoas querem ouvir, e basta ouvir aquilo que nós fazemos, como até basta depois juntar aquilo que nós estamos a fazer, com aquilo que as televisões estão a fazer, com aquilo que os jornais estão a fazer, com aquilo que as pessoas estão a comprar em termos de publicação, em termos de comunicação social, e lá está, pode-se fazer o trabalho ao contrário, não é preciso fazer um estudo perguntando às pessoas, basta saber o que é que as pessoas compram, o que é que as pessoas conso-

mem, o que é que as pessoas vêem e chegamos à mesma conclusão, portanto é um segredo de polichinelo, é só uma questão de pensar, de olhar com mais atenção, de fazer um estudo como este que vocês me estão aqui a mostrar, existem várias formas de fazer esse estudo.

Eu gostava de ter mais, não tenho, mas também não me queixo, acho que estou no bom caminho.

9. Um formato tipo TSF era impensável?

Eu sou jornalista, acho que qualquer jornalista gostaria de ter, não digo de trabalhar na TSF, mas ter uma rádio ou trabalhar numa rádio de informação, numa rádio só de notícias, qualquer jornalista sonharia com isso, mas nós temos de perceber uma coisa que é importante, às vezes nós temos sonhos que não são viáveis, e no nosso mercado, no nosso país, uma rádio do tipo da TSF rapidamente se vai concluindo que não é viável, e é por isso que ela está mudando, mudando, porquê? Porque custa muito dinheiro.

10. Existe uma e se calhar não poderá haver mais nenhuma.

Sim, claro. E custa muito dinheiro. A TSF já não faz o que fazia dantes, depois é porque o mercado não ajuda, existem toda uma série de coisas. É óbvio que haverá sempre espaço para haver uma TSF claro, mas nunca será uma rádio líder de mercado.

11. A nível de informação eles são líderes. Mas também é para isso que estão direccionados.

Sim claro, eles trabalham para um nicho de mercado, que é o nicho das pessoas que querem saber tudo sobre todas as notícias a toda a hora, nós não trabalhamos para esse grupo de pessoas, trabalhamos para um universo maior, com outros objectivos, mas do meu trabalho, do trabalho da minha equipa de jornalistas, há uma coisa que é o mesmo objectivo do jornalista que está na TSF, que é o de informar as

peessoas com rigor, com honestidade, e com, esse é digamos o nosso lado, que é, não os queremos chatear, porque sabemos que as pessoas não gostam de ser chateadas, ninguém gosta e não é preciso fazer estudos de mercado para concluir isso.

12. Qual é o processo de selecção de vozes para a edição? Se existe um processo de selecção de vozes?

Esse é o lado mais complicado e é o lado mais difícil, e normalmente é uma batata quente que me calha a mim. Quem selecciona as vozes geralmente só eu, eu digo geralmente porque na maioria das rádios eu acho que falta de facto esse lado da selecção é um lado muito complexo, é aquele que mais me desagrada, é aquele que me dá mais trabalho, e é aquele com que fico satisfeito porque encontrei as pessoas, mas fico ao mesmo tempo a achar que se procurasse mais encontraria melhor se calhar. Seleccionar recursos humanos, é óbvio que há um dos critérios que é a voz, não é o único para escolher um bom jornalista, há várias coisas como o curriculum, sobretudo o percurso profissional, a atitude, porque se as nossas rádios são muito dirigidas a públicos definidos e uma das coisas que marca a nossa diferença em relação às outras é ter uma atitude próxima daquele público que pretendemos atingir, isso também é importante, essa atitude e depois a cultura geral que é aquilo que mais me preocupa. Depois obviamente que tenho cuidado em procurar boas vozes não é, mas sendo importante não é o fundamental.

O fundamental é saber, portanto a cultura, e depois a forma de se expressar, a forma como escreve, a forma como fala, muitas vezes nós, e enfim acontece com tanta regularidade que não é preciso ouvir as escutas telefónicas de algumas figuras públicas para saber que as pessoas de vez em quando dizem asneiras, e dizer asneiras não é dizer palavrões, é às vezes dizer erros de concordância, erros gramaticais, e isso

acontece com toda a gente, acontece comigo, quando estou à frente do microfone estou em alerta total, procuro evitar algum deslize no português, mas quando estou a falar normalmente é natural que diga algum disparate, e reconheço que o jornalista de rádio não deve nunca dizer disparates, mas é muito difícil, agora obviamente se alguém vier numa primeira entrevista e faz logo uma conversa, que eu procuro sempre que seja descontraída, se tem alguns erros de concordância, gramaticais, enfim que seja facilmente detectável é óbvio que é excluído, nem que tenha a voz mais linda do mundo. A voz é muito importante, porque a voz é um embrulho, não é? É um embrulho de todo o produto que nós temos lá. Mas é como os detergentes, podem ter uma embalagem muito bonita, e nós compramos uma vez, compramos duas, mas se aquilo não tira as nódoas, à terceira deixamos de comprar. E portanto esse embrulho aqui em rádio também é assim, podemos ter vozes lindas mas se não nos dizem nada mudamos rapidamente de ideias. Mas pode acontecer o contrário, pode ser alguém que escreva muito bem, que faça peças radiofónicas muito bonitas mas que de facto se for gago e se a sua gaguez irrita, as pessoas também se chateiam. E então pode ser o melhor profissional do mundo mas caramba, não tenho paciência para o ouvir e desligo. Isso acontece.

13. Acha que existem vozes mais adequada para os *prime-time*? Masculinas ou femininas? Graves ou agudas?

Não, e foi isso que eu vos queria dizer logo de início. É que eu fiquei surpreendido com o vosso desafio. Porque muito sinceramente, embora já tivesse pensado nisso. Será que a mulher é mais credível que o homem? Será que....

Mas nós não queremos que isto fosse visto como uma questão de ser mulher ou de ser homem, porque há vozes de mulheres que são graves e que são lindíssimas, e que se ouvem muito bem na rádio. E que de facto dão segurança,

credibilidade e tudo aquilo que uma voz grave num homem transmite. Não é por aí que nós queremos ir. Queremos perceber é se há vozes graves mais adequadas e se as agudas de facto são limitadas?

Há vozes que dão credibilidade, que dão segurança, que dão conforto, eu até acho que quem souber, e os actores fazem isso muito bem mas o jornalista de rádio e o animador de rádio também sabe, bem treinado também vai desenvolvendo essas nuances na voz, que o segredo está em ir chamando à atenção das pessoas, nós podemos estar com alguém e ter um discurso em tom monocórdico e aquilo ao fim de pouco tempo ninguém está a ouvir nada. Estou a lembrar-me de uma importante figura pública que faz uns discursos assim. Mas o segredo está em ir chamando a atenção para algumas frases, aquilo que alguns especialistas de técnicas vocais costumam chamar os “focos de luz” na frase, à que sublinhar algumas ideias, algumas palavras. Tanto faz que a voz seja mais grave ou mais aguda, basta só que as pessoas consigam dar essas nuances e chamar à atenção dessa maneira, é óbvio que há vozes que são credíveis, que dão conforto, que dão credibilidade, dão segurança.

14. E essas são as mais adequadas aos *prime-time* ou não existem, digamos uma voz mais adequada?

Repare, num jornalista radiofónico, ou em qualquer jornalista, de rádio, de televisão, de qualquer coisa, uma das coisas que se pretende é que ele seja credível, se ele tiver escrito na testa aldrabão, “eu sou um grande aldrabão” obviamente que ele nunca pode ser nada na vida, ele pode ser um bom jornalista, mas se as pessoas olham para ele e dizem, aquele gajo tem mesmo cara de vígamo, de facto não dá, um jornalista tem que ser credível. Agora se isso está na voz? Está em tudo, está também na voz naturalmente, mas está em tudo. É um assunto que de facto eu nunca tinha reflectido aprofundadamente, e quando vocês me fizeram

o envio do e-mail eu fiz uma pesquisa na net, no sentido de tentar encontrar coisas sobre esta matéria mas também é verdade que não foi assim tão aprofundada uma vez que não encontrei este estudo. De qualquer maneira, nisso não faz, e acredito que não faça parte, se as pessoas escolhem homens ou mulheres para o prime-time, ou para o drive-time, ou para o meio da tarde, ou para o não sei quê, acho que ninguém está a escolher as pessoas por isso. Não, digo-lhe sinceramente, não haverá ninguém na rádio em Portugal a escolher as pessoas por isso.

15. Mas olhe que está enganado. Já houve pelo menos um director de informação que nos disse que havia uma preocupação da rádio em ter jornalistas com vozes francamente boas, graves, que transmitissem credibilidade, que transmitissem segurança ao ouvinte. Pelo menos um deles.

16. Mas escolhendo homens para isso?

Homens e mulheres, mulheres com vozes mais graves.

Mas claro, eu não andei a escolher vozes mais graves ou menos graves, eu escolhi boas vozes, com um bom ritmo de dicção, agora se calhar se ouvirmos estas pessoas todas que trabalham no meu departamento se calhar a grande maioria terá vozes mais graves, mas esse nunca foi o meu critério, eu nunca escolhi ninguém assim, escolho as pessoas pelas boas vozes. Escolho, há mais pessoas que podem geralmente, até porque não quero ficar com a batata quente, procuro sempre socorrer-me da opinião de outros colegas, quer sejam do departamento de antena, outras pessoas mais experientes, mesmo o administrador, sempre que ele tem disponibilidade para também dar uma opinião sobre as vozes. Pessoas com mais experiência até do que eu.

17. Se isso acontece é porque acaba por ser um ponto im-

portante, não há uma regra, acaba por ser uma escolha inconsciente.

Mas não há uma regra, não é uma regra, e admito se existe um director que diz “eu faço, eu escolho dessa maneira, assim”, eu digo-lhe não, eu não faço, não escolho e não imaginava, nunca me passou pela cabeça que pudesse haver alguém que tivesse nos mapas, nos tópicos de admissão de pessoal se tem voz grave ou não, vamos medir agora o tal timbre. Não me passa isso pela cabeça, é quase como gostar de uma quadro por exemplo, aquele quadro diz-nos alguma coisa, dá-nos confiança, é como uma pintura...

18. **O nosso estudo chegava à conclusão de que para os ouvintes era importante que a voz que está do lado de lá fosse uma voz grave, que transmitisse credibilidade e segurança, a sua rádio estaria disposta a seguir um padrão desse tipo?**

E porquê? Porque eu acredito que há verdade nos estudos de mercado, nos estudos, acredito que há, e a prova de que acredito é que nós aplicámos e seguimos à risca os estudos que fizemos. Mas também acredito que essas coisas mudam sempre, se tivermos dois estudos com intervalo de dias, se calhar os resultados não são iguais, mesmo que sejam ambos bem feitos, também é óbvio que há estudos bem feitos e estudos mal feitos. Agora, vou ler este estudo e se achar que é interessante, se achar que é credível, pois sou capaz de ir testar isto de certa forma, sou capaz de se calhar ouvir de futuro as pessoas, os candidatos que apareçam cá de maneira diferente, mas digo que eu nunca fiz isso.

19. **Mas em relação às vozes da rádio, por mais que nos diga que isso não conta muito, que conta mas que não é um critério de selecção, mas existe uma preocupação nem que seja por intuição, até porque o senhor também houve rádio, não é? E existe uma certa preocupação em**

arranjar sempre uma voz que não é grave, mas que é uma voz cheia, uma voz envolvente, ou não?

Se há uma coisa que eu não gosto, e isso aí pode parecer uma contradição, se há estudos, se fazemos estudos e se os devemos aplicar, corremos o risco de se toda a gente seguir os mesmos estudos as rádios são todas iguais, e eu acho que o segredo da rádio está em ser diferente, nós hoje somos diferentes, queremos ser diferentes, embora existam alguns produtos nossos que são semelhantes a alguns produtos da concorrência mas isso é uma opção estratégica do momento.

Mas eu acho que aquilo que interessa às pessoas é o que é diferente, quando tudo é cinzento, se houver algo amarelo lá no meio as pessoas vão olhar se calhar primeiro para o amarelo, e se calhar até podem comprar os carros cinzentos mas vão achar que o amarelo é sempre mais bonito, e se arranjarmos vozes cheias, vozes que são consideradas muito bonitas em rádio, mas se toda a rádio for feita assim torna-se monótono. Eu acho que a diferença está em algumas coisas para mudar, eu lembro-me, por acaso agora não sei o nome do rapaz, um relator desportivo que estava na Antena 1 e que entretanto desapareceu, que tinha uma voz aguda, mas que tinha um ritmo de dicção muito acelerado e tinha lá os fôcus de luz em algumas coisas da frase, em alguns pontos da frase em que prendia a atenção, e no entanto tinha uma voz aguda, era uma voz até pouco masculina, e eu lembro-me que ficava a ouvi-lo e pensava que se eu tivesse de escolher, não o escolhia por causa da voz, porque ele tem uma voz estranha, anormal para rádio, mas ao mesmo tempo eu estou aqui preso a ouvi-lo e ouço tudo o que ele diz, enquanto se eu estiver a ouvir uma rádio com alguém com uma voz muito bonita, muito redonda, muito bem trabalhada, se calhar posso não estar a ouvi-lo e essa é a diferença.

Eu quero fazer rádio para ser ouvido e admito que haja um director que diga que quer escolher aquelas pessoas com aquelas vozinhas muito bonitas, muito redondas, mas alguém ouve? Não sei. Se fizerem um estudo, façam esse estudo. Credibilidade. Sim e depois? Alguém ouve, quanto tempo? Existem muitos estudos que medem um pouco a atenção em rádio e o tempo que as pessoas ouvem. Uns falam em 30 segundos, outros falam em 90 segundos, outros já ouvi falar em 2 minutos, eu muito sinceramente acho que os 90 segundos é capaz de ser muito próximo da verdade, a atenção é reduzida, a atenção que as pessoas prestam a um discurso é reduzida, cabe apenas naquele período, naquele pedaço de tempo em que alguma coisa os prendeu e depois alguma coisa os distraiu, e eles ficam a pensar “ah pois esta história lembra-me uma outra de quando eu era jovem” e de repente deixaram de ouvir. Que me interessa a mim ter alguém com uma voz muito linda se depois distrai as pessoas, ou se não as prende?

Eu acho que a voz é importante, lá está, é a embalagem do detergente, podem fazer um estudo em que diga que as pessoas preferem as embalagens azuis, e depois? Se todas forem azuis ninguém nota a diferença.

20. Tem uma voz masculina ou uma voz feminina a editar noticiários habitualmente entre as 7h e as 10h e entre 17h e as 20h?

Entre as 7h e as 10 h no Rádio Clube Português a voz principal é o Jorge Moreira, lá está, é uma voz masculina grave, não sei se vocês conhecem, o Jorge Moreira está muito ligado aos documentários de história na televisão na RTP2, faz alguns offs, o Jorge Moreira foi considerado a voz de ouro à uns anos em Portugal, ganhou um prémio, quando havia estes prémios da voz de ouro, antes dos Globos de Ouro havia um prémio para as vozes em rádio e ele ganhou. É o Jorge Moreira que é a nossa voz da manhã e que de facto

tem estas condições, mas é assim o Jorge Moreira nem fui eu que escolhi, se fosse eu a escolher tê-lo-ia escolhido naturalmente, mas o Jorge Moreira já está cá na rádio à uns 14 anos, foi uma voz que se foi construindo, ele já tem 50 e qualquer coisa. Depois tinha a Marinela Malveiro, que estava a fazer as meias horas no Rádio Clube Português, e a Marinela tem uma voz doce, é uma voz feminina, não é grave mas também não é aguda, é uma voz doce.

É engraçado porque esse determinante da voz doce nas mulheres as pessoas têm-nos referido muito isso, dizendo não é uma voz grave nem aguda, é uma voz doce, está ali naquele meio, isso é engraçado porque por exemplo neste estudo em relação às mulheres não se refere isso, mas já outros directores de informação nos referiram o facto da voz feminina ser doce, “ah tenho esta senhora que tem uma voz doce”, o que eu acho curioso.

Mas por exemplo ela agora vai ser substituída pelo Fernando Santos, que lá está, outra voz grave, vai ser substituída por uma razão muito simples, ela está grávida e está cansada de fazer o horário da manhã, e até ao final da gravidez, o parto e tudo isso, vai ficar a fazer outro horário.

Escolhi, fiz entrevistas, arranjei outra pessoa, era uma mulher, que por acaso tinha uma voz muito parecida com a da Mónica Baltazar, que eu tenho na Comercial. Mas depois não chegámos a acordo, por questões de dinheiro e escolhi o Fernando, que não foi a segunda escolha, foi a escolha certa. A outra foi a escolha errada. Primeiro escolhi uma mulher, depois não chegamos a acordo, escolhi o Fernando, na escala foi aquele critério que utilizei, não estou nada arrependido, acho que o Fernando é uma boa opção, foi uma boa escolha e vai ficar no horário da manhã, vão ficar dois homens, qual o problema? Não fiz nenhuma opção por isso.

Na rádio Comercial por exemplo, tenho uma mulher, a Mónica Baltazar, lá está, uma voz forte, não é grave, ela é muito

segura e se vocês a conhecerem, a Mónica é pequenina, magrinha e no entanto quem a ouve acha que é um mulherão, porque ela tem uma voz segura e ela é muito tímida, passa o tempo metida num cantinho da redacção, não diz nada, quase nada, não fala quase nada, mas quando chega ao microfone ela fica completamente diferente, transfigura-se, e então fica um mulherão enorme, com um vozeirão enorme, um grande vozeirão, dum grande segurança, completamente diferente daquilo que ela é. Mas enfim, essa é a transfiguração, é o milagre da rádio.

Anexos C

Guião das Entrevistas dos Animadores

- **Entrevistas dos Animadores**

Anexo 10

Guião de entrevista aplicado aos animadores – 14 de Janeiro, de 2004

1. Considera que existe algum processo de selecção de vozes, por parte da direcção?
2. Acha que existem vozes mais adequadas para os programas dos prime-time?
3. Acredita que a voz do rádio jornalista ainda é o critério mais importante para o desempenho da sua profissão?
4. Acha que ao tom de voz do animador tem alguma influência na compreensão do conteúdos do programa que anima?
5. Este estudo concluiu que existem vozes mais apropriadas para rádio que outras, consequentemente afirma que os profissionais transmitem sentimentos de credibilidade, segurança, proximidade, infantilidade e/ou ingenuidade, consoante o seu tom de voz. Concorda?

6. Já desempenhou funções no departamento de Informação?
7. Considera suficiente o espaço dado à informação na sua rádio ?

Anexo 11

Entrevista do Miguel Fernandes, em 14 de Janeiro, de 2004

1. **Considera que existe algum processo de selecção de vozes, por parte da direcção?**

Honestamente não faço ideia, pela simples razão, eu já cá estou antes desta direcção, portanto. Agora eu penso que hoje em dia, quer que eu responda em relação a esta direcção ou em relação às direcções de rádios. Pois é que eu acho que há rádios em que de facto a voz é, se tiver assim uma escala de importância com alguns itens principais a voz ocupava o primeiro ou o segundo lugar, não é?

Na TSF eu acho que a voz ocupa um lugar importante, mas, tem que se reunir um outro conjunto de características também, isto porque é uma rádio específica, uma rádio de informação, portanto não é só uma rádio que passa música e que o locutor é quase o protagonista principal.

Aqui o protagonista principal é a informação, se for servida com uma boa voz é melhor, não é? Não me parece que seja o factor principal.

Eu quando fui escolhido acho que também um bocadinho foi pela voz, de certeza absoluta.

2. **E que outros critérios é que acha que tiveram influência?**

Acho que têm a ver com... sei lá, desde da cultura da pessoa, porque aqui mais que debitar alguns, isto pode parecer pretensioso eu assim estou a dizer que aqui as pessoas são

todas cultas, não é isso, se calhar até fomos todos mal escolhidos.

Ok, enquanto nos outros tem de escolher apenas músicas, nós aqui de repente cai um directo ou cai uma coisa qualquer ou não sei o quê e temos de saber lidar com aquilo, não é?

Portanto a espontaneidade no ar, esse tipo de coisas, a voz ocupa sempre um... um lugar importante não é? Eu não sei porque critério é que foi escolhido vim para cá já foi há quatro anos, nunca ninguém me disse tu ficas-te aqui porque gostamos muito da tua voz, pronto.

Foi mais ficas cá se quiseres ganhar isto e ponto final.

3. Acha que existem vozes mais adequadas para os programas dos prime-times?

Acho o mesmo que disse antes, acho que a voz se for uma boa voz, é sempre melhor, não é? Agora, há um conjunto de características... Há pessoas a trabalhar na rádio que são de tal maneira, conseguem de tal maneira com a voz que têm criar uma empatia com quem ouve, isso tem a ver com a dicção, com uma data de coisas não é? Que às vezes a voz não é muito importante, mas e for servido de uma boa voz, não é? Até por que a rádio só tem o som, não é? É importante, portanto quem tem uma boa voz, em princípio já tem uma vantagem, mas a voz não é tudo, não é?

4. Acredita que a voz do rádio jornalista ainda é o critério mais importante para o desempenho da sua profissão?

Acho que hoje em dia não, é capaz de ser a nível de algumas rádios, imagino que na RFM eles escolham muito mais, as pessoas têm de ter uma voz bonita, por exemplo, acho que na TSF já é um bocadinho diferente também tem que ter, mas se todos os jornalistas, por exemplo, já não digo os animadores, os animadores se calhar também convinha, não

é? Mas se todos os jornalistas tivessem que ter uma voz não sei quê, tínhamos de estar a falar para ai de cem pessoas ou de 70 pessoas, o que é uma coisa, não é? E, portanto o jornalista tem uma outra coisa que é muito mais importante que é outro tipo de qualidades, portanto.

Agora acredito que noutras rádios isso seja importante, no caso da RFM, até da própria Renascença em relação aos animadores, do Rádio Clube Português, não sei quê.

Agora por exemplo a nível das rádios locais isso já não acontece, hoje em dia não acontece.

5. Mesmo a nível de entretenimento?

Mesmo a nível de entretenimento.

6. Acha que o tom de voz do animador tem alguma influência na compreensão do conteúdo do programa que anima? Acredita que o tom de voz do animador pode transmitir mais do que o conteúdo aos ouvintes?

Acho que um tom de voz que seja logo facilmente que as pessoas sentem aquela empatia que eu estava a falar à pouco, toda a gente eu acho que toda a gente gosta de... nós estamos aqui a falar de uma coisa que também pensamos um bocado que é a voz, há muita gente que não pensa muito nisso, não é?

Eu acho que toda a gente fica atraída por uma voz bonita, ou pelo menos toda a gente sente alguma incomodo com vozes que são irritantes ou que são, não é?

7. E o que é para si uma voz bonita? Pode dizer qual é um tom dentro de um tom agudo, grave, médio agudo, médio grave?

Normalmente em rádio as vozes bonitas são graves, não é? Não quer dizer que não acha uma outra voz que fuja, não tem que ser... os homens não têm de ser um trovão a falar,

porque há, eu também imagino, não sou nenhum técnico, mas há maneiras de definir a questão dos tons e que há vozes muito graves e vozes menos graves e pronto.

Mas dentro das vozes graves, tanto nos homens como nas mulheres, acho eu, pelo menos é a experiência que eu tenho em rádio, e que eu vejo que toda a gente normalmente gosta. São as vozes que criam mais empatia com as pessoas, que as pessoas gostam mais, não é? As vozes mais agudas, as pessoas normalmente, por um lado não criam essa empatia e por outro lado, não... Não, nem se quer dão tanta credibilidade. Por exemplo, um homem ou uma mulher que tenham uma voz quase de criança a falar não sei do quê de uma notícia com... quase com o carimbo TSF não tem o mesmo tipo de credibilidade que tem...

8. Então acha que o tom de voz pode transmitir uma série de coisas como credibilidade, a segurança? E também na área do entretenimento?

Acho que sim. Mesmo na parte do entretenimento.

9. Este estudo concluiu que existem tons de vozes mais apropriadas para rádio que outras, consequentemente afirma que os profissionais transmitem sentimentos de credibilidade, segurança, proximidade, infantilidade e/ou ingenuidade, consoante o seu tom de voz. Concorda?

Pois era o que eu estava a dizer, quer dizer, eu também acho que... era aquilo que eu estava a dizer antes acho que à pessoas que apesar de não ter esse tipo de características conseguem mesmo assim fazer passar esse tipo de características, agora, acho que normalmente uma voz grave passa muito mais facilmente credibilidade, esse tipo de coisas que disse ainda agora e eu tinha dito antes um bocadinho.

E até achei piada ai fala de infantilidade não é? Exactamente que é aquilo. Há aqui uma colega minha, que eu tenho o maior respeito por ela, mas das primeiras vezes que

eu a ouvia aquilo fazia-me uma confusão... É uma das nossas especialistas em questões internacionais, é uma tipa que chega aqui e fala com um gajo qualquer de um partido qualquer em Israel com um à vontade incrível e conhece e domina a coisa não sei quê e tal. Mas só que depois no ar resultava mal, porque parecia quase, sei lá um irmão nosso com... uma irmãzinha com 7 anos, porque ela tem mesmo uma voz aguda, uma voz muito... e mesmo sendo a coisa mais séria, mais bem feita e não sei o quê, logo à partida aquela voz distrai. Porque distrai logo a voz, as pessoas às tantas em vez de estarem a pensar naquilo que ela está a dizer.

Isso pelo menos foi a minha reacção, não é? Tava a pensar na reacção dela e a tentar perceber, mas que idade é que ela tem!

Por isso eu acho, eu concordo com isso, não é?

10. Já desempenhou funções no departamento de Informação?

Não no departamento de informação, normalmente um animador, um locutor aqui...

11. Mas já teve alguma experiência noutras rádios?

Não só de animação, agora aqui um animador pertence uma equipa que tem os jornalistas, nós temos as reuniões, ainda agora tivemos uma reunião que prepara o dia de amanhã e eu de manhã alem de fazer animação, mas isso é uma coisa especifica da TSF que é uma rádio de notícias não é? Tenho que lançar jornalistas também que, tenho que lidar com informação e tenho que ser o gajo que intertem, portanto tenho que fazer isso com algum cuidado para que as pessoas não pensem que às tantas o tipo está a vender “banha da cobra”, primeiro um gajo está a falar de uma música e a seguir já está lançar um jornalista sobre um tema qualquer muito sério.

Portanto eu não faço parte do departamento de Informação, embora aqui os animadores e aja mesmo hum, a ideia aqui que os animadores cada vez mais sejam jornalistas, ou seja, sejam cada vez mais... Aqui não há espaço para um animador que seja só um gajo estilo RFM, que diga umas músicas, porque não é essa a característica da rádio. Dou o exemplo da RFM, porque é a rádio mais ouvida e é uma rádio de música.

Anexo 12

Entrevista aplicada a Isabel Pinto, animadora da Rádio Renascença, 20 de Janeiro.

1. Considera que existe algum processo de selecção de vozes, por parte da direcção?

Eu penso que cada vez mais a Renascença faz e aqui não estou só a falar da rádio Renascença, mas também ao nível do grupo Renascença, faz neste momento uma selecção bastante criteriosa não só baseada na voz, mas tendo em conta que cada vez mais o locutor deixa de ser um locutor para ser um comunicador.

Isto acrescenta a uma voz características essenciais, uma pessoa pode ter uma voz muito agradável, muito audível, muito aconchegante entre aspas e no entanto ter alguma dificuldade de comunicabilidade, com textos de conteúdos, de pequenas coisas. Pode haver por outro lado, uma voz que já não seja tão agradável, mas que consiga comunicar ou seja, atingir a pessoa que está do outro lado de forma mais eficaz.

Portanto, e eu só posso falar no meu caso, a forma como eu entrei para a Renascença foi através de testes muito rigorosos que envolveram várias selecções desde as 2200 pessoas, passando de testes de cultura geral, testes de cultura musical, testes de voz, testes de improviso, testes de microfone,

de improviso ao microfone obviamente, testes de leitura de textos com palavras difíceis portanto, que envolve a dicção, envolve o improviso, em si, na rádio que eu acho que em rádio é extremamente importante porque é preciso a pessoa ser capaz de reagir de imediato a uma circunstância, porque a rádio não vive ou não pode valer de silêncio, se acontece alguma coisa, que é perfeitamente possível, tecnicamente desaparece o som a pessoa que estiver naquele momento no controlo da emissão, tem que ser capaz de comunicar ou de manter a pessoa do outro lado agarrada até que não volte o som, seja uma música, seja um spot, um jingle qualquer.

A esse nível a selecção feita na altura que eu entrei para o Grupo Renascença, que eu entrei na altura para a Mega FM, era. . .

foi feita nestes moldes, terminando finalmente com testes psicotécnicos.

Ou seja, importa mais, e eu penso que todo o Grupo Renascença em si se preocupa muito ao nível do entretenimento, e é a esse nível que eu estou a falar, já que o locutor pode não ser uma voz de excelência, mas será certamente um comunicador de excelência, importa ter uma cultura musical, uma cultura geral bastante boa acima do razoável, e importa sobretudo ter uma noção muito grande do que se passa à sua volta , porque está a comunicar.

Não tanto com uma voz grave e bem colocada, mas mais de si, ele ou ela própria a falar para. . . a atingir uma pessoa que está do outro lado com a qual se identifica.

Portanto em cima da actualidade, em cima do que está a acontecer, sempre, sempre, constantemente informados e reagir ao dia-a-dia, a reagir à outra pessoa e o contrário também é verdade, portanto, se a pessoa que está do outro lado a ouvir rádio, tiver um comunicador vai responder estando mais vezes naquela estação, ouvindo mais vezes aquela pessoa. Se calhar uma voz mais agradável que não

seja tão comunicativa perde por ai. Portanto o critério de selecção é mais procurar o comunicador e cada vez menos o locutor com aquela. O locutor mais institucional.

Mudar um bocadinho daí para a pessoa que é capaz de comunicar para a pessoa que está dou outro lado.

2. Acha que existem vozes mais adequadas para os programas dos *prime-time*?

Eu diria que a primeira característica a ouvir e eu poderia-me colocar no papel de seleccionador se eu fosse seleccionar uma pessoa para *prime-time*, eu escolheria... eu ia pela voz e depois eu iria então para o factor comunicabilidade. Para um *prime-time* terá que ser uma pessoa bem disposta, necessariamente, homem ou mulher, mas terá que ser bem disposta.

O grupo Renascença nos seus três canais optou por ter ao nível do entretenimento duas vozes sempre no *prime-time*, uma voz feminina e uma voz masculina e sobretudo ninguém quer acordar de manhã de forma mal disposta. Portanto se eu tiver uma voz grave, excelente em termos de colocação vocal que é uma maravilha, mas que não consegue dar, passar às pessoas a sensação do matinal "Vamos mas é acordar porque são horas e não vai ficar ai na cama, vamos lá sair."

Eu começava pela voz, não faço distinção entre voz feminina ou masculina, uma vez que me parece que as duas de manhã funcionam entre si muito bem, em conjunto.

Mas faria, depois imaginemos que temos duas boas vozes, aquilo que nós chamamos duas boas vozes masculinas e temos duas boas vozes femininas, então ai o factor que se seguia seria o da comunicabilidade,

Quais são destas duas boas vozes aquela pessoa que consegue efectivamente transmitir para um *prime-time*, tendo em

conta que o prime-time é a manhã, a sensação do despertar bem-disposto.

3. Acredita que a voz do rádio jornalista ainda é o critério mais importante para o desempenho da sua profissão?

Não cada vez menos. Mas devo dizer que não queremos vozes, eu agora também me consigo por do outro lado, não gosto de uma voz galinácea, não gosto de uma voz galinha seja feminina ou masculina, porque também as há, não é?

Pode haver vozes agudas que eu já ouvi, mas também depende da inflexão, como as pessoa falam, da forma como se coloca. Portanto eu sou da opinião que as vozes se podem trabalhar, mesmo uma voz que à partida pareça desagradável ao ouvido pode-se trabalhar, da forma porque é que não fazes assim, em vez de dizeres desta ou daquela maneira e daí que existem professores de voz, colocação de voz, existem aulas de dicção, portanto, não me parece que à partida eu vá, eu pessoalmente vá recusar uma pessoa, mesmo um jornalismo, mesmo no entretenimento , não por causa da voz.

À partida faria um teste de voz e há outra coisa muito curiosa, uma voz no exterior, como nós estamos a conversar uma coisa é uma coisa, ao microfone apanha outras tonalidades da voz, o ruído. E até pode haver uma voz que nos pareça a nós no nosso dia a dia duma determinada maneira, o microfone pode enchê-la ou diminui-la, ou seja há um fenómeno qualquer que o microfone faz à voz que há pessoas que conseguem mantê-la, como nós estamos a falar as duas na rádio identifica e há outras que não. A minha voz é uma das que não se identifica, ou seja, o microfone transforma a voz, não sei como, não sei qual é o fenómeno, mas transforma, a voz torna-me faz-me inflexões diferentes ou sou também a falar de forma diferente, mas o microfone tem essa vertente, às vezes com certas vozes, transforma a voz.

4. Segundo estes critérios todos que já me apontou além da voz, podemos dizer que o acesso dos possíveis rádio jornalistas, em informação e entretenimento está mais democratizado?

Eu penso que sim. E houve uma fase em que digamos que a rádio era acessível apenas aquelas vozes, ponto final. E daí ainda hoje temos vozes que são perfeitamente identificáveis como é o caso do António Sala, é uma voz que toda a gente identifica em qualquer sítio, portanto era uma voz. Hoje de certa forma, já se exige que tenha além dessa grande voz, a capacidade de comunicar, que é o caso do António Sala, ele reúne tudo e hoje cada vez mais se trabalha para tentar que a pessoa seja comunicativa, independentemente da voz que tenha, claro que se voz for boa, tanto melhor, ter uma voz radiofónica, aquilo que nós chamamos uma voz radiofónica melhor, mas não à regionalização!, de facto existe uma maior democratização, digamos dos critérios.

5. Acha que o tom de voz do animador tem alguma influência na compreensão do conteúdo do programa que anima?

Ainda assim tem. O que me parece é que a pessoa não vai desligar se ouvir uma voz repentinamente que ele considere má, "Não gosto desta voz!". Se calhar ouve mais um bocadinho se o conteúdo for interessante, mas à partida esse é um processo complicado, Se a voz for claramente, se a pessoa rejeitar claramente uma voz, ai digo-lhe já que penso que a pessoa muda.

A voz para transmitir um conteúdo é extremamente importante, eu continuo a achar que há uma voz para a noite, uma voz para a tarde e uma voz para a manhã.

6. O que considera que é uma voz para a manhã?

A mesma pessoa pode fazer as três vozes.

7. E á tarde, o que considera uma voz da tarde?

Será uma voz talvez menos enérgica e assim ao longo do dia, ou seja, torna-se cada vez menos enérgica como as características de um programa da tarde, que podemos ter um programa digamos de conversa com os ouvinte, ai nem se fala em colocação de voz, ai a pessoa é ela própria.

Então ai nem é preciso fazer esforço, de manhã não, tem mesmo de fazer esforço para despertar, tem mesmo de ter uma inflexão animada, dinâmica, activa , não que esteja a acordar rabugenta, mal disposta e isso acontece com toda a gente.

A partir do momento que se abre o microfone, as pessoas lá for a não têm culpa nenhuma, portanto a inflexão vocal é importante para um locutor-comunicador.

Esta é a manhã, a tarde já pode ser um bocadinho mais, se eu tiver um bocadinho mais mal disposta já vou fazer um bocadinho mais calmo, pode ser mais familiar, mais eu próprio, mais. . .

A mesma pessoa a fazer à noite se calhar seria mais inimitista e não precisa com isto de fazer grandes diferenças de personalidade, simplesmente eu acho que nós à noite somos diferentes, basta simplesmente de estar da forma como somos porque a pessoa lá for a também recebe a inflexão de voz genuína que temos se tivermos a fazer esforço soa a falso e lá for a percebe-se.

Portanto isso vai acontecendo com naturalidade, a mesma pessoa se fizer emissão é uma, à tarde a inflexão de voz é outra e à noite é outra.

8. Este estudo concluiu que existe vozes mais apropriadas para a rádio que outras, consequentemente afirma que os profissionais transmitem sentimentos de credibilidade, segurança, proximidade, infantilidade e/ou ingenuidade, consoante o tom de voz. Concorda?

Concordo. A voz aguda, a voz que chega a tocar a estridência, que se ouve como se fosse uma voz estridente passa uma imagem de imaturidade e até de uma certa histeria e basta nós sermos um pouco ouvintes que para aquilo que existe em termos de rádio à nossa volta, não é? Basta irmos pela estrada fora e ouvirmos rádios por todo o país, pequeninas de cada cidade, rádios locais que existem e portanto, até ai nós percebemos que a inflexão, as vozes mais graves.

Mas eu continuo achar isso mesmo que seja uma voz grave, se não me passar uma sensação de que está a comunicar comigo, também pode ir dar uma volta aquela estação de rádio, que eu não vou ouvir, isto falo eu com ouvinte, porque já tenho dificuldade em me dissociar do comunicador/ouvinte ao mesmo tempo. Cada vez que ouço rádio, já não ouço como ouvia. Sempre à procura de virtudes, deixa lá ver se este é agradável, deixa lá ver se ele ou ela está a ler, é muito engraçado porque já não consigo fazer esse processo de forma ingénua que fazia antes, porque estou até a escrever um texto ou uma coisa qualquer e estou a ouvir rádio. Basta qualquer coisinha e o meu ouvidinho "o que foi isto?", tenho essa dificuldade, portanto pode ser uma voz grave, pode transmitir segurança, uma pessoa começa a ouvir bonito, sem senhor, está aqui uma... Voz feminina grave então passa uma sensação de quase maternidade, é uma coisa protectora.

Se a pessoa começar a dizer muitos disparates, portanto ao nível do contexto e do conteúdo também não vai lá, daí que eu una muito e acho que é fundamental o comunicador ser isso primeiro, um comunicador e depois se tiver boa voz reúne todas as condições necessárias.

9. O que é o improvisado para si?

Há aquela estratégia que diz que o improvisado é o que está melhor escrito, ou seja, mais treinado aquilo quando nós já sabemos o que vamos fazer a seguir.

Eu falo por mim, como profissional do lado de cá, vivo diariamente todos os tipos de improvisos, ou seja, o improviso real que é estar em cima do acontecimento, acontece qualquer coisa. . . Porque as pessoas de um órgão de comunicação social deste género têm de estar preparadas para o imediato, acontece está no ar e portanto tem de se improvisar, é real, é verdadeiro.

Quem está lá for a se calhar não distingue do momento que vem a seguir que já estava planeado, porque as coisas são planeadas com a devida antecedência, mas vai achar que também é um improviso absolutamente verdadeiro e eficaz e está a acontecer agora no momento e não estava planeado. Até ao improviso altamente planeado, quase teatral, devidamente produzido, sonorizado com tudo e mais alguma coisa que a pessoa do outro lado também vai achar que é. . . "ai que engraçados que eles estão hoje, com tanta graça!" e aquilo está gravado à dois dias, vamos supor.

Portanto, o improviso do lado de cá, pode ser feito a estes níveis pode ser verdadeiro, real que é aquilo que as outras pessoas acham que é, aconteceu no momento, está acontecido. Pode ser trabalhado, pode ser ainda produzido e super trabalhado, antecipado, gravado, colocado lá e quem está do outro lado, quem ouvir rádio com nós ouvimos normalmente pensar que é. . . "ai que giros que são, estão a improvisar!" E cada vez mais se verifica que de facto há improvisos que são bem produzidos e quanto melhor produzido, mais improviso parecem ser estes exercícios de improviso.

10. Já desempenhou funções no departamento de informação?

Já desempenhei, não na rádio Renascença, mas durante a minha carreira.

11. E acha que ia Informação prepara para o entretenimento ou o entretenimento prepara para a informação?

Eu nunca coloquei as coisas dessa forma, o que penso é que se complementam, penso que se complementam.

Porque eu tive essa oportunidade de trabalhar e foi também ao nível de uma rádio local, em que a formação que as pessoas tinham era entre outras era geral.

Ou seja, o profissional de rádio tinha que saber fazer tudo, tinha que ir a antena, se fosse preciso, tinha que saber fazer uma notícia, tinha que saber sair em reportagem, tinha que saber trabalhar na régie com as máquinas, ao nível técnico, saber fazer gravações, o que nós chamamos os RM's, registos magnéticos. . . tinha que saber fazer tudo.

Portanto a conclusão a que eu chego é que há uma grande diferença entre o entretenimento e a informação e um profissional que consiga entender o funcionamento de um e de outro, será muito mais completo a todos os níveis, porque, por exemplo o tempo é diferente, o tempo para um jornalista é um tempo diferente para o entertainer.

Para um entertainer um minuto é pouquíssimo, é uma coisa, porque falta um minuto para que entrem as notícias, e o entertainer tem a noção de que aquilo é super-rápido, o jornalista diz: "Ainda falta um minuto!". Porque o jornalista trabalha em cima da corda, em cima do acontecimento, hoje em dia aquele que é o comunicador trabalha com coisas planeadas, ou seja, aquilo ali parece já muito . . . , se um profissional de rádio souber isto, souber o ritmo de trabalho de um lado e o ritmo de trabalho no outro, na minha opinião vai ser muito mais eficaz como comunicador, percebe o que é que se passa num lado, o que se passa no outro e a eficácia como comunicador maior, mas isto sou eu que penso.

Se calhar penso que a especialização neste campo não é tão importante como nós sermos capazes de fazer tudo.

Fui formada no grupo Renascença para "miúdos" dos 15 aos 25 anos, na mega FM e passado os dois anos e meio transitei

para o canal RR, que é uma canal que trabalha com pessoas para cima dos 45 anos, como é que um comunicador faz isto? Eu sou da opinião que tem de se ser capaz, se nos puserem à frente uma plateia de 15 aos 25 anos comunicar na linguagem deles, falar para eles de forma a que eles se interessem por o que estamos a dizer e ao mesmo tempo no dia seguinte temos que ser capazes de apresentar para os pais e os avós, e fazer com que a nossa conversa também lhes interesse.

Portanto se calhar, na minha opinião, um bom profissional, mais completo será a pessoa que consegue abarcar a comunicabilidade em geral.

12. Considera suficiente o espaço dado à informação na sua rádio?

Considero, neste momento considero e eu faço esta ressalva porque neste momento a RR considera a informação de tal forma fundamental que existe antena aberta à informação, ou seja, está tudo preparado para que a emissão.

Qualquer coisa que aconteça e tudo pode ser interrompido, aquilo que nós chamamos o pivôt de antena que está em antena, pára tudo e diz "aconteceu isto, vamos saber o que se passa!" e o editor com aquele horário sai com a notícia, se houver reportagem lá for a em directo, as pessoas estão no local dão de imediato a informação necessária.

Portanto neste momento a Renascença trabalha com um regime que é está acontecer, nós estamos a dar!!

Neste momento considero que havendo ordem da direcção de programas para a antena aberta para a informação qualquer coisa que aconteça tudo pode ser interrompido, aquilo que nós chamamos o pivôt de antena, a pessoa que está em antena pára tudo e diz: aconteceu isto, vamos saber o que é que se passa e o jornalista o editor que está com aquele horário com a manhã, a tarde ou a noite sai com a notícia se

houver reportagem lá fora, directos no ar, as pessoas estão no local dão de imediato a informação necessária. Neste momento a renascença trabalha com um regime que é está a acontecer nos estamos a dar, pára tudo.

13. Se calhar é por isso que pudemos dizer que se justifica a procura de pessoas antes de mais comunicadoras e com uma capacidade abrangente de estar no ar?

Antes de mais um pivôt de antena tem de ser capaz de se transformar, entre aspas, quase num editor de notícias, portanto atenção aconteceu isto, toma um tom digamos quase jornalístico, não é? Para explicar que aconteceu isto vamos saber pormenores com o jornalista tal tal, que essa pessoa então passamos-lhe a pasta entre aspas, e essa pessoa vai tratar então de gerir o espaço da informação, mas a qualquer momento o jornalista diz voltamos já à notícia tal, mas agora regressamos à música, passa novamente o pivôt de antena a responsabilizar-se pela emissão até que aconteça...sempre.

Portanto, neste momento a Renascença funciona assim.

Se ainda não aconteceu é porque ainda não houve razão que justificasse uma entrada no ar, acontece sistematicamente com o trânsito, não é? Quando há um problema grave, a emissão. Acaba aquela música- porque é um desrespeito terminar uma música a meio- acaba aquela música e de imediato atenção que houve um acidente num local assim, assim, e o repórter, normalmente o de serviço de trânsito da Renascença a pessoa que está encarregue de comunicar o trânsito diz...

Porque as pessoas que estão na estrada querem saber porque é que estão numa fila, não sei e porque é que estou numa fila às 3 da tarde? Não há filas às 3 da tarde, quer dizer mas entretanto já está a ouvir que há um acidente ali em cima, na rotunda não sei a onde. Portanto a informação

tem que estar e, ligação directa com o entretenimento, daí a necessidade de cada vez mais de comunicadores e não do locutor de voz colocada e tal (e agora vamos passar para a informação), não! A pessoa que está em antena tem de já saber o que se está a passar e isso, é oral, é uma coisa muito comunicativa...atenção porque nem sequer precisamos de dramatizar porque a própria notícia já pode ser dramática o suficiente é só dizer o que se passa e o jornalista toma conta.

14. Acha que os critérios de selecção para um editor divergem dos critérios de selecção de um animador?

Eu penso que não. Ai mais uma vez penso que não, porque o editor e aqui ponho-me claramente do lado do ouvinte, o editor da notícia, o pivôt da informação tem que ser um pouco como na televisão, ou seja, a voz dele tem de me transmitir confiança total e esta implica ele está no meio de uma notícia e a acontece uma notícia de última hora, e ele tem de ser um excelente comunicador, porque automaticamente o assistente vai-lhe entrar pela cabine dentro com um papel que se calhar está rascunhado à mão, que acabou de acontecer ele não faz ideia do que seja isto e eh lá!... atenção porque está aqui um acontecimento de última de hora, vai ter de conseguir transmitir isto de forma que nós estamos em cima do acontecimento, estamos a acompanhar. Portanto, vai ter que comunicar, sei lá...mesmo que de uma forma que nem sequer está escrita, não está elaborada, não está feita e vai Ter que ter mais uma vez essa capacidade de improvisado, mais uma vez a capacidade de imaginar à nossa frente, não é? Que está uma pessoa, como é que eu transmito àquela pessoa que está a acontecer isto e atenção que nós já lá vamos, estamos a acompanhar, não estamos esquecidos...

Portanto fique por aí que vamos retomar o assunto e isso, cada vez mais o editor tem que nos passar à pessoa do outro lado uma sensação de confiança, não tanto pela voz, mas

pela forma como comunica a notícia, lá está porque há vozes femininas a editar e vozes masculinas a editar, a sensação de confiança que eu como ouvinte tenho è na questão da comunicação: estou a perceber o que ele me está a dizer ou isto é aborrecido, porque então noticiários daqueles aborrecidos, com frases muito cumpridas com grandes parágrafos, a vírgula, ponto e vírgula e não sei o quê, espaços, pausas e eu digo bem vou ouvir outra coisa. Porque a notícia também tem de ser bem dada e nós ouvirmos e dizermos confio neste fulano, acho que o que ele me está a dizer é...

E isso tem haver mais do que com a voz, a forma como ele comunica aquilo que está a dizer, se calhar não a voz a inflexão...

Eu contínuo a achar que o tom, a tonalidade, a inflexão com que as pessoas dizem as coisas isso é que é muito importante.

15. Considera que existem boas vozes, bons profissionais no panorama radiofónico nacional. Estas são completas, quais são as falhas? Qual o tipo de cultura que existe para melhorar?

A cultura radiofónica portuguesa baseou-se durante muitos justamente no locutor, era a colocação de voz mesmo, era aquela voz a partir do estômago, da garganta e aquela voz tinha de ser assim. Depois veio a seguir a essa escola, uma outra escola que é a escola do vou falar interruptamente, que também acontece em muitos sítios e que é altamente aborrecido, altamente aborrecido, ou que aquilo que a pessoa me está a dizer é muito interessante- e eu volto outra vez à mesma coisa frase curta, parágrafos curtos também, vamos direitos ao assunto o que é que se está a passar, que história gira é que eu tenho para contar ou se estamos ali a enrolar, essa escola também foi outra escola que dizia que precisávamos de muletas e então surgiam muitas palavras como “naturalmente”, “normalmente”, “justamente”...

Tudo o que fosse advérbio ficava muito bem para por ali, para quê para fazer figura. As pessoas tinham noção que falando muito... também foi uma escola e ainda há, ainda se ouve isto.

E agora surgiu a escola que eu chamo a escola norte-americana que é a escola da comunicabilidade, e então se ouvirmos as rádios norte-americanas, maior parte das rádios norte-americanas eles são... tão-se pouco borrifando para as vozes, mas completamente. A única coisa que eu ouço nestas rádios é muita energia, a voz ligada ao jingle, ao separador, à música... tudo altamente enérgico e muito raramente as pessoas a falarem em seco.

Será eventualmente na informação necessário focar a atenção no que está a acontecer, deixamos as coisas a seco. Hoje em dia eu considero que o mais importante- e é o que está a acontecer nas estações de rádio- é a comunicação rápida, eficaz, temos que chegar às pessoas muito rapidamente, comunicar de tal forma rapidamente que as pessoas nem fixam uma voz com aquela colocação.

Eu pelo menos, pessoalmente quando começo a ouvir a pessoa a enrolar a dizer a mesma coisa por outras palavras, a usar frases enormérrimas, frases que nem são frases, são várias frases que formam um período, dois períodos, três períodos... que depois mudam de parágrafo- porque isto nota-se é que nós até conseguimos notar quando muda o parágrafo do texto... isto é extremamente aborrecido.

O panorama nacional está cada vez mais virado para o sistema, eu diria quase norte-americano, que é comunicar... estamos a usar felizmente cada vez mais a língua portuguesa na sua totalidade, se for preciso dizer bué diz-se bué e não é forçar o bué para os miúdos mais novos, para as rádios que trabalham com idades compreendidas entre os 15 e os 25, desculpem mas já ninguém diz bué, agora dizem-se

outras coisas, mas utilizar a língua portuguesa na sua totalidade, nos termos todos que existem.

Porque é que nós para falarmos na rádio e na televisão temos que ser formais? Porque é que temos de usar linguagem mais formal, porque é que não usamos linguagem corrente. Porque é que não falamos na rádio como falamos para os nossos amigos? E para aqui se caminha, as vozes que existem neste momento são personagens, ou seja, não se destacam pela voz, inclusivamente uma coisa engraçada é termos vozes a fazer os prime-times, nas várias estações de rádio que podem estar a fazer spots publicitários que passam completamente despercebidos.

Eu não faço a menor ideia se é este ou aquele locutor entre aspas, que está a fazer aquele spot e vamos ver é o profissional que está a fazer um prime-time num sítio qualquer, porque é que não se identifica, não se identifica porque ele na estação de rádio onde faz o programa desempenha em comunicação directa com as pessoas, desempenha uma personagem.

Então se quisermos hoje, as rádios em prime-time são todas bem dispostas, super animadas, a tentativa é puxar as pessoas cada vez mais para cima. E no entanto tenho que puxar a brasa à minha sardinha e dizer que a Rádio Renascença é a única rádio generalista em Portugal, não há outra.

Temos centenas, eu estou a por centenas entre aspas, de rádios musicais, caixinhas que a gente liga e ouve música atrás de música e até se consegue delimitar um esquema: uma música, um spot, uma música e ele fala; uma música, outro spot, outra música, aqui já passaram três músicas e ele volta a falar.

É um sistema norte-americano, jukebox, músicas atrás de músicas. A Renascença é a única Rádio generalista e eu tenho a noção certa que este é o futuro, este é o futuro; é fazer um magazine como se faz na televisão em rádio:

informação, curiosidades, boa disposição, o trânsito, vamos voltar à informação, aconteceu alguma coisa vamos buscar de forma a que não...

16. Só ser jukebox não fideliza de forma alguma o público?

Ainda, porque eu penso que o que as pessoas querem é música, mas com o tempo eu prevejo que as pessoas vão sentir saudades da rádio generalista, eu prevejo que... A companhia é a função da Renascença.

No trabalho onde não pode estar a ver televisão por qualquer razão, está concerteza a ouvir rádio. E a rádio tem que ser...a única rádio que é de facto a nossa melhor amiga é a mensagem passada pela Renascença, precisamente pela comunicabilidade.

Mais uma vez não se pode falar de grandes vozes, fala-se em grandes personalidades, ou seja, vamos buscar o nome de pessoas que não se destacam pela voz, mas pela personalidade que têm e então aí voltamos aquele factor que é bastante importante: a comunicação, como é que se comunica uma imagem, as pessoas já não ouvem falar o locutor e não o estão a imaginar pela voz, mas pela postura que ele tem ao microfone, se calhar ele é um grandíssimo maluco, ou se calhar ele é um não sei o quê e depois quando vêm a pessoa ficam, não era nada disto que eu estava a imaginar.

Acontece muito comigo que é a boa disposição matinal e tal e está andar, porque entre as 7 e as 11 na Renascença tem que ser boa disposição e não sei quê e não sei que mais... as pessoas olham para mim e dizem ela é muito mais séria que eu pensava e as pessoas não têm muito a noção que também o comunicador é um actor, tem que ser, tem que ser... Tem que comunicar, passar uma determinada mensagem, porque se eu acordar rabugenta e maldisposta ninguém vai querer saber de mim para nada, mudam já de estação.

Existem hoje não vozes de rádio como acontecia no tempo

do Henrique Mendes, da Maria Leonor que toda agente identifica, curiosamente há algumas vozes que eu ainda identifico ainda hoje na televisão, mas que são vozes radiofónicas Ana Margarida, o António Sala pessoas que nunca mais vão ser esquecidas pela sua voz, mais do que pela sua personalidade. Hoje formam-se personalidades aquilo que os ingleses chamam characters, personagem. Nós até pudemos ser uma personagem e na vida real sermos outros completamente diferentes, essa é a projecção hoje em dia em termos de rádio, porque as pessoas não querem estar... eu pelo menos se tiver muito tempo a ouvir uma voz muito interessante, mas que esteja três minutos a falar ininterruptamente sobre o mesmo assunto, a temática é a mesma mas mudam-se as frases, mas continua-se a dizer a mesma coisa com “naturalmentes” com “justamentes” com “precisamentes” no meio mudo de estação. Porque isso aborrece sobremaneira, é uma escola também de rádio que está a ser ultrapassada.

Hoje em dia é uma rádio que não está em silêncio nem por trás da voz, porque uma pessoa está a falar e já está uma música a entrar, tem ritmo, dinâmica e ao mesmo tempo conseguir ser amigo com isto tudo é... a única Rádio que consegue fazer isto é de facto a Rádio Renascença e com o tempo eu penso que as pessoas vão voltar a isto, vão se cansar da jukebox e vão voltar a isto, com tempo. Não dou uma previsão mas seguramente para cima dos cinco anos.

Anexo 13

Entrevista aplicada a Pedro Ribeiro, animador da Rádio Comercial.

- 1. Considera que existe algum processo de selecção de vozes por parte da direcção?**

Bem, existe sempre, porque quando as pessoas vêm cá fazer testes, não sou eu que os faço, mas isso aconteceu comigo na minha altura, é evidente que tendo em conta o meio que é e tendo em conta que a voz é o veículo desse meio é natural que as rádios prestem muita atenção a isso, mas acho que antigamente era mais. Ou se calhar não era mais, mas era num sentido diferente, antigamente era preciso ter a voz colocada, voz de rádio. E agora acho que não, agora liga-se mais à capacidade de comunicação do que propriamente à voz.

Mas se houver uma voz muito estridente ou muito fora de tom é muito difícil entrar.

2. Acha que existem vozes mais apropriadas para os *prime-times*?

Sinceramente não, acho que não. Acho que não é o timbre da voz, o tom de voz, o tipo de voz que determina se fazes bem ou não programas de prime-time, sobretudo nos prime-time acho que vale mais a capacidade de comunicação do que propriamente a voz.

Aliás, normalmente se tu fores a pensar nisso as vozes, aquelas vozes normalmente até estão em programas tipo à noite, são mais vozes nocturnas, porque são mais vozes de falar ao ouvido mesmo, é uma coisa mais íntima, mais íntima.

De manhã acho que não, não é que de manhã não apanhes uma boa voz, não é isso, mas acho que não é determinante.

3. Acredita que a voz do rádio jornalista ainda é o critério mais importante para o desempenho da sua profissão?

Não, não acho que não. É como te digo, a voz é naturalmente importante porque é através dela que chegas às pessoas na rádio, mas...é um critério atenção... não é de menosprezar é um critério importante, mas há outras coisas importantes além da voz.

Há dicção, há comunicar, no caso do jornalismo como se escreve, ou seja, não é só a voz, não pode ser só a voz.

Até porque já não existe uma figura que existia antes na rádio que é as pessoas que só liam, as pessoas que estavam na rádio só por causa da voz magnífica que tinham, não faziam nada só liam, não escreviam as coisas que diziam eram os locutores.

Era só debitado, e essa figura não existe hoje em dia, toda a gente que vai ao microfone e diz qualquer coisa escreve, trabalha, produz as coisas que apresenta.

4. Acha que o tom de voz do animador tem qualquer influência na compreensão dos conteúdos dos programas que anima?

O tom de voz claro que acaba por ter não é? Se a voz estiver muito fora de tom, se for uma voz muito estridente, por exemplo, acaba por ser ruído e distraí-te da mensagem e tu nem ligas ao que a pessoa está a dizer, se tu não gostares da voz não ligas sequer ao que ela está a dizer, nem ouves tudo o que ela tem a dizer, porque mudas.

Portanto é muito importante o tom na mensagem, o que eu digo é que não é importante se tu tens a chamada grande voz ou não.

Tem que ser uma voz agradável, obviamente, tem de ser compreensível.

5. O que é uma voz agradável?

Pois, isso depende muito das pessoas, porque há pessoas para quem algumas vozes são muito agradáveis e essas mesmas vozes são insuportáveis para outras, isso é muito subjectivo. Como se uma pessoa... é mais do que se uma pessoa é bonita ou feia, porque há padrões estéticos enfim... que são mais ou menos comuns, mas em relação à voz não.

O que eu acho é que há muitas vozes muito parecidas na rádio, porque isto também é uma questão de modas, é de... Houve uma altura que era a voz tipo canhão, a voz poderosa, a voz tipo Augusto Seabra, Miguel Quintão que são grandes vozes de facto.

E depois já tinha havido uma altura que era a voz tipo Oceano Pacífico, João Chaves...aquela voz e depois isto é um bocadinho de modas...

Agora o que é uma voz agradável e o que não é, isso depende muito das pessoas, muito embora eu ache que eu reconheço uma voz aguda em demasia, reconheço uma voz estridente não é? Isso não é subjectivo, agora o que é agradável ou não eh pá depende... em última análise depende das pessoas, depende do gosto de cada um.

6. Este estudo concluiu que existem vozes mais apropriadas para a rádio que outras, consequentemente afirma que os profissionais transmitem sentimentos de credibilidade, segurança, proximidade, infantilidade e/ou ingenuidade, consoante o tom de voz. Concorda?

Completamente. Tu fazes um retracto da pessoa através daquilo que a pessoa diz, o som daquilo que a pessoa diz, a maneira como ela te diz. E no caso da informação então isso é muito importante, ai é muito importante. Eu fiz informação durante muitos anos e eu ai percebo que a voz é determinante, porque se a voz te for... nem que seja um tudo nada desagradável tu distrais-te e quando a voz te tá a dar informação, nas rádios de informação não te pode distrair.

Mas também não pode distrair ao contrário ou seja, também não pode ser uma voz que só por si seja de tal maneira envolvente, e de tal maneira fantástica que tu te distrais daquilo que ela te está a dizer. Tem que haver ai um meio termo, percebes?

Não pode ser uma voz muito estridente, nem uma voz muito

mel. A voz muito mel dizes hei que voz fantástica que já não ligas ao que ela te está a dizer.

E esse retractor que ela faz da ingenuidade que as vezes se nota nas vozes, na credibilidade de outras, na experiência até da pessoa, a pessoa estar nervosa ou não isso nota-se tudo na voz, acho eu.

É evidente que se trabalhares no meio e se tiveres o ouvido mais treinado para isso eu acho que te apercebes com mais facilidade. Mas quem ouça rádio regularmente e crie uma relação com a pessoa que lhe fala ao ouvido normalmente todos os dias só que diz sempre o mesmo, notas mudanças de humor.

Por exemplo, eu quando fazia desporto na rádio é preciso ter muito cuidado, porque quando dás uma notícia de um resultado desportivo tu não podes ter nenhuma inflexão de voz que denuncie, por exemplo, se tu és de um clube ou de outro, isso é preciso alguma disciplina e alguma...

7. E em relação à animação?

A animação é diferente porque o que está em causa é a capacidade de tu comunicares e interagires com as pessoas, a capacidade de não seres aos ouvidos das pessoas banal, não seres indiferente, de as fazeres reagir e portanto aí vale muito mais a capacidade ou não que tu tens de comunicar, de fazeres passar sensações mais do que informação, percebes? Estás a conversar com as pessoas, é preciso mais que converses bem, sejas um bom conversador, porque estás a conversar com quem está do outro lado, mais do que se fazes essa conversa com uma voz mais colocada ou menos colocada.

8. Mas existe quase uma “obrigação” de boa disposição que também passa pela voz?

Sabes que, sobretudo de manhã há aqui uma componente de teatro também, porque as pessoas que fazem programas

de manhã como qualquer pessoa têm os seus momentos de mau humor! Tens as suas más manhãs, acordar não é fácil para ninguém sobretudo para quem acorda cedo como nós, quer dizer tens de fazer um esforço para... é quase teatrinho às vezes, que é tu tens de estar bem disposto, mas isso é uma questão de... é a tua profissão, não é?

E tu tens que fazê-la sempre bem, e quando as pessoas ligam o rádio é porque sabem que ali há um gajo bem disposto, tu tens que ser bem disposto, deves isso às pessoas.

E portanto aí parte da tua preparação e do teu profissionalismo, não há aí grande ciência é só ser profissional.

9. Já me disse que desempenhou funções no departamento de informação, isso ajuda de qualquer forma na animação?

Muito, eu comecei na rádio por trabalhar em informação, fiz muitos anos de informação e quando passei para a animação foi muito útil, muito útil. Primeiro por causa do hábito de estar atento ao que se passa, porque é preciso perceber que tu quando vais fazer manhãs é preciso estar por dentro do mundo das pessoas que te ouvem e portanto tens de estar atento às coisas básicas, tens que saber as coisas que estão a acontecer, tens de perceber do que estão a falar as pessoas, quais são os assuntos de que as pessoas falam no trabalho, ao jantar, em casa e vindo da informação e continuando sempre atento à informação, não é só chegar aqui e perceber de música, não é só falar de música.

Aliás, estou convencido que de manhã as pessoas pouco querem ouvir falar de música, as pessoas querem companhia, querem que tu comentes ou que lhes dêes histórias que lhes interessam da informação, que tu lhes digas de manhã que o que está a bater hoje é isto ou aquilo, que a notícia do dia é esta ou outra, para que as pessoas percebam que tu falas a linguagem delas e estás no mundo delas.

Eh pá e a bagagem que vem da informação, acho eu- não tive a experiência inversa- é se calhar muito maior do que ao contrário, acho eu.

10. Considera suficiente o espaço dado à informação na sua rádio?

Nesta rádio para o target a que destina acho que sim. Eu acho que fazem falta boas estações de rádio de palavra, há cada vez menos conversas boas de ouvir na rádio e acho que uma conversa na rádio é reduzir a Rádio à sua expressão se calhar mais pura e mais original, se quiseres. A Rádio é por excelência um veículo de palavra, mais do que de música, naturalmente... A minha teoria é com o acesso cada vez mais facilitado à música, a mais valia da rádio tem que ser a comunicação, não pode valer pela música só que passa, eu acho que a informação está na medida certa e quem quer mais e mais aprofundado, não vai ouvir nesta rádio, tem que procurar outra rádio.

Mas eu acho que faz falta mais rádio de palavra, isso faz, já fiz mais rádio de palavra, já fiz mais entrevista e acho que faz falta. Porque não há nada, para mim nada na rádio, tão estimulante que apanhar uma boa conversa e ficar a ouvir, acho que é espectacular quando tu ligas o rádio e ouves pessoas a conversar e te interessas e vais atrás daquilo, acho que isso é espectacular e é como te digo a expressão máxima da rádio.

11. E o que há de importante aí, a voz, aquilo que as pessoas dizem?

Para mim o que interessa é o que as pessoas dizem, se calhar é defeito meu, mas para mim o que interessa... não me interessa nada... é como te disse, a menos que a voz seja desagradável, não me interessa muito, interessa-me mais o que as pessoas dizem do que o tom em que dizem, a voz com eles dizem.

Eu ouvi uma vez uma entrevista do Tom Waits, que tem aquela voz cavernosa e aquilo chegou a incomodar, porque tu no fundo queres ouvir, porque achas que é alguém interessante, mas depois não aguentas porque é de tal maneira cavernoso que tu às tantas... não consigo ouvir, publiquem isso num jornal e eu leio.

Mas só aí, ou seja, a voz só é importante se for uma voz desagradável porque te afasta, agora de ficas a ouvir mais tempo pela voz ser agradável, eu não fico se a conversa não me interessar não fico a ouvir, percebes?

Portanto o que interessa mais não é a voz, é que o se diz.

Anexos D

Guião dos Professores de Técnica Vocal

- **Entrevistas dos Professores de Técnica Vocal**

Anexo 14

Guião de entrevista aplicada aos professores de técnica vocal

1. Qual a importância que atribuí à voz?
2. Qual a importância do tom de voz na compreensão do conteúdo das mensagens radiofónicas?
3. Quais as componentes da voz?
4. Pode-se classificar uma voz?
5. É possível que o tom de voz do rádio jornalista desencadeie uma série de sensações como a mais ou menos credibilidade, transmitir segurança, seriedade, e por outro lado, causar sensações de frieza, desconfiança ou até infantilidade?

6. Considera que um rádio jornalista pode transformar a sua voz ao longo da carreira?
7. Até que ponto as nossas vivências e processo de socialização determinam o tom e o tipo de voz que temos?
8. Considera que existe uma atitude vocal ou até uma assinatura vocal?
9. Acha que existe uma real transfiguração do rádio jornalista quando vai a Antena, consoante aquilo que lhe for pedido e tendo em consideração que um programa da manhã, da tarde ou da noite exigem conduções diferenciadas?
10. Acha que os ouvintes de rádio são sensíveis ao tom de voz do profissional que lhes dá as notícias e que anima os programas que ouve?
11. Acredita que a voz ainda seja o factor determinante na selecção dos rádio jornalistas?
12. Existe a seu ver, algum tipo de evolução/mudança na utilização da voz no/ e pelo meio rádio?

Anexo 15

Entrevista aplicada ao Jorge Alves, professor de técnica vocal, 10 de Maio

1. Qual é a importância que atribuí à voz?

É um factor primordial na comunicação como disse, permite utilizar uma linguagem que é o factor principal na comunicação. Uma língua é realmente uma das grandes vantagens que o ser humano tem, na comunicação e que ultrapassa em termos de emissão e de recepção todo outro tipo de linguagem, que nós conhecemos, não é?

2. Quais as componentes da voz?

O principal componente da voz, o que faz com que a gente ouça uma pessoa a falar é o timbre que essa pessoa tem. Como já deve ter reparado é possível reconhecer a pessoa, embora às vezes haja vozes que se confundam, não é? Olha liguei para tua casa atendeu a tua irmã parecia-me que eras tu ou a tua mãe, não é? E isso acontece muito. Tem haver naturalmente com a fisiologia de cada uma das pessoas, com as cordas vocais, mas pelo com o mimetismo, porque nós aprendemos a falar ou as primeiras pessoas com quem... nos primeiros tempos da nossa vida que ouvimos a falar normalmente é o nosso pai ou a nossa mãe, isso também nos condiciona bastante a maneira de entoar, de falar... e portanto, nós acabamos por imitar mesmo no ensino do canto o mimetismo muitas vezes ajuda as pessoas a ultrapassarem certos problemas técnicos só imitando outros cantores, não sei se já fez a experiência, mas às vezes por um disco e depois tentando imitar, depois de ouvir mesmo sem pensar consegue fazer coisas se calhar com a voz que nunca tinha conseguido fazer antes só porque ouviu e tentou imitar.

Claro que umas pessoas que tem mais facilidade nisto que outras obviamente.

3. Pode-se classificar uma voz?

Pode-se classificar em várias formas, não é? A voz classifica-se pelo seu timbre e pela sua extensão, mas sobretudo pelo seu timbre é a tal característica que permite... é como se fosse a personalidade da voz, não é? É o timbre, depois em termos de canto a voz classifica-se como...as vozes masculinas têm três definições básicas: o baixo, o barítono e o tenor e nas vozes femininas: o contralto, o mesosoprano e o soprano.

4. Qual a importância do tom de voz na compreensão do conteúdo das mensagens?

O tom de voz não iria por aí, eu creio que em termos de agradabilidade, da pessoa ouvir uma voz através de um rádio ou televisão, eu pessoalmente prefiro ouvir vozes mais graves, aliás é essa mais ou menos a tendência que têm havido de há uns anos a esta parte as vozes mais graves funcionam muito bem na Rádio, pelos tipos de harmónicos que tem e pronto. Eu pessoalmente também gosto, agora em termos de comunicação, de recepção o que é interessante é a maneira como a pessoa fala, não utilizar sempre a mesma região e falar assim sempre igual, ter alguns cambiantes em termos de discurso, ter arranques e paragens, não ser sempre igual e tudo sempre no mesmo tom, induz o ouvinte a adormecer e a alhear-se do que está a acontecer. Não é também fora do vulgar ouvir um discurso e que não consegue seguir por muito interesse que tenham nele, porque a pessoa é monótona, mesmo que o conteúdo seja interessante e às vezes acontece o contrário o conteúdo nem diz muita coisa, mas a maneira como a pessoa utiliza a prosódia, o discurso acaba por cativá-la e... interessante eu nunca tinha ligado a este assunto, mas de alguma maneira a falar... isso muitas vezes é pela maneira como o discurso é feito em termos de entoação, não é? Eu estou-me a lembrar que assisti a muitas palestras em universidades, óbvio que o conteúdo se é muito técnico num âmbito em que nós não estamos, mas isto está fora do que estamos a falar, não é? Realmente a maneira de expressar, utilizar alturas diferentes quando se está a falar e não estar sempre no mesmo tom, ter arranques e paragens no discurso, isso gera um certo provocação, vamos lhe chamar assim, que nos capta a tenção e desperta mais o interesse, não ser sempre igual, uma pessoa a certa altura...

5. **Considera que um rádio jornalista pode transformar a sua voz ao longo da carreira (uma má voz numa boa voz)?**

Sim, isso podem, para além disso tipo de maneira de discursar há também um certo tipo de emissão vocal, até porque a nossa voz transmite toda uma emoção e um estado de espírito em que a pessoa está, se uma pessoa estiver triste transmite isso pela voz, se estiver alegre transmite isso pela voz, portanto acaba por ser uma coisa muito íntima e que nos expõe bastante não é?

Obviamente também pudemos enganar as pessoas, pudemos tentar estimular para fazer que estamos contentes, a voz leva-nos a criar metamorfoses sonoras que transmitem certo tipo de emoções que são muito importantes no discurso.

6. Acha que essas emoções possam ser neste caso de credibilidade, a segurança ou pelo contrário a frieza?

Acho que podem ser as duas coisas, às vezes o facto de dizer as coisas de uma certa forma por muito insegura que esteja quem está a ouvir acaba por receber essa mensagem e dizer de facto o que está a dizer. A pessoa está tão convicta e adopta um tom convencido daquilo que está a dizer que consegue cativar ou convencer.

7. E acha que isso tem haver com o timbre da voz, o facto de ela ser grave ou aguda?

Eu acho que todas as componentes quer a maneira como se discursa, o tom pode falar mais grave ou mais agudo se tiver mais exaltado e todas essas cambiantes se forem bem conjugadas e bem direccionadas ajudam a atingir aquilo que se quer.

8. Acha que é possível construir uma voz?

A voz é sempre trabalhada. A origem do som no ser humano são as cordas vocais, mas para além disso há uma série de outros de aparelhos no nosso corpo que ajudam a amplificar a voz, a construir o seu timbre, o tamanho da

boca, o peito, várias coisas na cabeça, o nariz, tudo que está na língua, os lábios. A voz trabalha-se conjugando todos estes elementos no equilíbrio que permita o máximo de rentabilidade com o mínimo de esforço. E depois não falei disso e talvez seja uma das partes principais do canto que é a respiração e o apoio da voz com caixa de ar, mais os pulmões e o diafragma que está na base dos pulmões, acaba por ser... é realmente a passagem do ar pelas cordas vocais que as faz vibrar, sem ar não há som, as cordas vocais só vibram com a passagem de ar, por isso o ar é realmente importante e tudo isto se trabalha.

9. Qualquer pessoa que trabalhe com a voz, isso é essencial?

Devo-lhe dizer eu tenho vários casos de colegas que tive... e que no início que não sabiam o que queriam ser, que especialidade iam ter, não davam nada pela voz que na altura tinham e hoje são cantores. Entretanto trabalharam e construíram uma voz, não há dúvida nenhuma que uma voz se trabalha tal e qual como um atleta pode não ter uma massa muscular... mas com o trabalho constrói-se como atleta, ninguém nasce atleta à partida, mas pode trabalhar nesse sentido, claro que uns terão mais aptidões que outros, mas todos podem desenvolver essas capacidades, porque tudo o que é muscular, quanto mais trabalhado mais se desenvolve.

10. Até que ponto as nossas vivências e o processo de socialização determinam o tom e o tipo de voz que temos?

Eu creio que, essa pergunta é muito interessante, mas realmente há-de ver que há certas pessoas de certas camadas sociais que adoptam uma maneira de falar e uma colocação própria, e quando digo camadas sociais não quero dizer mais ricos ou mais pobres, mas por zonas, por tipo de profissão.

Pessoas que nos estão próximas, que por exemplo ir com

elas de ir ao cinema, ir ao café e um dia encontras no trabalho e repara que a sua atitude vocal é diferente, a maneira como falam com as pessoas no trabalho, quer com o cargo que desempenham, o tom é diferente, muitas vezes a nossa atitude ao telefone é diferente da nossa atitude de quando estamos a falar com alguém directamente. Eu por exemplo já me apercebi de quando estou ao telefone falo mais grave, não sei porquê... já me apercebi, estou atento a esse tipo de coisas e acabo por uma autocrítica.

Comecei a pensar que quando falo muito tempo ao telefone acabo por não estar muito bem da voz, não ficar muito bem da voz e porque estou a utilizar um tom muito mais grave do que aquele que falo normalmente e era prejudicial à minha colocação habitual, isso prejudicava-me a voz.

Por isso tenho atenção a que isso não aconteça, mas é natural estar numa situação mais solene, é muito habitual que a maioria das pessoas falem numa região mais grave, porque eu creio que o tom... quando nós adoptamos um tom mais grave estamos sempre a dar uma maior tranquilidade e a transmitir talvez uma situação de maior sobriedade àquilo que estamos a dizer.

Repare uma coisa, quando se exalta o seu tom nunca desce, sobe sempre, portanto tudo o que é exaltação ou se quer falar de alguém que está do outro lado longe, a sua voz nunca vai para mais grave, sobe sempre um bocadinho.

Portanto quando nós estamos numa situação formal temos tendência a ser o mais calmos possível e transmitir o máximo de tranquilidade, de controlo e eu acho que essa é uma das razões porque adoptamos um tom mais grave.

11. Considera que existe uma atitude vocal ou até uma assinatura vocal?

É muito importante, essa atitude vocal ou o termo que está a dizer como atitude vocal é exactamente aquilo que eu es-

tava a referir à pouco quando falei do tipo de discurso, o tal... manter sempre o mesmo ritmo, a mesma cadência e também não manter sempre o mesmo tom, esses dois componentes são duas componentes que se unem também à atitude vocal. Uma atitude vocal mais passiva, mais tranquila ou uma atitude vocal mais activa e com mais agressividade- não quer dizer agressividade, mas com mais energia- para construir esse tom e na altura... acaba por ser uma espécie de papel, de papel num filme, dizem vai ser uma pessoa com este tipo de personalidade, isso vai ter que ser transmitido através de um discurso também, um actor...

E portanto, essa componente quando se está atrás de um microfone e que não é visto é a única que salta cá para fora, portanto mais importância tem porque acaba por ser o único que nós recebemos, porque quando está na televisão vemos toda a sua atitude corporal também, na rádio isso não acontece é só voz e através da voz tem que transmitir isso tudo.

Quantas vezes eu acabo de conhecer uma pessoa que ouço há anos na rádio e pelo tipo de voz parece uma pessoa muito rigorosa e depois não é nada , mas construiu essa imagem vocal e isso é realmente uma coisa muito importante.

E quando é conseguido de acordo com aquilo que se quer, a pessoa é coerente tem uma personalidade vocal bem definida e consegue interpretar esse papel, mesmo que depois a voz não corresponde às pessoas.

Porque muitas vezes estar habituado a conhecer a voz, muitas vezes é exactamente como eu imaginava e outras vezes é completamente... não tem nada haver, esta voz não tem nada haver com a pessoa.

Está a ver o que é que a voz pode enganar.

A voz radiofónica mudou...

12. Acha que existe uma evolução clara?

Quer dizer eu não digo... Acho que é mais uma questão de moda, tal e qual como antigamente os automóveis vinham com um certo design e agora vêm com outro ou a arquitetura mudou, a opção da voz na rádio realmente mudou, nós às vezes até parodiamos... nós entre... com amigos meus que cantam, parodiamos a imitar as pessoas que falavam na rádio há uns anos atrás nos anos 50 e anos 60, eu ainda me lembro de uma época dos anos 60 em que a maneira de falar na rádio era... depois há uma escola, uma escola entre aspas, mas há àqueles jornalistas ou apenas as pessoas que falam nas rádios que realmente são referências e que depois os outros imitam aquela maneira de falar e acaba por haver uma época em que se fala daquela maneira, todos falam há moda do... e depois a certa altura vêm outros que falam doutra maneira e começam a criar os seus discípulos e portanto... nós ouvimos gravações dos anos 60 e agora, até e percebemos perfeitamente o estilo que era naquela altura, a maneira de viver na rádio e o que é hoje.

Eu estou a falar da rádio porque realmente é o sítio onde... porque aparece a imagem e temos outros factores que nos distraem.

A voz perde um bocado a importância, eu quando vejo uma apresentadora na televisão que tem uma voz muito feia consigo-me abstrair disso, volta e meia aparece assim uma voz, quer dizer a pessoa pode ter muitas outras qualidades, mas acho que para locução é importante a voz.

Pode ter uma voz muito bonita e não ter jeito para aquilo, também é verdade. Mas geralmente uma voz feia é sempre um handicap para... na rádio a Júlia Pinheiro....

- 13. Acha que existe uma real transfiguração do rádio jornalista quando vai a antena, consoante aquilo que lhe for pedido e tendo em consideração que um programa da manhã, da tarde ou da noite exigem conduções diferenciadas?**

É possível dentro... claro que vai muito da maneira de ser do locutor, mas se apresentar um programa, mas os programas em geral de manhã tem uma atitude por parte das pessoas que não tem nada haver com os programas depois da noite, mas sobretudo esses que são os que eu ouço mais, tem uma atitude vocal que se calhar até tem haver com terem estado a dormir há pouco tempo, mas há ali uma injeção de energia, é provocada e acaba por ser natural, o António Sala tem sempre aquele som do programa da manhã, com aquele tipo de... lembrei-me agora do António Sala, porque é uma das pessoas que ouço há muitos anos na rádio. Mas aquela maneira de falar dos programas da manhã não tem nada a ver com aqueles programas que a gente ouve à meia-noite ou à uma da manhã, é mais intimista.

Isso é natural, até porque nós mudamos ao longo do dia... quem está a ouvir rádio à noite tem um tipo de predisposição que não é igual ao da manhã. Por isso acho que a atitude vocal é aplicada ao tipo de sensação que a pessoa precisa naquela hora.

14. Os ouvintes de rádio são sensíveis ao timbre, ao tipo de voz do rádio jornalista?

Eu acho que na rádio as pessoas falam... um dos factores que leva a que se goste da voz, porque a voz consegue apaixonar até, não é? As vozes que gostamos somos capazes de estar a ouvir durante horas, a pessoa nem sabe quem é, mas a voz... e realmente acaba por ser criada uma imagem auditiva que nos gera uma aproximação, um pouco.

15. Isso tem haver com o facto de uma voz ser grave ou aguda?

Não tem só haver com isso, porque há vozes agudas que nos cativam e há vozes agudas que nos... quer dizer que nos causam repulsa e graves também, tem muito haver se a voz tem... se a voz tem um bocadinho de ar e com muito muco,

todas estas componentes é que definem depois se a voz é agradável ou é agreste, isso... há tantas cambiantes que depende também do gosto, há pessoas que gostam mais... e depois há vozes que agradam a toda a gente e às vezes que quase todos dizem que é um horror.

Mas como lhe digo, é claro que o gosto não é universal, embora tenha padrões que agradam a mais pessoas e outros padrões que desagradam, há pessoas que gostam da voz A ou B, e há pessoas que não gostam desta voz ou daquela, isto...

É claro que a minha primeira atenção vai para os cantores, mas claro que na rádio eu ouço uma ou outra voz bonita para se ouvir na rádio ou uma voz mais vulgar- vulgar para a rádio se calhar num discurso político era fantástica, porque ia está outro sítio onde a voz é muito importante é no discurso político, porque são vozes que são ouvidas por muita gente, mesmo que se concorde ou não são vozes que estão expostas e essas vozes que estão aí, normalmente nas montras- montras porque nós ouvimos todos os dias, por exemplo o Presidente da República, ouve a voz do presidente do partido do A, do sindicato Y, são vozes muito importantes na medida em que muita gente as ouve e até por que isso também pode captar simpatias ou não.

Uma voz feia é sempre um factor de repulsa.

16. Como é que classifica uma voz feia?

Eu só lhe consigo dizer quando estou a ouvir, isso é uma questão subjectiva também, há vozes em que se perguntar a 10 pessoas o que acha desta voz e se calhar os 10 esta voz é muito bonita e há vozes que se perguntar a 10 pessoas o que é que acham, dizem esta voz é feia.

Porque é que há bocado me falou da Júlia Pinheiro? Realmente é uma voz muito metálica e não haver só com o ser agudo, é o tipo de timbre que tem aliado ao tom em que fala,

porque ela podia falar naquele tom, mas ter um som mais envolvente, isto depende das ressonâncias que ela usa, dos espaços. Fala assim desta maneira (imita a Júlia Pinheiro), o som fica muito esborrachado e é feio. Estas cambiantes vocais podem ser trabalhadas é preciso é que a pessoa tenha paciência para isso e depois se identifique, porque a voz tem haver com a nossa identidade.

Eu vejo muitas pessoas que me aparecem para cantar e falam de uma certa maneira quando cantam... o canto funciona um bocadinho, muito como uma lupa sobre a voz falada, portanto os defeitos que tem a voz falada acabam por depois no canto de ter um fenómeno de ampliação e portanto, tudo aquilo que está errado na voz fica automaticamente ao cantar fica patente, muito mais.

Esse tipo de problemas que a pessoa que tem o aparelho vocal utiliza de uma certa maneira quando vai cantar expõem-se muito mais e nota-se muito mais.

Por isso, o dizer que a voz é feia é resultante também como a pessoa utiliza todo o que faz a produção sonora, resulta daquela maneira, mas pode ser trabalhado, só que tem haver...

Quando há pessoas que me aparecem para começar a cantar e depois tem a voz de uma certa maneira, por exemplo a voz assim do género muito cultural e depois cultivam esse som, muito ligado a pessoas que são do cinema, à dança que tem uma certa maneira de falar.

Eu não sei se cultivam de propósito, mas sei que me aparecem nesta área uma série de pessoas que falam desta maneira, não sei o que é, mas às vezes por ser uma pessoa referência acabam por tentar imitá-lo, porque a voz vive muito também de imitação, quando se está muito... quando se canta ao lado de uma pessoa durante muito tempo a certa altura a sua voz começa-se a misturar com a dela, claro

que quanto mais parecida é mais isso acontece, mas mesmo sendo diferente.

É uma tendência natural, a não ser que uma pessoa cante daquela maneira...

Agora essa transformação vocal supõem também uma atitude mental muito aberta, porque é mais ou menos como a pessoa que emagrecer mas que continua a comer, quer dizer primeiro tem que ter a cabeça aberta, eu quero mudar a minha voz, não estou a gostar dela assim, eu quero fazer uma dieta e vou começar ontem.

Passa muito pela atitude mental, porque quando se começa a falar de uma outra maneira, eu lembro-me que quando comecei a ter aulas de canto quando o meu professor me pedia uma colocação desta ou de outra maneira, sem eu na altura saber, de repente eh pá este som que me está a sair não tem nada haver com o som que eu normalmente faço, estranho isto está a sair do meu corpo? Isto não é a minha voz habitual e pronto naquele exercício a minha voz ficava sempre assim e isto no início cria... mas o que é isto, isto não é a minha voz, do meu próprio corpo está a sair outra coisa que não tem nada haver ou8 não é aquilo que nós estamos habituados, é uma coisa um bocado, não vou dizer que é traumatizante, mas para algumas pessoas...

Eu tenho uma amiga que tem uma voz gravíssima e foi fazer um curso de canto e a professora trabalhou-lhe os agudos ela teve que ir para consulta de psicólogo, está a ver?

Porque a voz começou-lhe a sair mais aguda e ela perdeu muitos graves e ela tinha imenso gozo naquele tom grave e ela é declamadora e estava habituada a ter aquele som e vinha ter comigo a perguntar o que é que eu faço, esta voz não é a minha, eu não posso ter esta voz.

Portanto está a ver o que é a importância da identificação com a voz, é mais ou menos o nosso tesourinho.

17. Acredita que a voz ainda seja o factor determinante na selecção dos rádio jornalistas?

Eu não posso avaliar, mas creio que é concerteza um factor importante, isso na locução, obviamente, mas tem muito haver com a qualidade da dicção, o timbre em si pode ser bonito, mas é preciso outras coisas, a transmissão da mensagem quando não é muito bem dita, as pessoas não percebem o que se diz.

Eu estou-me a lembrar em sítios que são completamente... acho que há uma certa incúria na escolha em certos bingos, onde só se tem de dizer números, mas as pessoas que vão para ali falar... e não consigo perceber nada dos números que estão para ali a dizer, não se percebe nada e no entanto é uma situação em que a pessoa tem que dizer bem as coisas, mas diz é ridículo é só números... é só para ver o que é que de complicado, imagine o que é uma pessoa que consegue dizer números de uma forma imperceptível a dizer uma redacção? Não se percebe nada que língua é que está a falar?

Já ouvi, mas já não me lembro onde foi pessoas a dizer que não percebiam nada. Está a ver a importância que é a dicção.

O rádio jornalista é um actor da voz. No fundo ser imitador não é ser imitador é criar em si diversas facetas vocais mas que são suas, também se pode fazer é imitar outros, eu quando estou a fazer algumas maneiras diferentes estou-me a lembrar da maneira de A ou B falar, agora mesmo com a sua voz pode Ter várias atitudes, por exemplo quando saio de um ensaio com a voz muito colocadinha não estou a falar como falo consigo, mas sou eu na mesma , eu não estou a imitar ninguém estou a ser eu, mas nós temos várias facetas vocais.

Depende do nosso estado psíquico, depende se estamos de facto felizes ou eufóricos ou deprimidos, a voz...

A voz denuncia uma pessoa, é um traço quase sócio-económico, a região, o tom que uma pessoa dá à mesma vogal, claro que uma pessoa do Porto, não se tem dúvida pela menos da região de onde é, e a língua é mesma, mas a maneira de entoar.

Por exemplo no Algarve, o sotaque que tem, o tipo de discurso, a musicalidade do discurso é muito diferente, isto só falando aqui neste jardimzinho que é Portugal.

A gente vai por exemplo ao Brasil, vimos pelo tipo de discurso, mesmo que as palavras sejam as mesmas, o que isso condiciona, o que isso permite de diferente num discurso na mesma língua.

Anexo 16

Entrevista aplicada a Glória de Matos, professora de técnica vocal, 27 de Outubro, de 2004.

1. Qual a importância que atribuí à voz?

Eu atribuo uma importância fundamental, acho que a voz é uma arma que pode ser usada para o bem ou para o mal, é uma arma que muito pouca gente usa ou sabe usar. Há uma corrente norte-americana ou anglosaxónica, inglesa e norte-americana que já despertaram para este problema há muito mais tempo do que por exemplo a Europa e daí eles terem muito mais escritos, livros e muito mais coisas, teorias técnicas desenvolvidas à volta da voz, porque e daí eles começam, por exemplo em Inglaterra começa-se a treinar falar em público desde os primeiros anos da escola. No liceu é obrigatório todos os alunos tem de fazer as suas... em vez de fazer as suas... em vez de fazer trabalhos por escrito muitos desses trabalhos são apresentados oralmente para de facto ir habituando as pessoas a expressarem através da voz, sobretudo agora que vamos entrar na nova Era da Oralidade.

Nós tivemos se recuarmos aos primórdios das nossas civilizações temos a oralidade, onde as coisas eram passadas oralmente, depois começou a haver a escrita, as várias formas de escrita até ao máximo da escrita do século XIX e princípios deste século e de repente com a internet com os novos meios de comunicação, com os telemóveis com não sei o quê, passou-se para a oralidade.

Hoje ninguém escreve cartas por exemplo, telefona, manda e-mails, manda qualquer coisa mas não escreve cartas.

Portanto, há uma nova era a chegar e com essa nova aproximação há coisas muito importantes, exigências muito importantes as novas tecnologias vieram exigir que as pessoas falassem cada vez mais em menos tempo, que dissessem cada vez mais coisas interessantes em menos tempo. Se você tiver a televisão aqui na sua frente, dão-lhe um, minutos ou dois minutos para você dizer qualquer coisa de muito importante e de muito brilhante, enquanto antigamente você tinha... convidava alguém para fazer um discurso num... numa palestra, num seminário, numa coisa qualquer e não esperava que a pessoa falasse menos de 40, 50 minutos sobre uma coisa qualquer.

Eu ainda sou do tempo dos discursos de uma hora, portanto hoje em dia já ninguém aguenta mais de 20 minutos. Fazer um discurso de mais de 20 minutos a não ser que o assunto seja muito interessante eu acho um perigo.

2. **Qual a importância do tom de voz na compreensão do conteúdo das mensagens radiofónicas?**

A rádio tem uns requisitos especiais, porque como não entra a gestualidade, a expressão facial, nem nada corporal é apenas a voz, é muito mais apurada essa técnica de a mensagem ter de ser dita naquele registo especial, do que na oralidade para um público ou mesmo para a televisão.

È evidente que existe uma importância no tom de voz, e

quando se fala em tom de voz é preciso perceber que tom de voz não é uma voz bonita, nem feia. As pessoas têm muita tendência de pensar em tom de voz, logo numa voz muito melodiosa, muito cantada, muito musical. Mas não é nada disso que se trata, porque por vezes essas vozes muito musicais, muito melodiosas são vozes que trazem variadíssimos perigos para as pessoas que a usa, uma delas é o ouvinte ficar preso à melodia ou à musicalidade e não ouvir o que a pessoa diz, por exemplo.

Portanto as vozes têm que ser ajustadas exactamente àquilo que se diz e ao público a que se destina a mensagem e ao objectivo.

No fundo é o que é que eu vou dizer a quem e naturalmente que há um ajuste automático no nosso ser e depois como, em última análise.

3. Quais são os componentes da voz?

Isso nem sequer existe, a voz é composta por todo um ser humano, é um corpo, uma mente e uma voz. A voz é produzida pelo órgão, o aparelho fonador é um ... está dentro do nosso organismo como os rins ou o fígado, portanto não é indissociável, não se pode treinar uma voz sem se treinar um corpo. Se você tiver um corpo pouco ágil, um copo. . . você tem logo uma voz muito mais alquebrada, muito mais sentida, muito mais partida, isso está tudo em relação.

Por exemplo eu neste momento estou com uma voz muito quebrada, muito má cheia de coisas horríveis porque sofri há pouco tempo um trauma muito grande emocional, a minha voz ainda está ressentida desse trauma emocional.

Se eu tivesse agora que fazer um trabalho no teatro ou na rádio, ou na televisão eu teria que fazer rapidamente umas aulas de voz, assim vou deixar que o tempo a melhore, mas é muito importante não se pode dissociar a voz do corpo e

quando se dissocia sobreudo em rádio é um perigo enorme, porque há pessoas que conseguem isso.

Antigamente havia pessoas que treinavam os locutores para a rádio e treinavam-lhes uma voz, nós pudemos fazer isso, pode se fazer quase tudo o que se quiser com a voz de uma pessoa, se a pessoa quiser eu posso lhe por uma voz muito mais grave, uma voz mais aguda, muito mais... enfim, posso fazer muita coisa.

Mas o que nos interessa é um desenvolvimento total, da voz, da mente, do corpo portanto há uma globalidade é a pessoa toda que melhora na sua comunicação com o outro e não é só a voz, porque isso corria-se o risco de ficar com uma coisa terrível que os ingleses há muitos anos sabem o que é, porque eles tem muito essa tendência de ficar com uma voz sem corpo, isto é uma voz que não corresponde ao corpo, ao físico ao pensamento que a pessoa tem e antigamente havia por exemplo locutores de rádio que eu lembro-me de um que era extraordinário, tinha uma voz extraordinária das graves que são muito bonitas na rádio e ele tirava muito partido dessa voz e não sei o quê, um dia apareceu na televisão a apresentar um concurso morreu na noite em que apareceu... morreu... morreu como profissional da voz.

Porque ele estava a dizer uma coisa e nós a ver outra, isso não pode ser.

4. **Acha que se pode classificar uma voz?**

Isso pode, pode-se classificar e há as classificações para já dadas aos cantores e que se dividem em várias categorias, os tenores, os sopranos cada um tem o seu timbre mas que é mais pela tecitura da voz do que propriamente pela classificação que se possa dar à voz, eu não posso dizer que tenha uma voz grave, porque eu posso também ter uma voz relativamente aguda, portanto essa classificação é mais dada pela possibilidade que as pessoas têm ...

Por exemplo, uma soprano, uma mulher soprano, uma rapariga nova que canta soprano ela pode ir daqui a aqui, mas mais do que isso já não vai com a mesma qualidade, ela fica em soprano e desenvolve aquele tom, não é que ela não tenha os outros.

5. É possível que o tom de voz do rádio jornalista desencadeie uma série de sensações como mais ou menos credibilidade, transmitir segurança, seriedade, e por outro lado, causar sensações de frieza, desconfiança ou até infantilidade?

Absolutamente. Olhe eu ouço muito rádio, ouço normalmente um posto que não lhe vou dizer qual é, mas onde há quase só homens e eu percebo perfeitamente e porque se percebe perfeitamente. Uma pessoa que está habituada. . . o meu marido fez muitos, juiutos anos rádio, gostava imenso de rádio e aqui há uns anos teve um programa na Rádio Renascença, ele director de programas e fazia o programa à tarde e eu costumava dizer que se quisesse saber se ele almoçou bem, se está a fazer uma digestão vou ouvir, que a voz dele dizia-me isso, se estava bem-disposto, se estava mal-disposto, se estava cansado, se estava. . . enfim tudo.

Conhecer e ouvi bem, porque a tal escuta é muito importante. Há duas coisas que são muito importantes para falar bem, escutar e ouvir, saber ouvir, portanto ouvir é mais comum, saber ouvir e saber ver, saber olhar. Ver e olhar, ouvir, escutar. Estes binómios são muito importantes para quem fala, para quem quer usar a voz bem. E passam sempre para os ouvintes e mesmo que não passem directamente, passam subliminarmente. A pessoa tem que estar interessada a ouvir, se não está interessada a ouvir, ouve uma. . . não ouve nada.

Mas se a pessoa está a ouvir como deve ser, sente perfeitamente e emuitas vezes passa subliminarmente, nem sequer passa directamente.

6. Considera que o rádio jornalista pode transformar a sua voz ao longo da carreira?

Pode aperfeiçoar e eles aperfeiçoam ao longo da carreira e de acordo até com as suas personalidades eu por exemplo estou-me a lembrar de um que começou por ser para mim, uma pessoa normal e depois quis um ar de muito intelectual e arranjou um tom de muita intelectualidade, então faz umas pausas, umas coisa e tal. . . e dá!

Até que ponto as nossas vivências e o processo de socialização determinam o tom e o tipo de voz que temos?

Determinam completamente. Olhe, por exemplo é o espelho da nossa vida, exactamente, depois pode ser treinada, mas em princípio. . . às vezes nos meus cursos aparece uma pessoa a falar muito alto e eu pergunto-lhe você é de Lisboa ou da província? Viveu numa casa grande, cresceu numa casa muito grande? E eles dizem mas como é que sabe? Pelo tom da sua voz, as pessoas que cresceram em casas grandes, em famílias grandes e enormalmente da provincia falam muito mais para lá do que as outras que vivem em casa pequeninas, onde não se pode fazer barulho porque se ouve logo na casa de cima. Por exemplo, isto é apenas um exemplo e depois há muitas outras coisas. Até a cultura em que nós somos criados, a alimentação tem imensa influência.

7. Considera que existe uma atitude vocal ou até uma assinatura vocal?

Acho que sim, acho que sim. Não todos, alguns são mais dotados que outros, mas para fazer isso é preciso ter uma grande consciência do seu próprio corpo, da sua própria voz e uma personalidade muito firme, muito afirmada, isso tem haver com a afirmação da personalidade.

8. E a construção de personagens? Acha que actualmente

existe uma criação de personagens por parte dos jornalistas de rádio?

Não, agora existe uma criação de parvoíces. A maioria das pessoas têm uma atitude errada em relação ao público que as escuta, não é só na Rádio é também no Teatro, é na Televisão.

Por exemplo a pessoa quer ser muito coloquial e então começa a falar assim, tanto faz que as pessoas os percebam ou não, estão-se nas tintas para o público; eu é que sou. . . Isto é uma pura parvoíce, pura má educação para com o público, porque da duas uma você fala para o público ou não fala. Se fala para alguém é para ser ouvida, é mesmo que aqueles que só sabem falar muito depressa, muito depressa porque são muito rápidos e podem falar muito depressa. É uma pura estupidez!

Porque as pessoas têm um tempo de audição e enem toda a gente têm o mesmo tempo. Os jovens têm um tempo muito mais rápido que as pessoas de idade, e se ele quiser ser ouvido por toda a gente tem que falar para ao mesmo tempo que as pessoas para quem fala, é uma estupidez!

A língua portuguesa que está a ser completamente espezinhada, vamos voltar. . . isto tudo vai voltar para trás , isto tudo vai voltar. Porque as pessoas já viram, porque isso dá. . . o que é que nós temos nas nossas universidades? Burros! Que não sabe escrever, que não sabe ler, que falar com o canudo universitário! É a nossa vergonha, é a vergonha das nossas universidades! É a vergonha do nosso ensino e tudo isso vai ter que dar uma volta! E tudo isso tem que ver com essas novas maneiras de falar, que você destas novas maneiras de falar você vê pessoas inteligentes que continuam a cultivar a voz.

Quando você diz voz dourada, é preciso fazer uma distinção, porque há umas vozes que eram empoladas artificialmente e tudo isto estava nesta coisa passou!

Isso é uma época completamente, não se pode nem ouvir, já eram!

Mas é uma pessoa a falar bem português, a sua língua, não é espezinhá-la a dizer coisas inacreditáveis, a dizer. . .

Eu um dia destes vi na televisão uma senhora, que faz concursos na televisão, dizem que faz concursos, pelo menos ela estava ali na televisão, então o homem que estava ali para jogar dizia não sei se hei-de jogar ou não. "Nã jogar, nã jogar? Você tá aui pa quê?"

Isto, eu na hora em que eu ouvi, se eu pudesse agarrava no telefone e despedia-a, ana hora. Uma pessoa que diz isto, é uma pessoa que não têm o mínimo de respeito para com as pessoas que fala, para com a sua língua, pelo seu país, pelos os seus concidadãos, não tem sequer um conceito de cidadania e é preciso que também na expressão oral, na voz aja o conceito de cidadania que é o que nos faz levar a apensar muito maduramente o que é que eu vou dizer, para quem. Se eu vou falar para velinhos num lar de idosos tenho que falar muito mais alto, muito mais espaçado e muito mais explicado e isto é no tom, porque depois há a linguagem, há a adequação da linguagem.

9. Acha que existe uma real transfuguração do rádio jornalista quando vai a Antena, consoante aquilo que lhe for pedido e tendo em consideração que um programa de amanhã, da tarde ou da noite exigem conduções diferenciadas?

Eu não sei muito bem o que é a postura de uma pessoa diferente que fala de manhã e fala à tarde. Essa coisa que de manhã se tem de falar aos gritos para acordar e à tarde tem de se falar com uma voz muito sonolenta para adormecer as pessoas, eu em princípio acho mal, a não ser que aja uma forte razão para fazer isso, não me parece nada profissional essa atitude.

10. **Em relação à formalidade. Existe quase uma confusão em quase falar com uma postura mais descontraída com o falar incorrectamente uma língua, é isso?**

Olhe eu acho que a rádio nesse aspecto é mais difícil que a televisão, porque na televisão há toda a expressão que ajuda a voz e portanto, não se precisa de fazer tanto esforço, mas o que eu diria é que nessa mudança de atitude está muito mais a adequação de linguagem que propriamente a adequação de voz. A voz... é evidente que se você for fazer um programa animado está com uma voz animada, pode eventualmente rir do que se for fazer um programa fúnebre ou de uma orquestra sinfónica naturalmente isso é descabido, mas é a linguagem mais do que as tonalidades que é importante.

11. **Acha que os ouvintes de rádio são sensíveis ao tom de voz do profissional que lhes dá as notícias e que anima os programas?**

São, são sensíveis ao tom de voz do profissional e antigamente quando não havia televisão havia até grandes paixões das meninas pelos locutores de rádio, porque imaginavam uma pessoa atrás daquela voz e quando a pessoa aparecia não correspondia. Não, sim as pessoas são muito sensíveis e por isso mesmo a publicidade na Rádio é um bom meio de se publicitar um produto. Algumas um bocadinho irritantes, eu algumas... fazem-me levantar para ir desligar o rádio.

12. **Acha que os ouvintes de Rádio desligam ou mudam de estação quando a voz ou/e a postura do rádio jornalista/animador não lhes agrada?**

Desligam e mudam de estação muitas vezes e na televisão o zapping é uma coisa tremenda, porque não aturam isto, não gostam disto, não gostam daquilo. É interessante depois ir observar porque é que não gostaram de determinado

programa, muitas vezes. . . Ainda há bocado a minha empregada, ela disse "Ai minha senhora desligue-me isso!" Mas porquê? "Essa voz, não posso irrita-me está sempre aos gritos, sempre aos gritos!!"

É claro que é verdade, tem toda a razão!

13. Acha que a voz ainda seja o factor determinante na selecção dos rádio jornalistas?

No jornalista e não só, é completamente. Então de rádio é completamente, mas como na rádio as pessoas que seleccionam também são muito ignorantes passa muita coisa por aí.

Se o crivo fosse muito apertado, fosse realmente muito profissional não tínhamos locutores gagos, e temos locutores gagos, temos jornalistas que lêem notícias que são gagos! Não é possível, mas é uma das nossas criatividade!

A rádio é voz, é som, é ruído, é música, é palavra se não for isso o que é que fica? Não sei, mas sei que de facto muitos directores de informação deixam passar. Porque eles já não atribuem essa importância

Há muita falta de profissionalismo em todos os meios da nossa sociedade, não é só na Rádio não é só na Televisão, no Teatro. Há em todo o lado, há uma carência imensa de gente séria, gente verdadeiramente profissional.

E as pessoas desligam como é evidente.

14. A voz já não é importante porque já não chama pessoas, já não capta audiências?

Pois é, se calhar lembram-se que ainda fazem com essa tal voz muito carregada, é evidente que uma voz dessas hoje em dia já não têm cabimento. Mas eu não tou a afalar disso, eu estou a falar de uma voz que é bem usada, num português correcto. . . eu estou a falar disso, a aquelas vozes. Havia vozes lindíssimas antigamente, mas o que é engraçado, havia

vozes lindíssimas: o Dom João da Câmara tera um homem que tinha uma voz protentosa, o Pedro Mouitinho que tinha uma voz extraordinária, havia o meu marido que tinha uma voz extraordinária.

Depois havi o Artur Agostinho que não tinha nada boa voz e que era um grande comunicador, mas o Artur Agostinho teve um veículo para se lançar que era o futebol. E o futebol é uma área que permite essas coisas. Agora de todos esses que lhe falei, tirando o Dom João da Câmara, nenhum deles tinha aquela voz, pelo contrário.

Tinham vozes óptimas, conversavam com as pessoas através do microfone e conversam.

15. Os jornalistas procuram cursos e aulas de técnica vocal?

Eu dei durante 12 anos aulas no Centro de Formação da RTP, depois dei durante dois ou três anos formação a locutores da Renascença, entretanto de vez em quando fui a Cabo Verde duas vezes também dei a locutores de Rádio e de vez aparecem-me uns ou outros, alguns sozinhos muito aflitos, outros em grupo e sempre tive muita gente da comunicação, mas não é a maioria., A maioria das pessoas que eu tenho nos cursos, se nós fomos ver, eu poderia até fazer esses estudo e até seria interessante. Mas são advogados, professores de todas as áreas, médicos, sociólogos e alguns psiquitras e enfim, gente de toda a ordem.

Eu diria que estes são os que mais depressa vêm aos cursos. Até porque muitos deles têm que ir ao estrangeiro e têm que se compara com os seus pares lá foras que estão muito acordados para estas coisas. Portanto têm que fazer este trabalho.

E muitos deles não têm nada na voz propriamente, têm um pânico de falar em público, têm vozes recuadíssimas, todas lá dentro que não são capazes de vir cá para fora, porque o medo não deixa.

16. **Existe a seu ver algum tipo de evolução/mudança na utilização da voz na/e pelo meio rádio?**

Há. Há para pior. Há essa, mas é das tais coisas. Essa coisa extraordinária de lerem um texto e fazerem que se enganam, ou fingir que não sei quê, ou essa história da gaguez, ou de pessoas que se armam em intelectuais, ou em engraçados, tudo isso é muito pouco profissional.

Anexos E

Grelhas de análise das entrevistas

Anexo 17 - Grelha de Análise das Entrevistas realizadas aos directores de informação

Factores de análise da entrevista - José Fragoso¹⁴

EI¹⁵ - "A TSF é o único formato em Portugal nesta temática da informação(...)". "(...)é a rádio de referência em Portugal na área da informação(...)".

PSV - "Nós à partida não seleccionamos vozes seleccionamos jornalistas". "Depende de dois factores:se houver uma vaga ou eu

¹⁴Esta entrevista foi realizada com o primeiro guião elaborado para os directores de informação e que depois foi modificado pelo grupo de trabalho da cadeira semestral de Técnicas de Rádio, do 4º ano da licenciatura de Comunicação Social, de qualquer forma, analisamos a entrevista de José Fragoso nesta mesma grelha, por acharmos que existe um fio condutor na mesma que nos leva a poder tirar conclusões comparáveis com as três entrevistas posteriores. Assim seleccionaremos os trechos da entrevista deste director de informação que melhor se encaixem nesta grelha de análise.

¹⁵ Legenda dos Factores de análise da entrevista: **Espaço dedicado à informação; Processo de selecção de vozes; Tipos de vozes para os prime-times; Género de voz privilegiado para o prime-time; Tipo de voz para a edição; Transmissão de sensações como credibilidade, segurança, infantilidade e/ou ingenuidade, consoante o seu tom de voz; Voz eleita; Visão da preferência dos ouvintes em relação ao tom de voz.**

sentir que há uma necessidade de ter um jornalista com determinado perfil(...)."(...)em princípio fazem logo testes de voz(...) quem tiver voz.

TVPT - "Há uma preferência no sentido de os horários da manhã e da tarde deverem ser feitos por jornalistas mais completos(...)e entendamos que a sua voz é um dos elementos que fazem um jornalista mais completo. Um jornalista que tenha uma boa voz, (...)

GV - "(...) não há nenhuma indicação específica para um determinado noticiário, se deve ser conduzido por uma mulher ou por um homem. Não há". "Não, o público acredita ou não no órgão de comunicação social".

TVE - "A questão das vozes mais ou menos adequadas para a informação, é uma questão que hoje em dia não se coloca. Ninguém diz ou pensa, que tem de ir aqui ou ali à procura de uma voz para fazer isto ou aquilo. Na informação não".

TS - "Eu pessoalmente não acredito que se faça essa distinção". "de qualquer forma não me parece que seja um factor determinante, se fosse haveria estudos realizados nessa matéria".

VE - "Acho que o Francisco Senna Santos da Antena 1 é um bom jornalista, com uma voz característica, mas não é uma daquelas vozes de rádio. O Fernando Alves tem uma belíssima voz e está aqui na TSF. Ma há outros, O Adelino Gomes também tem uma boa voz".

VPO - "As pessoas ouvem um noticiário porque acham que o jornalista ou até a rádio é credível. Isto independentemente de ser uma voz masculina ou feminina".

Factores de análise da entrevista - Francisco Sarsfield Ca-

bral

EI - "Concordo". "Na Renascença começámos uma nova grelha há 15 dias, com pequenas diferenças. Mas acho que o espaço é bom, porque neste momento temos muitos noticiários. De hora a hora, geralmente de 7 minutos; e temos mais intervenção.

PSV - "Existe um processo de selecção, mas um pouco empírico: há pessoas que nós sabemos que não devem ir a antena, porque não têm uma voz agradável, perceptível; e há outras pessoas que achamos que devem ir muitas vezes porque têm uma boa voz.

TVPT - "Há, nós queremos que sejam vozes vozes boas, perceptíveis e agradáveis. Temos vozes masculinas e femininas".

GV - "Das 7 às 10 é o Arsénio Reis, e das 16 às 20 h 'o José Fragão, que neste momento está fora e a Ana Paula Santos está a editar. A voz dela é mais grave que aguda".

TVE- "Eu também concordo que as vozes agudas às vezes são menos agradáveis do que as vozes graves". "Há outros factores importantes para nos levar a escolher um editor, porque nós não temos locutores papagaios(liam os jornais).

TS - "É capaz". "(...) a credibilidade depende muito da voz, e a voz grave certamente ajuda a obter essa credibilidade". "Na rádio é importante ter uma boa voz. Há aqui jornalistas que são bons jornalistas mas que não têm uma boa voz, têm uma dicção má".

VE - "Henrique Garcia, que já foi da rádio, o Sena Santos, que não tem uma voz muito boa, mas que é um excelente jornalista(...)." "O Francisco Mourão Ferreira, que dá notícias na RFM

à noite".

VPO - "Não sei(...)mas percebo que as pessoas se afeiçoem a uma voz A rádio é mais próxima". "(...)a rádio é quente, é companhia. E portanto a voz é importante".

Factores de análise da entrevista - Luís Marinho

EI - "(...) a chave que talvez a Antena 1 enquanto rádio de serviço público tivesse pouco espaço para a informação, hoje penso que temos o espaço suficiente".

PSV- "(...)devia haver um processo mais fechado, portanto uma selecção mais rigorosa(...)". "A emissão da Antena 1 portanto é uma filosofia de uma emissão mais dinâmica, mais corrida com vozes mais presente, portanto e isso nós tínhamos na Antena 3 (...)"

TVPT - "Portanto nem demasiadamente grave, nem demasiadamente aguda, sendo uma voz coloquial, portanto uma voz se for simpática melhor ainda, não pode ser uma voz muito dura, muito abrupta que afaste as pessoas é um pouco por aí que vamos(...)"

GV - "Os principais editores do período 7-10 horas são homens portanto, o Senna Santos e o Zé Guerreiro das 17 às 20 horas edita o Sérgio Alexandre e uma senhora que se chama Rosário Lira".

TVE - "(...) é uma voz que dá credibilidade e seriedade q.b., mas também não é uma voz distante(...)". "Não. Uma voz aguda em rádio acho um bocado complicado(...)".

TS - "(...)quer dizer nós não estamos a ver que este registo é melhor para internacional ou para sociedade ou melhor para política(...)". "A tendência é para isso. Sim, nos animadores clara-

mente". "(...)excelente voz de rádio.

VE - "A Maria Flôr Pedroso". (...)é uma voz absolutamente for a de série e for a de normal, é uma voz de facto mais grave que o normal e depois é uma voz que não é sussurante, uma voz sensacional, pronto, mas muito típica.

VPO - "(...)aceito que os ouvintes prefiram vozes masculinas e graves, isso aceito que seja um pouco isso, claramente é isso".

Factores de análise da entrevista - José Mendes

EI - "Eu gostava de ter mais, não tenho, mas também não me queixo, acho que estou no bom caminho". "Mas o tipo de espaço que temos tem muito haver com a atitude de estar em antena e esse é o nosso segredo".

PSV - "Esse é o lado mais complicado e é o lado mais difícil(...)". "(...)geralmente porque na maioria das rádios eu acho que falta de facto esse lado da selecção, é um lado muito complexo, é aquele que mais me desagrada, é aquele que me dá mais trabalho (...)

TVPT - "Não, e foi isso que eu vos queria dizer logo de início". "Há vozes que dão credibilidade, que dão segurança, que dão conforto(...)". "(...)o segredo está em ir chamando a atenção das pessoas, nós não podemos estar com alguém e ter um discurso monocórdico (...)

GV - "Entre as 7h e as 10 h no Rádio Clube Português a voz principal é o Jorge Moreira, lá está é uma voz masculina grave(...)". "Depois tinha a Marinela Malveiro que estava a fazer as meias horas no Rádio Clube Português(...)".

TVE - "(...)e a Marinela tem uma voz doce, é uma voz fe-

minina, não é grave mas também não é aguda, é uma voz doce". "depois obviamente que tenho cuidado em procurar boas vozes não é, sendo importante não é o fundamental". "O fundamental(...)

TS - "Tanto faz se a voz seja mais grave ou mais aguda, basta só que as pessoas consigam dar essas nuances e chamar atenção dessa maneira, é óbvio que há vozes que são credivéis, que dão conforto, que dão credibilidade, dão segurança".

Anexo 18 - Grelha de Análise das entrevistas realizadas aos animadores

Factores de análise da entrevista - Miguel Fernandes

PSV¹⁶ - "(...)se tiver assim uma escala de importância com alguns itens principais a voz ocupava o primeiro ou segundo lugar(...)". "Na TSF eu acho que a voz ocupa um lugar importante, mas tem que se reunir um outro conjunto de características também, isto porque é uma rádio específica(...)".

TVPP-T - "(...)com a voz que têm criar uma empatia com quem ouve(...)". "Até porque a rádio só tem o som, não é? É importante, portanto quem tem uma boa voz, em princípio já uma vantagem, mas a voz não é tudo(...)".

VCMIPDP - "Acho que hoje em dia não, é capaz de ser a nível de algumas rádios, imagino que na RFM eles escolhem muito

¹⁶Legenda dos Factores de análise da entrevista: **Processo de selecção de vozes; Tipos de vozes para os prime-times; A voz como característica mais importante para o desempenho da profissão; Influência do tom de voz na compreensão dos conteúdos; Tipo de tom mais indicado; Transmissão de sensações como credibilidade, segurança, infantilidade e/ou ingenuidade, consoante o seu tom de voz; Improviso; acesso à profissão levando em conta o critério da voz; Evolução da utilização da voz na rádio (contexto nacional); Experiência profissional e Outros critérios.**

mais, as pessoas têm de ter uma voz bonita, por exemplo, acho que na TSF já um bocadinho diferente(...). "E portanto o jornalista tem uma outra coisa muito mais importante que é outro tipo de qualidades". "Mesmo a nível do entretenimento".

ITVCC - "Eu acho que toda a gente fica atraída por uma voz bonita, ou pelo menos toda a gente sente algum incómodo com vozes que são irritantes ou que são, não é?".

TTMI - "Normalmente em rádio as vozes bonitas são graves, não é ?mas dentro das vozes graves, tanto nos homens como nas mulheres, acho eu, pelo menos é a experiência que eu tenho em rádio, e que vejque toda a gente normalmente gosta. São as vozes que criam mais empatia com as pessoas que as pessoas gostam mais não é? As vozes aguda, as pessoas normalmente, por um lado não criam essa empatia e por outro lado, não. Não, nem sequer dão tanta credibilidade".

TS - "Acho que sim. Mesmo na parte do entretenimento". "Por exemplo, um homem ou uma mulher que tenham uma voz quase de criança a falar não sei do quê de uma notícia com. . . quase com o carimbo da TSF não tem o mesmo tipo de credibilidade que tem(...)". "(...)antes acho que há pessoas que apesar de não ter esse tipo de características conseguem mesmo assim fazer passar esse tipo de características, agora acho que normalmente uma voz grave passa muito facilmente credibilidade, esse tipo de coisas que disse ainda agora(...)".

EP - "Não no departamento de informação, não". "Portanto eu não faço parte do departamento da informação". "(...)só de animação, agora aqui um animador pertence a uma equipa que tem os jornalistas, nós temos reuniões, ainda agora tivemos uma reunião que prepara o dia de amanhã e eu de manhã além de fazer animação, mas isso é uma coisa da TSF que é uma rádio de notí-

cias(...)".

OC - "(...)desde a cultura da pessoa(...)". "(...)enquanto os outros tem de escolher apenas músicas, nós aqui de repente caí um directo ou caí uma coisa qualquer ou não sei o quê e temos de saber lidar com aquilo(...)". "(...)a espontaneidade no ar(...)". "(...)a dicção(...)".

Factores de análise da entrevista – Isabel Pinto

PSV - "(...)ao nível do grupo Renascença, faz neste momento uma selecção bastante criteriosa não só baseada na voz(...)". "(...)o editor da notícia, o pivot da informação tem que ser um pouco coma na televisão, ou seja, a voz dele tem de me transmitir confiança total(...)".

TVPP-T - "(...)optou por ter ao nível do entretenimento duas vozes sempre no prime-time, uma voz feminina e uma voz masculina e sobretudo ninguém quer acordar de manhã de forma mal disposta(...)".

VCMIPDP - "(...)optou por ter ao nível do entretenimento duas vozes sempre no prime-time, uma voz feminina e uma voz masculina e sobretudo ninguém quer acordar de manhã de forma mal disposta(...)".

VCMIPDP - "Não cada vez menos". "(...)e daí que existem professores de voz, colocação de voz, existem aulas de dicção, portanto, não me parece que à partida eu vá recusar uma pessoa mesmo um jornalista, mesmo no entretenimento, não por causa da voz".

ITVCC - "Ainda assim tem. O que me parece é que a pessoa não vai desligar se ouvir uma voz repentinamente que ele considere má". "A voz para transmitir um conteúdo é extremamente

importante, eu contínuo a achar que há uma voz para a noite, uma voz para a tarde e para a manhã(. . .)".

TTMI - "Mas eu contínuo a achar isso mesmo que seja uma voz grave se não me passar uma sensação de que está a comunicar comigo, também pode ir dar uma volta aquela estação de rádio, que eu não vou ouvir , isto falo eu como ouvinte(. . .)".

TS - "Concordo. A voz aguda, a voz que chega a tocar a estridência, que se ouve como se fosse uma voz estridente passa uma imagem de imaturidade e até de uma certa histeria". "(. . .)portanto pode ser uma voz grave, pode transmitir segurança". "Voz feminina grave então passa uma sensação de quase maternidade, é uma coisa protectora".

I - "(. . .)o improvisado(. . .)pode ser verdadeiro , real(. . .)". "Pode ser trabalhado, pode ser ainda produzido ou antecipado, gravado, colocado lá(. . .)".

APLCCV - "Eu penso que sim. E houve uma fase em que digamos que a rádio era acessível apenas aquelas vozes, ponto final". "(. . .)mas de facto existe uma maior democratização, digamos dos critérios".

EUVR - "A cultura radiofónica portuguesa baseou-se durante muitos anos justamente no locutor, era da colocação de voz mesmo(. . .)". "(. . .)escola que dizia que precisávamos de muletas e então surgiam muitas palavras como "naturalmente", "normalmente", "justamente"(...) Tudo o que fosse advérbio ficava muito bem pôr ali, para fazer figura". "a escola norte-americana que é a escola da comunicabilidade (...) tão-se pouco borrifando para as vozes, mas completamente. A única coisa que ouço nestas rádios é muita energia, a voz ligada ao jingle, ao separador, à música. . . tudo altamente enérgico, raramente a voz em seco(. . .)". "O panorama nacional está cada vez mais virado para o sistema, ou diria quase

norte-americano, que é comunicar". "As vozes que existem neste momento são personagens, ou seja, não se destacam pela voz ". "(...)mais uma vez não se pode falar em grandes vozes, mas sim em grandes personalidades".

EP - "Já desempenhei (*funções na área da informação*), não na rádio Renascença, mas ao longo da minha carreira". "Porque eu tive essa oportunidade, também ao nível de uma formação que as pessoas tinham mais geral. Ou seja, o profissional tinha de saber fazer tudo(...)".

OC - "(...)mas tendo em conta que cada vez mais o locutor deixa de os er, para ser um comunicador". "(...)importa ter uma cultura geral bastante boa acima do razoável e importa sobretudo ter uma noção muito grande do que se passa à sua volta, porque está a comunicar". "Antes de mais um pivot de antena tem de ser capaz de se transformar entre aspás, quase num editor de notícias(...)".

Factores de análise da entrevista - Pedro Ribeiro

PSV - "(...)é evidente que tendo em conta o meio que é e tendo em conta que a voz é o veículo desse meio, é natural que as rádios prestem muita atenção a isso(...)".

TVPP-T - "Sinceramente não, acho que não. Acho que não é timbre da voz, o tom de voz, o tipo de voz que determina se fazes bem ou não programas de prime-time, sobretudo nos prime-time acho que vale mais a capacidade de comunicação do que propriamente a voz".

VCMIPDP - "Não, não acho que não. É como te digo a voz é naturalmente importante porque é através dela que chegamos às pessoas na rádio, mas...e é um critério importante, mas há outras

coisas importantes além da voz".

ITVCC - "O tom de voz claro que acaba por ter, não é?". "Se a voz estiver muito for a de tom, se for uma voz estridente, por exemplo acaba por ser ruído e distraí-te da mensagem(...)". "tem que ser uma voz agradável, obviamente, tem de ser compreensível".

TTMI - "(...) porque há pessoas para quem algumas vozes são muito agradáveis e essas mesmas vozes são insuportáveis para outras, isso é muito subjectivo". "(...) acho é que há muitas vozes muito parecidas na rádio, porque isti também é uma questão de modas(...). Houve uma altura que era a voz tipo canhão, a voz poderosa, a voz tipo Augusto Seabra, Miguel Quintão(...)". "(...) e depois já tinha havido uma altura que era a voz tipo Oceano Pacífico, João Chaves(...)".

TS - "Completamente. Tu fazes um retracto da pessoa através daquilo que a pessoa te diz, a maneira como ela te diz. E no caso da informação então isso é importante(...)". "Mas também não pode distrais ao contrário ou seja, também não pode ser uma voz que por si só seja de tal maneira envolvente, e de tal maneira fantástica que tu te distrais daquilo que ela te está a dizer. Tem de haver aí um meio termo(...)". "E esse retracto que ela faz da ingenuidade que às vezes se nota nas vozes, na credibilidade e de outras, na experiência até da pessoa, a pessoa está nervosa ou não, isso nota-se tudo na voz". "a animação é diferente porque o que está em causa é a capacidade de tu comunicares de intergaires com as pessoas, a capacidade de não seres banal aos ouvidos das pessoas, não seres indiferente de as fazeres reagir e portanto ai vale muito mais a capacidade ou não que tens de comunicar, de fazeres passar sensações mais do que na informação(...)".

APLCCV - "(...) a voz é o veículo desse meio, é natural que as rádios prestem muita atenção a isso, mas acho que antigamente

era mais, ou se calhar não era mais, mas era num sentido diferente, antigamente era preciso ter a aquela voz colocada, voz de rádio(...)".

EUVR - "Até porque já não existe uma figura que existia antes na rádio que é as pessoas que só liam, as pessoas que estavam na rádio só por causa da voz magnífica que tinham, não faziam nada só liam, não escreviam, as coisas que diziam eram os locutores". "(...) era só debitado e essa figura não existe hoje em dia, toda a gente que vai ao microfone escreve, trabalha, produz coisas que apresenta".

EP - "Eu fiz informação durante muitos anos". "(...) fiz muitos de informação e quando passei para a animação(...)".

OC - "Há dicção, há comunicação, no caso do jornalismo como se escreve, ou seja, não é só a voz, não pode ser só a voz".

Anexo 19 - Grelha de Análise das entrevistas realizadas aos professores de técnica vocal

Factores de análise da entrevista - Jorge Alves

Importância atribuída - "É um factor primordial na comunicação (...) permite utilizar uma linguagem que é o factor principal na comunicação".

Componentes da voz - "(...)o que faz com que a gente ouça uma pessoa a falar é o timbre que essa pessoa tem. Como já deve ter reparado é possível reconhecer a pessoa(...)" "(...)tem haver naturalmente com a fisiologia de cada uma das pessoas, com as cordas vocais, mas pelo com o mimetismo, (...) nos primeiros tempos da nossa vida quem ouvimos a falar normalmente é o nosso pai ou a nossa mãe, isso também nos condiciona bastante a maneira

de entoar, de falar”.

Classificação vocal - “(...)pelo seu timbre e pela sua extensão, mas sobretudo pelo seu timbre é a tal característica que permite... é como se fosse a personalidade da voz(...)”. “(...)as vozes masculinas têm três definições básicas: o baixo, o barítono e o tenor e nas vozes femininas: o contralto, o mesosoprano e o soprano”.

Influência do tom de voz na compreensão dos conteúdos - “(...)aliás é essa mais ou menos a tendência que têm havido de há uns anos a esta parte as vozes mais graves funcionam muito bem na Rádio, pelos tipos de harmónicos que tem(...)”.

“(...)agora em termos de comunicação, de recepção o que é interessante é a maneira como a pessoa fala, não utilizar sempre a mesma região (...), ter alguns cambiantes em termos de discurso, (...) ter arranques e paragens, não ser sempre igual e tudo sempre no mesmo tom(...)”.

Transformação/construção da voz por parte do profissional - “Sim, isso podem, para além disso a maneira de discursar há também um certo tipo de emissão vocal, até porque a nossa voz transmite toda uma emoção e um estado de espírito(...) portanto acaba por ser uma coisa muito íntima e que nos expõe bastante(...)”

“(...)a voz leva-nos a criar metamorfoses sonoras que transmitem certo tipo de emoções que são muito importantes no discurso”. “A voz é sempre trabalhada. A origem do som no ser humano são as cordas vocais,(...) além disso há uma série (...)de aparelhos no nosso corpo que ajudam a amplificar a voz, a construir o seu timbre, o tamanho da boca, o peito, várias coisas na cabeça, o nariz, tudo que está na língua, os lábios. A voz trabalha-se conjugando todos estes elementos no equilíbrio que permita o máximo de rentabilidade com o mínimo de esforço”.

Transmissão de sensações como credibilidade, segurança,

infantilidade e/ou ingenuidade, consoante o seu tom de voz - “(...)às vezes o facto de dizer as coisas de uma certa forma por muito insegura que esteja quem está a ouvir acaba por receber essa mensagem e dizer de facto o que está a dizer. A pessoa está tão convicta e adopta um tom convencido daquilo que está a dizer que consegue cativar ou convencer”. “(...)todas as componentes quer a maneira como se discursa, o tom pode falar mais grave ou mais agudo se tiver mais exaltado e todas essas cambiantes se forem bem conjugadas e bem direccionadas ajudam a atingir aquilo que se quer”. “(...)Quando nós adoptamos um tom mais grave estamos sempre a dar uma maior tranquilidade e a transmitir talvez uma situação de maior sobriedade àquilo que estamos a dizer”.

Peso da socialização e vivências no tom/tipo de voz - “(...)há certas pessoas de certas camadas sociais que adoptam uma maneira de falar e uma colocação própria, e quando digo camadas sociais não quero dizer mais ricos ou mais pobres, mas por zonas, por tipo de profissão”. “(...)no trabalho e repara que a sua atitude vocal é diferente, a maneira como falam com as pessoas no trabalho, quer com o cargo que desempenham, o tom é diferente, muitas vezes a nossa atitude ao telefone é diferente da nossa atitude de Quando estamos a falar com alguém directamente”.

Atitude vocal/assinatura vocal - “É muito importante”. “Uma atitude vocal mais passiva, mais tranquila ou uma atitude vocal mais activa e (...)com mais energia- para construir esse tom e na altura... acaba por ser(...) papel num filme(...)”. “Quantas vezes eu acabo de conhecer uma pessoa que ouço há anos na rádio e pelo tipo de voz parece uma pessoa muito rigorosa e depois não é nada, mas construiu essa imagem vocal e isso é realmente uma coisa muito importante”. “(...)a pessoa é coerente tem uma personalidade vocal bem definida e consegue interpretar esse papel, mesmo que depois a voz não corresponde às pessoas”.

Transfiguração vocal do rádio jornalista consoante o ho-

rário da emissão - “Mas aquela maneira de falar dos programas da manhã não tem nada a ver com aqueles programas que a gente ouve à meia-noite ou à uma da manhã, é mais intimista. Isso é natural, até porque nós mudamos ao longo do dia...quem está a ouvir rádio à noite tem um tipo de predisposição que não é igual ao da manhã. Por isso acho que a atitude vocal é aplicada ao tipo de sensação que a pessoa precisa naquela hora”. “Agora essa transformação vocal supõem também uma atitude mental muito aberta(...)”.

Sensibilidade dos ouvintes ao tom de voz do rádio jornalista/animador - “(...)um dos factores que leva a que se goste da voz, porque a voz consegue apaixonar até(...) As vozes que gostamos somos capazes de estar a ouvir durante horas, a pessoa nem sabe quem é, mas a voz... e realmente acaba por ser criada uma imagem auditiva que nos gera uma aproximação(...)”.

“(...)porque há vozes agudas que nos cativam e há vozes agudas (...) que nos causam repulsa e graves também, tem muito haver se a voz tem(...) um bocadinho de ar e com muito muco, todas estas componentes é que definem depois se a voz é agradável ou é agreste, isso... há tantas cambiantes que depende também do gosto(...)”.

“(...)é claro que o gosto não é universal, embora tenha padrões que agradam a mais pessoas e outros padrões que desagradam(...)”.

“(...)o dizer que a voz é feia é resultante também como a pessoa utiliza todo o que faz a produção sonora(...)”.

A voz como característica mais importante para o desempenho da profissão - “(...)mas creio que é concerteza um factor importante, isso na locução, obviamente, mas tem muito haver com a qualidade da dicção, o timbre em si pode ser bonito, mas é preciso outras coisas, a transmissão da mensagem Quando não é muito bem dita, as pessoas não percebem o que se diz”.

Evolução da utilização da voz na Rádio (contexto nacional)

- "Acho que é mais uma questão de moda(...)" "(...)" a opção da voz na rádio realmente mudou(...)".

"(...)" mas há àqueles jornalistas ou apenas as pessoas que falam nas rádios que realmente são referências e que depois os outros imitam aquela maneira de falar e acaba por haver uma época em que se fala daquela maneira, todos falam há moda do... e depois a certa altura vêem outros que falam doutra maneira e começam a criar os seus discípulos e portanto... nós ouvimos gravações dos anos 60 e agora, até e percebemos perfeitamente o estilo que era naquela altura, a maneira de viver na rádio e o que é hoje(...)".

Factores de análise da entrevista - Glória de Matos

Importância atribuída - "Eu atribuo uma importância fundamental, acho que a voz é uma arma que pode ser usada para o bem ou para o mal, é uma arma que muito pouca gente usa ou sabe usar. Há uma corrente norte-americana ou anglo-saxónica, inglesa e norte-americana que já despertaram para este problema há muito mais tempo do que por exemplo a Europa e daí eles terem muito mais escritos, livros e muito mais coisas, teorias técnicas desenvolvidas à volta da voz(...)".

Componentes da voz - "(...) a voz é composta por todo um ser humano, é um corpo, uma mente e uma voz. A voz é produzida pelo órgão, o aparelho fonador(...)". "(...) mas é muito importante não se pode dissociar a voz do corpo e quando se dissocia sobretudo em rádio é um perigo enorme, porque há pessoas que conseguem isso".

"Mas o que nos interessa é um desenvolvimento total, da voz, da mente, do corpo portanto há uma globalidade é a pessoa toda que melhora na sua comunicação com o outro e não é só a voz, porque isso corria-se o risco de ficar com uma coisa terrível que os ingleses há muitos anos sabem o que é, porque eles tem muito essa tendência de ficar com uma voz sem corpo, isto é uma voz

que não corresponde ao corpo, ao físico ao pensamento que a pessoa tem(...)"

Classificação vocal - "Isso pode, pode-se classificar e há as classificações para já dadas aos cantores e que se dividem em várias categorias, os tenores, os sopranos cada um tem o seu timbre mas que é mais pela tecitura da voz do que propriamente pela classificação que se possa dar à voz(...)"

Influência do tom de voz na compreensão dos conteúdos - "É evidente que existe uma importância no tom de voz, e quando se fala em tom de voz é preciso perceber que tom de voz não é uma voz bonita, nem feia(...)" "(...) porque por vezes essas vozes muito musicais, muito melodiosas são vozes que trazem variadíssimos perigos para a pessoas que a usa, uma delas é o ouvinte ficar preso à melodia ou à musicalidade e não ouvir o que a pessoa diz, por exemplo"

Transformação/construção da voz por parte do profissional - "Pode aperfeiçoar e eles aperfeiçoam ao longo da carreira e de acordo até com as suas personalidades(...)"

Transmissão de sensações como credibilidade, segurança, infantilidade e/ou ingenuidade, consoante o seu tom de voz - "Portanto as vozes têm que ser ajustadas exactamente àquilo que se diz e ao público a que se destina a mensagem e ao objectivo". "E passam sempre para os ouvintes e mesmo que não passem directamente, passam subliminarmente"

Peso da socialização e vivências no tom/tipo de voz - "Determinam completamente. Olhe, por exemplo é o espelho da nossa vida, exactamente, depois pode ser treinada(...)". "Pelo tom da sua voz, as pessoas que cresceram em casas grandes, em famílias grandes e normalmente da provincia falam muito mais para lá do que as outras que vivem em casa pequeninas, onde não se pode

fazer barulho porque se ouve logo na casa de cima".

Atitude vocal/assinatura vocal - "Acho que sim, acho que sim. Não todos, alguns são mais dotados que outros, mas para fazer isso é preciso ter uma grande consciência do seu próprio corpo, da sua própria voz e uma personalidade muito firme, muito afirmada, isso tem haver com a afirmação da personalidade".

Transfiguração vocal do rádio jornalista consoante o horário da emissão - "A maioria das pessoas têm uma atitude errada em relação ao público que as escuta, não é só na Rádio(...)". "(...) tanto faz que as pessoas os percebam ou não, estão-se nas tintas para o público; eu é que sou... Isto é uma pura parvoíce, pura má educação para com o público, porque da duas uma você fala para o público ou não fala. Se fala para alguém é para ser ouvida, é mesmo que aqueles que só sabem falar muito depressa, muito depressa porque são muito rápidos e podem falar muito depressa. É uma pura estupidez! Eu não sei muito bem o que é a postura de uma pessoa diferente que fala de manhã e fala à tarde. Essa coisa que de manhã se tem de falar aos gritos para acordar e à tarde tem de se falar com uma voz muito sonolenta para adormecer as pessoas, eu em princípio acho mal(...)".

Sensibilidade dos ouvintes ao tom de voz do rádio jornalista/animador - "São, são sensíveis ao tom de voz do profissional e antigamente quando não havia televisão havia até grandes paixões das meninas pelos locutores de rádio, porque imaginavam uma pessoa atrás daquela voz e quando a pessoa aparecia não correspondia". "Desligam e mudam de estação muitas vezes(...)".

A voz como característica mais importante para o desempenho da profissão - Então de rádio é completamente(...)".

"A rádio é voz, é som, é ruído, é música, é palavra se não for isso o que é que fica?"

Evolução da utilização da voz na Rádio (contexto nacional)

- "Há. Há para pior. Há essa, mas é das tais coisas. Essa coisa extraordinária de lerem um texto e fazerem que se enganam, ou fingir que não sei quê, ou essa história da gaguez, ou de pessoas que se armam em intelectuais, ou em engraçados, tudo isso é muito pouco profissional".

"Pois é, se calhar lembram-se que ainda fazem com essa tal voz muito carregada, é evidente que uma voz dessas hoje em dia já não têm cabimento". "havia o Artur Agostinho que não tinha nada boa voz e que era um grande comunicador, mas o Artur Agostinho teve um veículo para se lançar que era o futebol. E o futebol é uma área que permite essas coisas. Agora de todos esses que lhe falei, tirando o Dom João da Câmara, nenhum deles tinha aquela voz, pelo contrário".

Anexos F

- Inquérito
- Notícia lida pelos rádio jornalistas para o painel
- Tabelas e quadros do SPSS

Anexo 20 - Inquérito por questionário aplicado em Outubro de 2004

**Universidade Técnica de Lisboa
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas**

O Aspecto Vocal no Rádio Jornalismo

Considerações iniciais

O presente inquérito foi elaborado no âmbito da cadeira de Seminário de Investigação.

Solicitamos a sua colaboração para o preenchimento deste inquérito, pedindo que responda da forma mais sincera possível,

de acordo com a sua opinião.

NOTA: A legenda referente à questão I é a seguinte: MG - Muito Grave; G- Grave; NG/NA – Nem Grave / Nem Aguda; A - Aguda; MA – Muito Aguda.

O questionário é anónimo e os dados são confidenciais.

Ouçã as seguintes vozes (4) e para cada uma preencha as tabelas e responda às perguntas que lhe são colocadas.

I – Classifique a voz que ouviu:

1 2 3 4 5

MG G NG A MA

NA

II – O que lhe transmite esta voz (Assinale apenas três opções)

1. Credibilidade
2. Segurança
3. Proximidade
4. Infantilidade
5. Frieza
6. Clareza
7. Ingenuidade
8. Autoridade

9. Confiança
10. Outra
11. Qual?

Anexo 21 – notícia

Fonte: www.tsf.pt/online/vida/interiorasp?id_artigo=TSF154958
lida pelos rádio jornalistas para o painel

Tribunal Europeu condena Portugal por violar regras – 12/10/04

O acórdão, que condena o Governo português ao pagamento das custas do processo, considera ainda “restritivo” o conceito de despedimento colectivo aplicado em Portugal, ao não abranger uma série de situações que devem ser consideradas como tal.

A acção foi interposta pela Comissão Europeia, que considerava que a lei portuguesa era parcialmente incompatível com a directiva comunitária relativa à aproximação das legislações dos Estados-membros respeitante aos despedimentos colectivos (98/59/CE).

Por isso, em Dezembro de 2000 enviou a Portugal um parecer fundamentado (segunda fase do processo de infracção) para que Portugal corrigisse a situação mas, dois meses passados, a situação manteve-se, pelo que Bruxelas avançou para tribunal.

Em causa está a violação de dois artigos da directiva, nomeadamente o que obriga a que os Estados-membros prevejam “a existência de procedimentos administrativos e/ou judiciais para fazer cumprir as obrigações instituídas pela presente directiva a que possam recorrer os representantes dos trabalhadores e/ou os trabalhadores” em caso de despedimento.

Isto porque, segundo defende a mesma legislação, “deve-se reforçar a protecção dos trabalhadores em caso de despedimento colectivo, tendo em conta a necessidade de um desenvolvimento económico e social equilibrado na Comunidade”.

Ao mesmo tempo, o colectivo, do qual fez parte o juiz português Cunha Rodrigues, ex-Procurador-Geral da República, considerou que a definição de “despedimento colectivo” constante na lei portuguesa não abrange várias situações que devem ser consideradas como tal.

Entre estas, estão os despedimentos efectuados pelo empregador por motivos não inerentes aos trabalhadores, nos casos de declaração de falência ou em processos de liquidação análogos, de expropriação, incêndio ou outros casos de força maior, bem como no caso de cessação de actividade na sequência da morte do empresário.

Anexo 22 – Frequências das variáveis do Inquérito por questionário

F.1 – Frequências simples

F.1 – Frequência da primeira voz masculina

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Gr	7	43,8	43,8	43,8
Ng/Na	8	50,0	50,0	93,8
Agudo	1	6,3	6,3	100
Total	16	100,0	100,0	

F.1 – Frequência da segunda voz masculina

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid MG	1	6,3	6,3	6,3
GR	10	62,5	62,5	68,8
Ng/Na	2	12,5	12,5	81,3
Agudo	3	18,8	18,8	100
Total	16	100,0	100,0	

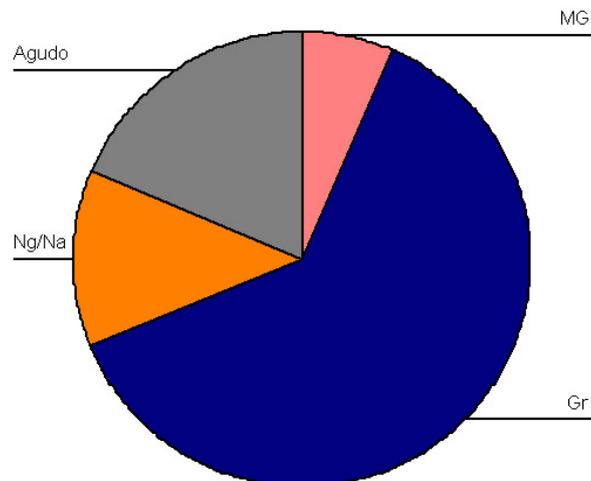
Gráfico 1 - Frequência da segunda voz masculina

Tabela 3 – Frequência da primeira voz feminina

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid MG	1	6,3	6,3	6,3
GR	3	18,8	18,8	25,0
Ng/Na	9	56,3	56,3	81,3
Agudo	3	18,8	18,8	100
Total	16	100,0	100,0	

Gráfico 2 - Frequência da primeira voz feminina

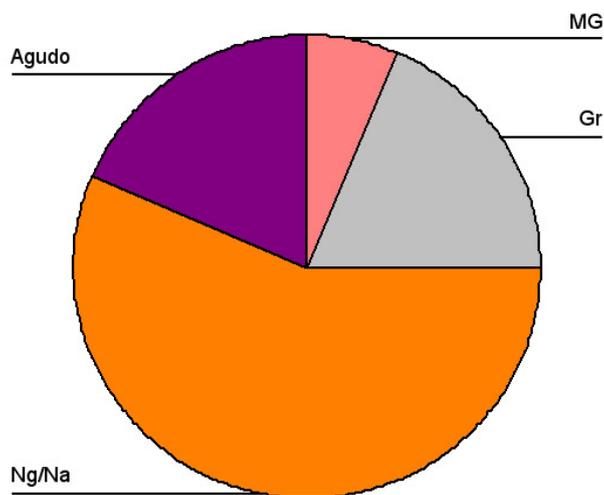


Tabela 4 – Frequência da segunda voz feminina

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Ng/Na	12	75,0	75,0	75,0
Agudo	4	25,0	25,0	100,0
Total	16	100,0	100,0	

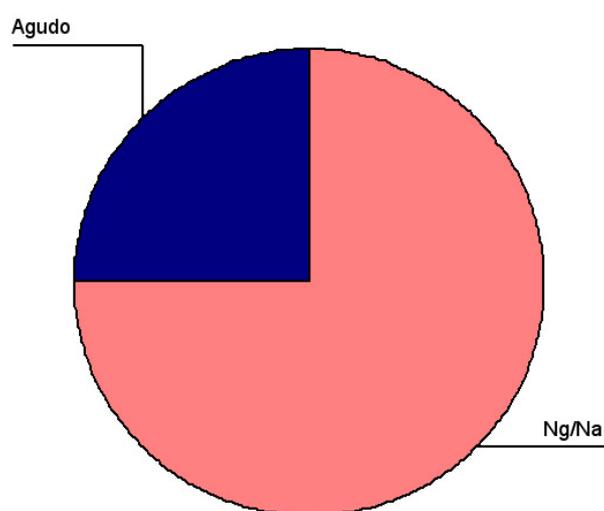
Gráfico 3 - Frequência da segunda voz feminina

Tabela 5 – Sexo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Feminino	7	43,8	43,8	43,8
Masculino	9	56,3	56,3	100,0
Total	16	100,0	100,0	

Gráfico 6 - Frequência do sexo

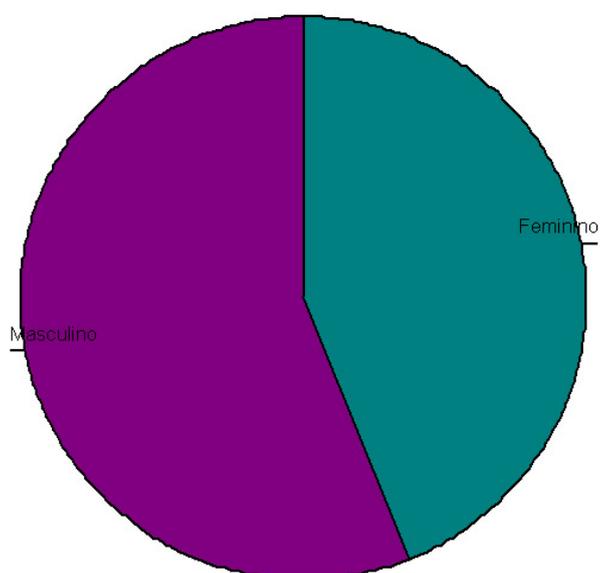


Tabela 6 – Idade

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 18/24	4	25,0	25,0	25,0
25/34	4	25,0	25,0	50,0
35/44	4	25,0	25,0	75,0
45/54	2	12,5	12,5	87,5
55/64	2	12,5	12,5	100,0
Total	16	100.0	100,0	

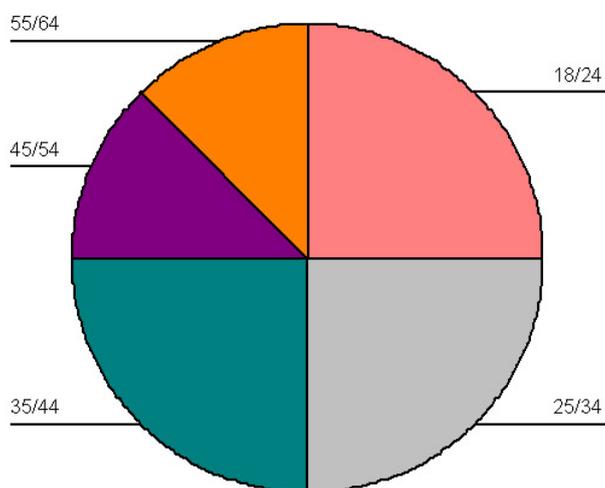
Gráfico 4 - Frequência de idade

Tabela 7 – Habilitações literárias

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
6º ano	1	6,3	6,3	6,3
9º ano	3	18,8	18,8	25,0
11º, 12º ano ou equivalente	4	25,0	25,0	50,0
Curso superior	7	43,8	43,8	93,8
Não responde	1	6,3	6,3	100,0
Total	16	100,0	100,0	

Gráfico 5 - Habilitações literárias

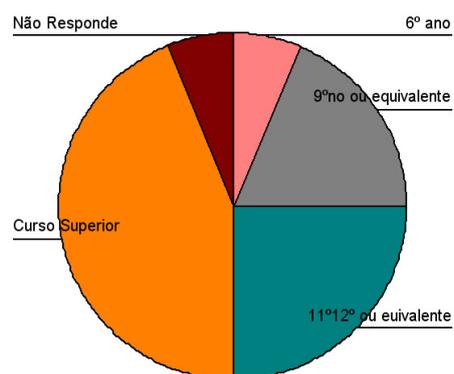


Tabela 8 – Ocupação

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Trabalha	9	56,3	56,3	56,3
Desemprego	2	12,5	12,5	68,8
Procura o primeiro emprego	1	6,3	6,3	75,0
Estudante	1	6,3	6,3	81,3
Doméstica	1	6,3	6,3	87,5
Outros	2	12,5	12,5	100,0
Total	16	100,0	100,0	

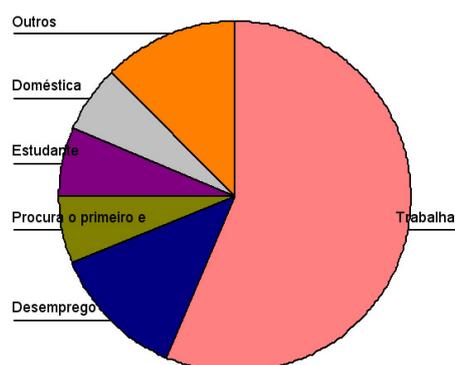
Gráfico 5 - Frequência de ocupação

Tabela 9 – Das vozes masculinas que teve oportunidade de ouvir qual a que lhe agradou mais

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Voz 1	11	68,8	68,8	68,8
Voz 2	5	31,3	31,3	100,0
Total	16	100,0	100,0	

Gráfico 6 - Das vozes masculinas que teve oportunidade de ouvir qual a que lhe agradou mais

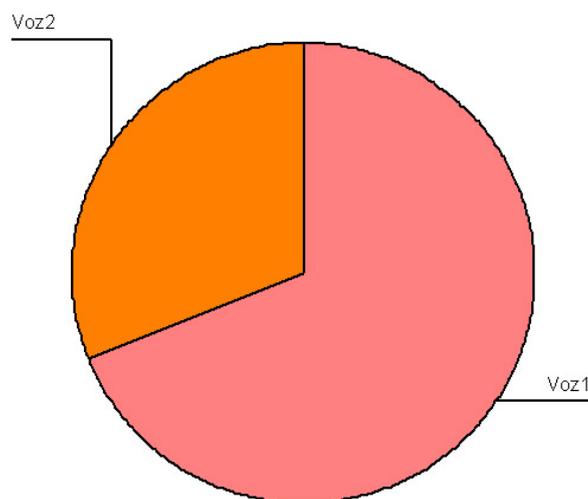


Gráfico 7 - Das vozes femininas que ouviu qual a que lhe agradou mais

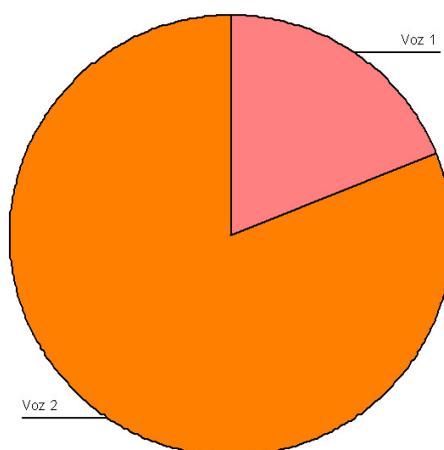
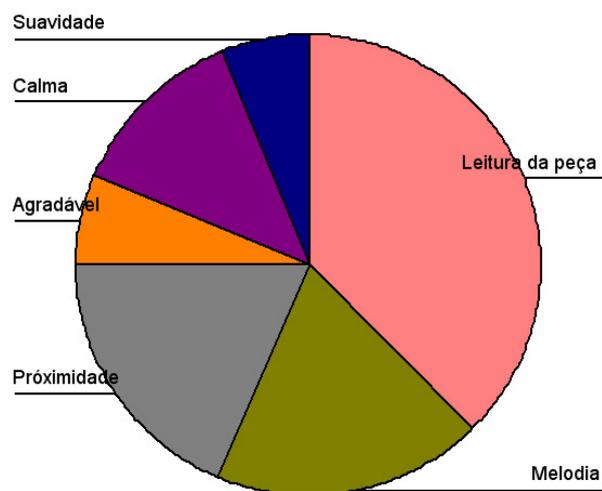


Tabela 10 – Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Leitura da peça	6	37,5	37,5	37,5
Melodia	3	18,8	18,8	56,3
Proximidade	3	18,8	18,8	75,0
Agradável	1	6,3	6,3	81,3
Calma	2	12,5	12,5	93,8
Suavidade	1	6,3	6,3	100,0
Total	16	100,0	100,0	

Gráfico 8 - Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha



Anexo 23 – cruzamentos de variáveis

F.2- Cruzamentos de variáveis

Tabela 11 – Classifique a voz que ouviu cruzada com habilitações literárias - 1ª Voz

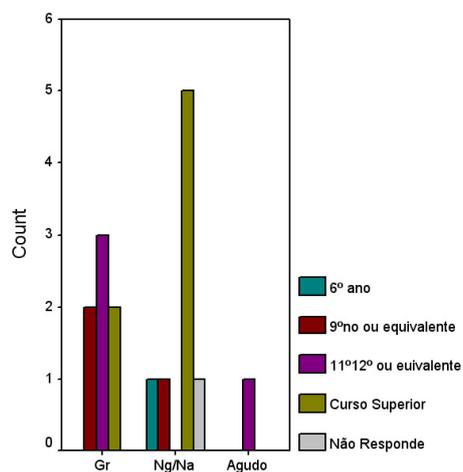
		Habilitações Literárias					Total
		6º ano	9ºno ou equivalente	11º12º ou equivalente	Curso Superior	Não Responde	
Classifique a voz que ouviu	Gr	0	2	3	2	0	7
		,0%	28,6%	42,9%	28,6%	,0%	100%
		,0%	66,7%	75,0%	28,6%	,0%	43,8%
	Ng/Na	,0%	12,5%	18,8%	12,5%	,0%	43,8%
		1	1	0	5	1	8
		12,5%	12,5%	,0%	62,5%	12,5%	100%
	Agudo	100,0%	33,3%	,0%	71,4%	100,0%	50,0%
		6,3%	6,3%	,0%	31,3%	6,3%	50,0%
		0	0	1	0	0	1
Total	,0%	,0%	100,0%	,0%	,0%	100%	
	,0%	,0%	25,0%	,0%	,0%	6,3%	
	,0%	,0%	6,3%	,0%	,0%	6,3%	
Total	1	3	4	7	1	16	
	6,3%	18,8%	25,0%	43,8%	6,3%	100%	
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100%	
Total	6,3%	18,8%	25,0%	43,8%	6,3%	100%	
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100%	
	6,3%	18,8%	25,0%	43,8%	6,3%	100%	

Tabela 12 – Teste do QI Quadrado

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	9,306 ^a	8	,317
Likelihood ratio	11,515	8	,174
Linear-by-linear Association	,345	1	,557
N of Valid Cases	16		

a. 15 cells (100%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,06.

Gráfico 8 - Classifique a voz que ouviu com habilitações literárias - 1ª Voz



**Tabela 13 – Classifique a voz que ouviu cruzada com sexo -
1ª Voz**

			Sexo		Total
			Feminino	Masculino	
Classifique a voz que ouviu	Gr	Count	4	3	7
		% within Classifique a voz que ouviu	57,1%	42,9%	100,0%
		% within Sexo	57,1%	33,3%	43,8%
		% of Total	25,0%	18,8%	43,8%
	Ng/Na	Count	3	5	8
		% within Classifique a voz que ouviu	37,5%	62,5%	100,0%
		% within Sexo	42,9%	55,6%	50,0%
		% of Total	18,8%	31,3%	50,0%
	Agudo	Count	0	1	1
		% within Classifique a voz que ouviu	,0%	100,0%	100,0%
		% within Sexo	,0%	11,1%	6,3%
		% of Total	,0%	6,3%	6,3%
Total	Count	7	9	16	
	% within Classifique a voz que ouviu	43,8%	56,3%	100,0%	
	% within Sexo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	43,8%	56,3%	100,0%	

Tabela 14 – Teste do QI Quadrado

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1,415 ^a	2	,493
Likelihood ratio	1784	2	,410
Linear-by-linear Association	1,253	1	,263
N of Valid Cases	16		

a. 6 cells (100%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,44.

Gráfico 9 – Classifique a voz que ouviu cruzada com sexo - 1^a Voz

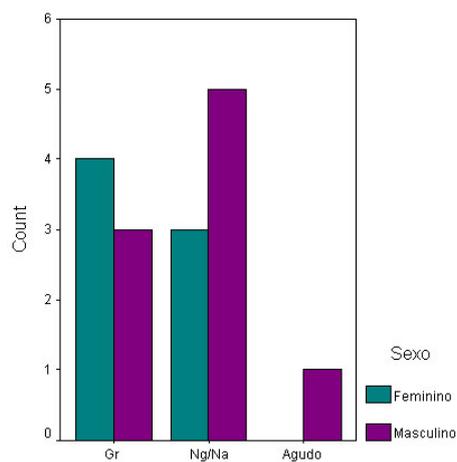


Tabela 15 – Classifique a voz que ouviu cruzada com habilitações literárias - 2ª Voz

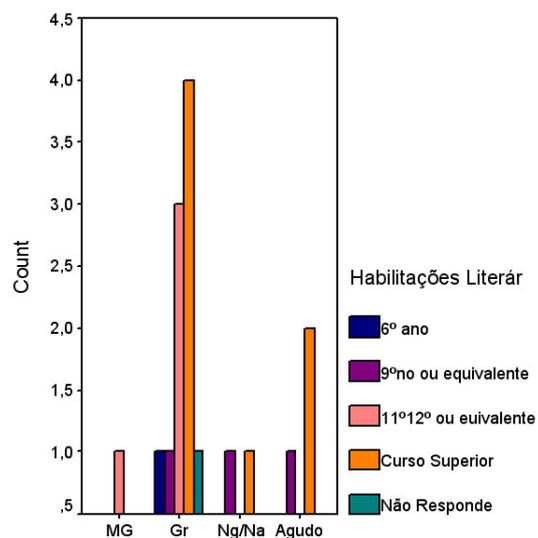
			Habilitações Literárias					Total
			6º ano	9ºno ou equivalente	11º12º ou equivalente	Curso Superior	Não Responde	
Classifique a voz que ouviu	MG	Count	0	0	1	0	0	1
		% within Classifique a voz que ouviu	,0%	,0%	100,0%	,0%	,0%	100,0%
		% within Habilitações Literárias	,0%	,0%	25,0%	,0%	,0%	6,3%
		% of Total	,0%	,0%	6,3%	,0%	,0%	6,3%
	Gr	Count	1	1	3	4	1	10
		% within Classifique a voz que ouviu	10,0%	10,0%	30,0%	40,0%	10,0%	100,0%
		% within Habilitações Literárias	100,0%	33,3%	75,0%	57,1%	100,0%	62,5%
		% of Total	6,3%	6,3%	18,8%	25,0%	6,3%	62,5%
	Ng/Na	Count	0	1	0	1	0	2
		% within Classifique a voz que ouviu	,0%	50,0%	,0%	50,0%	,0%	100,0%
		% within Habilitações Literárias	,0%	33,3%	,0%	14,3%	,0%	12,5%
		% of Total	,0%	6,3%	,0%	6,3%	,0%	12,5%
Agu do	Count	0	1	0	2	0	3	
	% within Classifique a voz que ouviu	,0%	33,3%	,0%	66,7%	,0%	100,0%	
	% within Habilitações Literárias	,0%	33,3%	,0%	28,6%	,0%	18,8%	
	% of Total	,0%	6,3%	,0%	12,5%	,0%	18,8%	
Total	Count	1	3	4	7	1	16	
	% within Classifique a voz que ouviu	6,3%	18,8%	25,0%	43,8%	6,3%	100,0%	
	% within Habilitações Literárias	100,0%	100,0%	100,0%	100%	100,0%	100,0%	
	% of Total	6,3%	18,8%	25,0%	43,8%	6,3%	100,0%	

Tabela 16 – Teste do QI Quadrado

		Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson	Chi-Square	7,625 ^a	12	,814
	Likelihood ratio	8,837	12	,717
	Linear-by-linear Association	0,005	1	,946
	N of Valid Cases	16		

a. 20 cells (100%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,0,6.

Gráfico 9 – Classifique a voz que ouviu cruzada com habilitações literárias - 2ª Voz



**Tabela 17 – Classifique a voz que ouviu cruzada com sexo -
2ª Voz**

			Sexo		Total
			Feminino	Masculino	
Classifique a voz que ouviu	MG	Count	0	1	1
		% within Classifique a voz que ouviu	,0%	100,0%	100,0%
		% within Sexo	,0%	11,1%	6,3%
		% of Total	,0%	6,3%	6,3%
	Gr	Count	4	6	10
		% within Classifique a voz que ouviu	40,0%	60,0%	100,0%
		% within Sexo	57,1%	66,7%	62,5%
		% of Total	25,0%	37,5%	62,5%
	Ng/Na	Count	1	1	2
		% within Classifique a voz que ouviu	50,0%	50,0%	100,0%
		% within Sexo	14,3%	11,1%	12,5%
		% of Total	6,3%	6,3%	12,5%
Agudo	Count	2	1	3	
	% within Classifique a voz que ouviu	66,7%	33,3%	100,0%	
	% within Sexo	28,6%	11,1%	18,8%	
	% of Total	12,5%	6,3%	18,8%	
Total	Count	7	9	16	
	% within Classifique a voz que ouviu	43,8%	56,3%	100,0%	
	% within Sexo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	43,8%	56,3%	100,0%	

Tabela 18 – Teste do QI Quadrado

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	1,507 ^a	3	,681
Likelihood ratio	1,878	3	,598
Linear-by-linear Association	1,198	1	,274
N of Valid Cases	16		

a. 7 cells (87,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,44.

Gráfico 10 – Classifique a voz que ouviu cruzada com sexo - 2ª Voz

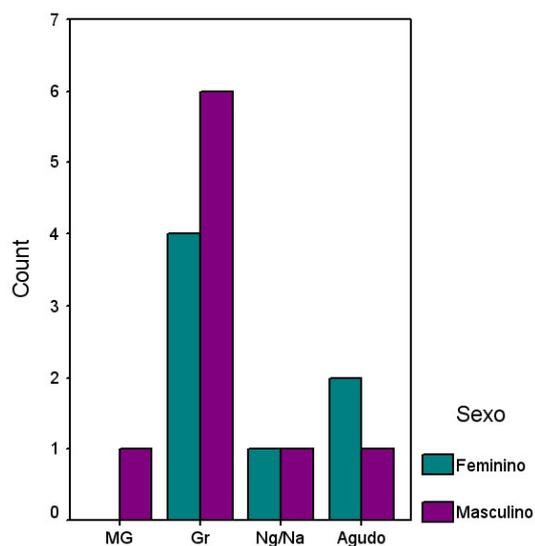


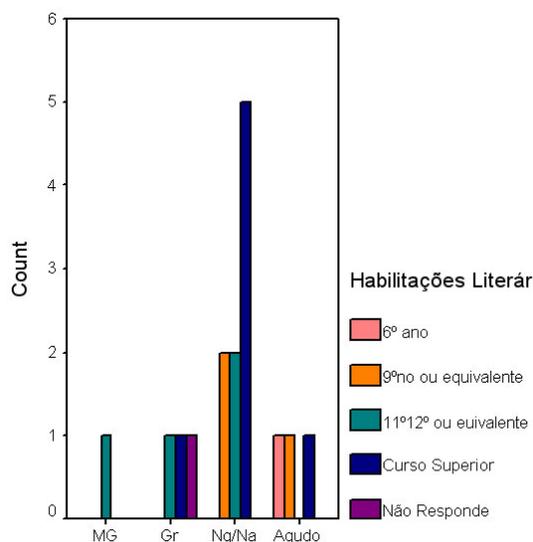
Tabela 19 – Classifique a voz que ouviu cruzada habilitações literárias - 3ª Voz

			Habilitações Literárias					Total
			6º ano	9ºno ou equivalente	11º12º ou equivalente	Curso Superior	Não Responde	
Classifique a voz que ouviu	MG	Count	0	0	1	0	0	1
		% within Classifique a voz que ouviu	,0%	,0%	100,0%	,0%	,0%	100,0%
		% within Habilitações Literárias	,0%	,0%	25,0%	,0%	,0%	6,3%
		% of Total	,0%	,0%	6,3%	,0%	,0%	6,3%
Gr		Count	0	0	1	1	1	3
		% within Classifique a voz que ouviu	,0%	,0%	33,3%	33,3%	33,3%	100,0%
		% within Habilitações Literárias	,0%	,0%	25,0%	14,3%	100,0%	18,8%
		% of Total	,0%	,0%	6,3%	6,3%	6,3%	18,8%
Ng/Na		Count	0	2	2	5	0	9
		% within Classifique a voz que ouviu	,0%	22,2%	22,2%	55,6%	,0%	100,0%
		% within Habilitações Literárias	,0%	66,7%	50,0%	71,4%	,0%	56,3%
		% of Total	,0%	12,5%	12,5%	31,3%	,0%	56,3%
Agudo		Count	1	1	0	1	0	3
		% within Classifique a voz que ouviu	33,3%	33,3%	,0%	33,3%	,0%	100,0%
		% within Habilitações Literárias	100,0%	33,3%	,0%	14,3%	,0%	18,8%
		% of Total	6,3%	6,3%	,0%	6,3%	,0%	18,8%
Total		Count	1	3	4	7	1	16
		% within Classifique a voz que ouviu	6,3%	18,8%	25,0%	43,8%	6,3%	100,0%
		% within Habilitações Literárias	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
		% of Total	6,3%	18,8%	25,0%	43,8%	6,3%	100,0%

Tabela 20 – Teste do QI Quadrado

		Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson	Chi-Square	13,709 ^a	12	,314
	Likelihood ratio	12,704	12	,391
	Linear-by-linear Association	1,833	1	,176
	N of Valid Cases	16		

a. 20 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,06.

Gráfico 9 – Classifique a voz que ouviu cruzada com habilitações literárias - 3ª Voz

**Tabela 21 – Classifique a voz que ouviu cruzada com sexo -
3ª Voz**

			Sexo		Total
			Feminino	Masculino	
Classifique a voz que ouviu	MG	Count	0	1	1
		% within Classifique a voz que ouviu	,0%	100,0%	100,0%
		% within Sexo	,0%	11,1%	6,3%
		% of Total	,0%	6,3%	6,3%
	Gr	Count	0	3	3
		% within Classifique a voz que ouviu	,0%	100,0%	100,0%
		% within Sexo	,0%	33,3%	18,8%
		% of Total	,0%	18,8%	18,8%
	Ng/Na	Count	5	4	9
		% within Classifique a voz que ouviu	55,6%	44,4%	100,0%
		% within Sexo	71,4%	44,4%	56,3%
		% of Total	31,3%	25,0%	56,3%
Agudo	Count	2	1	3	
	% within Classifique a voz que ouviu	66,7%	33,3%	100,0%	
	% within Sexo	28,6%	11,1%	18,8%	
	% of Total	12,5%	6,3%	18,8%	
Total	Count	7	9	16	
	% within Classifique a voz que ouviu	43,8%	56,3%	100,0%	
	% within Sexo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	43,8%	56,3%	100,0%	

Tabela 22 – Teste do QI Quadrado

		Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson	Chi-Square	4,261 ^a	3	,235
	Likelihood ratio	5,746	3	,125
	Linear-by-linear Association	3,230	1	,072
	N of Valid Cases	16		

a. 7 cells (87,5%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,44.

Gráfico 10 – Classifique a voz que ouviu cruzada com sexo

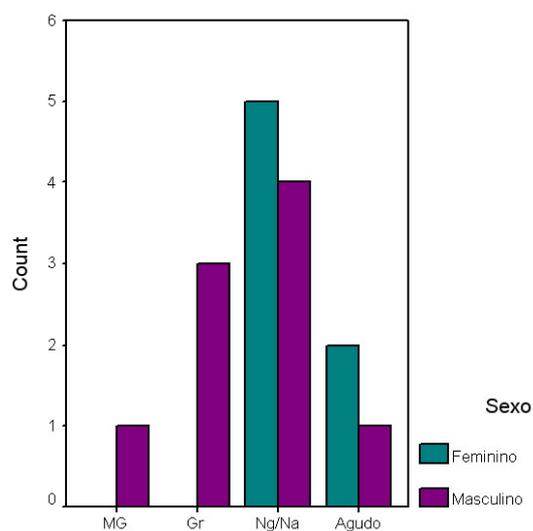


Tabela 23 – O que lhe transmite esta voz cruzada com a idade - 1^a Voz

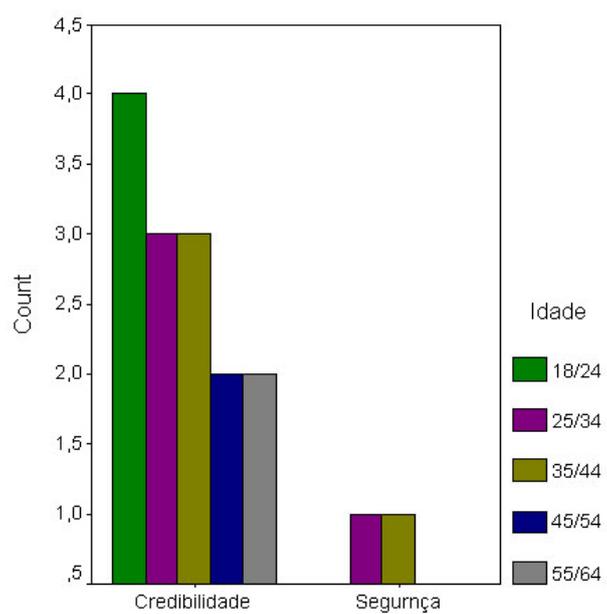
			Idade					Total
			18/24	25/34	35/44	45/54	55/64	
1 O que lhe transmite esta voz	Credibilidade	Count	4	3	3	2	2	14
		% within 1 O que lhe transmite esta voz	28,6%	21,4%	21,4%	14,3%	14,3%	100%
		% within Idade	100,0%	75,0%	75,0%	100%	100,0%	87,5%
		% of Total	25,0%	18,8%	18,8%	12,5%	12,5%	87,5%
	Segurança	Count	0	1	1	0	0	2
		% within 1 O que lhe transmite esta voz	,0%	50,0%	50,0%	,0%	,0%	100%
		% within Idade	,0%	25,0%	25,0%	,0%	,0%	12,5%
		% of Total	,0%	6,3%	6,3%	,0%	,0%	12,5%
Total	Count	4	4	4	2	2	16	
	% within 1 O que lhe transmite esta voz	25,0%	25,0%	25,0%	12,5%	12,5%	100%	
	% within Idade	100,0%	100,0%	100%	100%	100,0%	100%	
	% of Total	25,0%	25,0%	25,0%	12,5%	12,5%	100%	

Tabela 24 – Teste do QI Quadrado

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,286 ^a	4	,683
Likelihood ratio	3,059	4	,548
Linear-by-linear Association	0,019	1	,889
N of Valid Cases	16		

a. 10 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,25.

Gráfico 11 – O que lhe transmite esta voz cruzada com a idade



**Tabela 25 –O que lhe transmite esta voz cruzada com sexo -
1ª Voz**

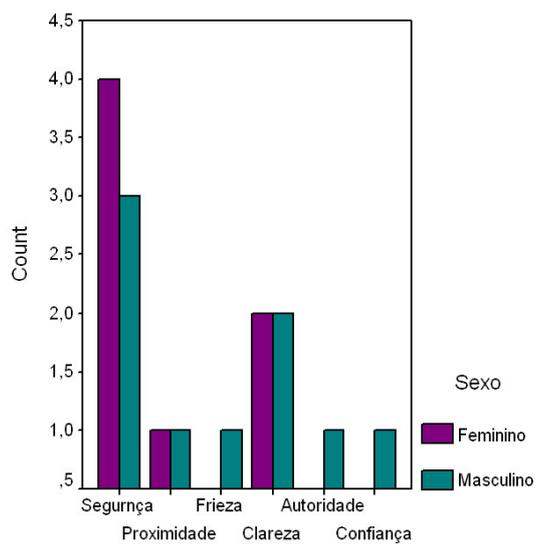
			Sexo		Total
			Feminino	Masculino	
2 O que lhe transmite esta voz	Segurança	Count	4	3	7
		% within 2 O que lhe transmite esta voz	57,1%	42,9%	100,0%
		% within Sexo	57,1%	33,3%	43,8%
		% of Total	25,0%	18,8%	43,8%
	Proximidade	Count	1	1	2
		% within 2 O que lhe transmite esta voz	50,0%	50,0%	100,0%
		% within Sexo	14,3%	11,1%	12,5%
		% of Total	6,3%	6,3%	12,5%
	Frieza	Count	0	1	1
		% within 2 O que lhe transmite esta voz	,0%	100,0%	100,0%
		% within Sexo	,0%	11,1%	6,3%
		% of Total	,0%	6,3%	6,3%
	Clareza	Count	2	2	4
		% within 2 O que lhe transmite esta voz	50,0%	50,0%	100,0%
		% within Sexo	28,6%	22,2%	25,0%
		% of Total	12,5%	12,5%	25,0%
	Autoridade	Count	0	1	1
		% within 2 O que lhe transmite esta voz	,0%	100,0%	100,0%
		% within Sexo	,0%	11,1%	6,3%
		% of Total	,0%	6,3%	6,3%
Confiança	Count	0	1	1	
	% within 2 O que lhe transmite esta voz	,0%	100,0%	100,0%	
	% within Sexo	,0%	11,1%	6,3%	
	% of Total	,0%	6,3%	6,3%	
Total	Count	7	9	16	
	% within 2 O que lhe transmite esta voz	43,8%	56,3%	100,0%	
	% within Sexo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	43,8%	56,3%	100,0%	

Tabela 26 – Teste do QI Quadrado

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,939 ^a	5	,709
Likelihood ratio	4,052	5	,542
Linear-by-linear Association	1,498	1	,221
N of Valid Cases	16		

a. 12 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,44.

Gráfico 12 – O que lhe transmite esta voz cruzada com sexo - 1ª Voz



**Tabela 27 –O que lhe transmite esta voz cruzada com idade -
1ª Voz**

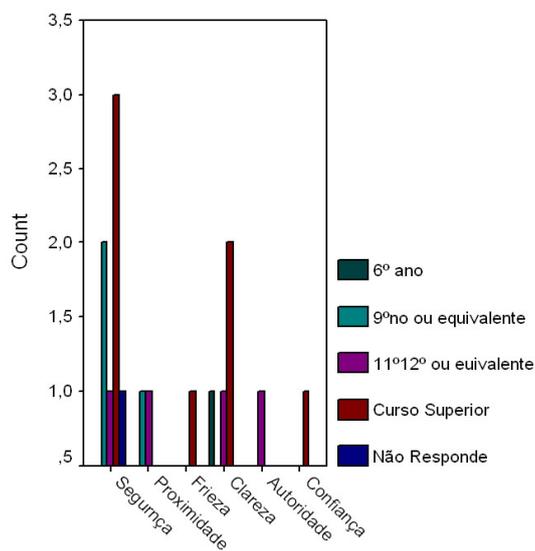
			Idade					Total
			18/24	25/34	35/44	45/54	55/64	
2 O que lhe transmite esta voz	Segurança	Count	2	1	2	0	2	7
		% within 2 O que lhe transmite esta voz	28,6%	14,3%	28,6%	,0%	28,6%	100,0%
		% within Idade	50,0%	25,0%	50,0%	,0%	100,0%	43,8%
		% of Total	12,5%	6,3%	12,5%	,0%	12,5%	43,8%
	Proximidade	Count	1	0	0	1	0	2
		% within 2 O que lhe transmite esta voz	50,0%	,0%	,0%	50,0%	,0%	100,0%
		% within Idade	25,0%	,0%	,0%	50,0%	,0%	12,5%
		% of Total	6,3%	,0%	,0%	6,3%	,0%	12,5%
	Frieza	Count	0	1	0	0	0	1
		% within 2 O que lhe transmite esta voz	,0%	100,0%	,0%	,0%	,0%	100,0%
		% within Idade	,0%	25,0%	,0%	,0%	,0%	6,3%
		% of Total	,0%	6,3%	,0%	,0%	,0%	6,3%
	Clareza	Count	1	2	0	1	0	4
		% within 2 O que lhe transmite esta voz	25,0%	50,0%	,0%	25,0%	,0%	100,0%
		% within Idade	25,0%	50,0%	,0%	50,0%	,0%	25,0%
		% of Total	6,3%	12,5%	,0%	6,3%	,0%	25,0%
	Autoridade	Count	0	0	1	0	0	1
		% within 2 O que lhe transmite esta voz	,0%	,0%	100,0%	,0%	,0%	100,0%
		% within Idade	,0%	,0%	25,0%	,0%	,0%	6,3%
		% of Total	,0%	,0%	6,3%	,0%	,0%	6,3%
Confiança	Count	0	0	1	0	0	1	
	% within 2 O que lhe transmite esta voz	,0%	,0%	100,0%	,0%	,0%	100,0%	
	% within Idade	,0%	,0%	25,0%	,0%	,0%	6,3%	
	% of Total	,0%	,0%	6,3%	,0%	,0%	6,3%	
Total	Count	4	4	4	2	2	16	
	% within 2 O que lhe transmite esta voz	25,0%	25,0%	25,0%	12,5%	12,5%	100,0%	
	% within Idade	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	25,0%	25,0%	25,0%	12,5%	12,5%	100,0%	

Tabela 27 – Teste do QI Quadrado

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	18,714 ^a	20	,540
Likelihood ratio	19,891	20	,465
Linear-by-linear Association	0,65	1	,799
N of Valid Cases	16		

a. 30 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,13.

Gráfico 13 – O que lhe transmite esta voz cruzada com idade



**Tabela 28 –O que lhe transmite esta voz cruzada com sexo -
1ª voz masculina**

			Sexo		Total
			Feminino	Masculino	
3 O que lhe transmite esta voz	Proximidade	Count	0	1	1
		% within 3 O que lhe transmite esta voz	,0%	100,0%	100,0%
		% within Sexo	,0%	20,0%	14,3%
		% of Total	,0%	14,3%	14,3%
	Clareza	Count	2	2	4
		% within 3 O que lhe transmite esta voz	50,0%	50,0%	100,0%
		% within Sexo	100,0%	40,0%	57,1%
		% of Total	28,6%	28,6%	57,1%
	Ingenuidade	Count	0	1	1
		% within 3 O que lhe transmite esta voz	,0%	100,0%	100,0%
		% within Sexo	,0%	20,0%	14,3%
		% of Total	,0%	14,3%	14,3%
	Confiança	Count	0	1	1
		% within 3 O que lhe transmite esta voz	,0%	100,0%	100,0%
		% within Sexo	,0%	20,0%	14,3%
		% of Total	,0%	14,3%	14,3%
Total	Count	2	5	7	
	% within 3 O que lhe transmite esta voz	28,6%	71,4%	100,0%	
	% within Sexo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	28,6%	71,4%	100,0%	

Tabela 29 – Teste do QI Quadrado

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	2,100 ^a	3	,552
Likelihood ratio	2,831	3	,418
Linear-by-linear Association	,018	1	,893
N of Valid Cases	7		

a. 8 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,29.

Gráfico 14 – O que lhe transmite esta voz cruzada com sexo - 1ª voz

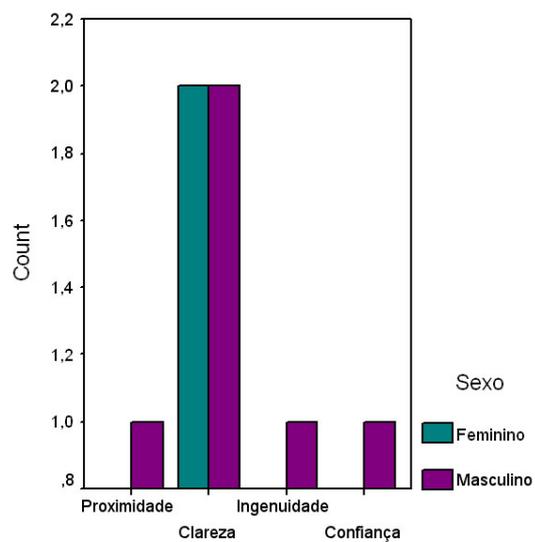


Tabela 30 – O que lhe transmite esta voz cruzada com habilitações literárias - 1ª Voz

			Habilitações Literárias				Total
			9º ou equivalente	11º ^{2º} ou equivalente	Curso Superior	Não Responde	
3 O que lhe transmite esta voz	Proximidade	Count	0	0	0	1	1
		% within 3 O que lhe transmite esta voz	.0%	.0%	.0%	100,0%	100,0%
		% within Habilitações Literárias	.0%	.0%	.0%	100,0%	14,3%
		% of Total	.0%	.0%	.0%	14,3%	14,3%
	Clareza	Count	1	2	1	0	4
		% within 3 O que lhe transmite esta voz	25,0%	50,0%	25,0%	.0%	100,0%
		% within Habilitações Literárias	100,0%	100,0%	33,3%	.0%	57,1%
		% of Total	14,3%	28,6%	14,3%	.0%	57,1%
	Ingenuidade	Count	0	0	1	0	1
		% within 3 O que lhe transmite esta voz	.0%	.0%	100,0%	.0%	100,0%
		% within Habilitações Literárias	.0%	.0%	33,3%	.0%	14,3%
		% of Total	.0%	.0%	14,3%	.0%	14,3%
Confiança	Count	0	0	1	0	1	
	% within 3 O que lhe transmite esta voz	.0%	.0%	100,0%	.0%	100,0%	
	% within Habilitações Literárias	.0%	.0%	33,3%	.0%	14,3%	
	% of Total	.0%	.0%	14,3%	.0%	14,3%	
Total	Count	1	2	3	1	7	
	% within 3 O que lhe transmite esta voz	14,3%	28,6%	42,9%	14,3%	100,0%	
	% within Habilitações Literárias	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	14,3%	28,6%	42,9%	14,3%	100,0%	

Gráfico 15 – O que lhe transmite esta voz cruzada com habilitações literárias

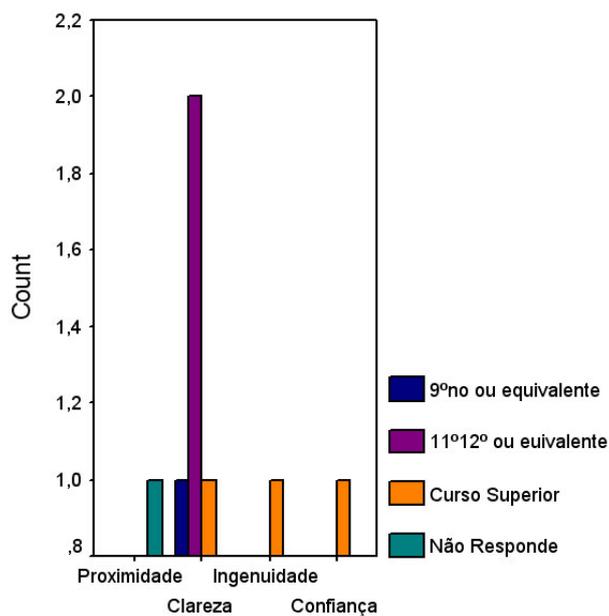


Tabela 31 – Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha cruzada com sexo

			Sexo		Total
			Feminino	Masculino	
Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha	Leitura da peça	Count	3	3	6
		% within Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha	50,0%	50,0%	100,0%
		% within Sexo	42,9%	33,3%	37,5%
		% of Total	18,8%	18,8%	37,5%
	Melodia	Count	2	1	3
		% within Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha	66,7%	33,3%	100,0%
		% within Sexo	28,6%	11,1%	18,8%
		% of Total	12,5%	6,3%	18,8%
	Próximidade	Count	0	3	3
		% within Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha	,0%	100,0%	100,0%
		% within Sexo	,0%	33,3%	18,8%
		% of Total	,0%	18,8%	18,8%
Agradável	Count	1	0	1	
	% within Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha	100,0%	,0%	100,0%	
	% within Sexo	14,3%	,0%	6,3%	
	% of Total	6,3%	,0%	6,3%	
Calma	Count	1	1	2	
	% within Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha	50,0%	50,0%	100,0%	
	% within Sexo	14,3%	11,1%	12,5%	
	% of Total	6,3%	6,3%	12,5%	
Suavidade	Count	0	1	1	
	% within Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha	,0%	100,0%	100,0%	
	% within Sexo	,0%	11,1%	6,3%	
	% of Total	,0%	6,3%	6,3%	
Total	Count	7	9	16	
	% within Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha	43,8%	56,3%	100,0%	
	% within Sexo	100,0%	100,0%	100,0%	
	% of Total	43,8%	56,3%	100,0%	

Tabela 32 – Teste do QI Quadrado

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)
Pearson Chi-Square	5,164 ^a	5	,396
Likelihood ratio	7,021	5	,219
Linear-by-linear Association	,341	1	,559
N of Valid Cases	16		

a. 12 cells (100,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is ,44.

Gráfico 16 – Explique numa frase/sucintamente o porquê da sua escolha cruzada com sexo

